Retales de Masonería

Año 16- Nº 181 – Julio 2026

Haciendo Arte del Arte Real

Retales de Masonería

Año 16 — Nº 181 – Julio de 2026 Haciendo Arte del Arte Real

El contenido de los artículos no refleja necesariamente el punto de vista del equipo de "*Retales de Masonería*" sino única y exclusivamente el de los autores de dichos artículos.

Se distribuye exclusivamente en formato electrónico.

¿Desea recibir notificaciones de nuevos números o información sobre la revista? Solicítelo en el email del coordinador o dese de alta en nuestra lista de MailRelay
Haga clic para ir al formulario de MailRelay

¿Le falta algún número? Descárguelo desde nuestra hemeroteca
Haga clic para acceder a la Hemeroteca

¿Desea colaborar con la revista? ¿Quiere enviar sus trabajos para ser publicados por Retales de Masoneria? Contacte con el coordinador de la revista.

e-mail de la revista: retalesdemasonería@gmail.com
e-mail del Coordinador: coordinador@retalesdemasoneria.com

El contenido se encuentra bajo licencia Creative Commons CC BY-NC-ND 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es

Staff directivo
V.·. H.·. Mario López — España
V.·. H.·. Aquilino R. Leal — Brasil
V.·. H.·. Cesar de Paula — Brasil

Colaboradores destacados
V.·. H.·. Melki-Tsedek — Venezuela
V.·. H.·. Jonás Dias de Souza — Brasil
V.·. H.·. José Ronaldo Viega — Brasil
V.·. H.·. Alfredo Roberto Netto — Brasil.
V.·. H.·. Carlos E. Maurin — Chile

Otros colaboradores
V.·. H.·. Humberto Camejo — Venezuela.
V.·. H.·. Rogerio Vaz de Oliveira — Brasil
V.·. H.·. J. M. Barredo Mandziuk — Venezuela.

Traductores
V.·. H.·. Lázaro Noel Coto — Cuba
V.·. H.·. Fabio Giora — Brasil.

Escanee el QR para acceder a
Blog Oficial Web oficial
retalesdemasoneria.blogspot.com retalesdemasoneria.com

Portada y otras imágenes creadas por César de Paula - E-mail: cesarlpaula@bol.com.br
Mas trabajos disponibles en https://www.renderosity.com/users/gadu

Las imágenes firmadas por Cesar son de su propiedad y ha cedido su derecho de uso a la revista Retales de Masonería. Si usted quiere usar alguna de ellas póngase en contacto con nosotros para obtener el permiso

Editorial

QQ.·.HH.·. todos, a cada uno en su grado y condición y a todos los no masones que nos siguen.

Muchos confunden el camino con la meta. Se aferran al saber creyendo que les eleva sobre los demás; pero es precisamente ahí, en esa sutil sensación de superioridad, donde reside la más completa negación de la auténtica maestría. El ego que muchos más de los que pensamos ostentan por ser "maestros" es, paradójicamente, lo que les invalida para serlo.

El maestro genuino mira al suelo. No por indiferencia, sino por humildad; y sabe que su condición de guía no le hace mejor, sino simplemente alguien que ha caminado más lejos y puede advertir de los precipicios. El falso maestro levanta la mirada para que todos vean su supuesta grandeza, y es ese gesto se le revela como un profano disfrazado.

La paradoja es ineludible: quien se cree maestro por haber alcanzado un título ha demostrado que no ha comprendido nada. La maestría no se proclama, se demuestra. No se exhibe, se ejerce en silencio. Su prueba más evidente es la capacidad de reconocer que todos los caminos genuinos conducen a la misma cumbre.

El verdadero maestro no impone su sendero, sino que ilumina múltiples posibilidades: "Elige el que resuene contigo; te acompañaré, pero no caminaré por ti". Sabe que no hay dos seres humanos iguales, ni dos caminos idénticos.

Que esta reflexión sirva para recordar que el primer paso para ser maestro es dejar de creerse uno. El título más noble no es el que se ostenta, sino el que otros otorgan sin que se haya pedido.

Un T.·.A.·.F.·. y nos leemos el mes que viene

Índice

Masonería moderna, protestantismo y excomunión católica (II) 06
Globalización - integración V/S. cultura y explosión de la información 16
Silentium 23
De profanos y maestros 26
Teoría de un sistema (6 de 6) 30
El Delantal y la Máscara: Reflexiones sobre la "Inimistad Fraterna" 41
El valor del silencio 45
Los doce trabajos de Hercules (I) 46
O lado esotérico da maçonaria (16 de 23) 57
Escritores famosos da Itália e que também eram maçons (VI) – Carlo Collodi (II) 63
Polémicas para livre pensadores (Em que país estou...?) 70
Sete cartas ao Aprendiz - Carta 1 74

Secciones fijas
Polémicas para librepensadores (La tierra tiene unos 5.000 años, según…) 77
Libro del mes (135 Filosofia de la masoneria - Cartas a Constant) 81
Masones célebres (Nathan Roscoe Pound) 82
Diccionario masónico 83
Fotos y documentos antiguos 84
Pasatiempos y soluciones 85
Publicidad 90
En el próximo número 99

Os Olhos da Alma

Não sei quando o amor começou.
Talvez antes do primeiro amanhecer,
quando o universo ainda aprendia
a pronunciar o nome da luz
e o silêncio era a única linguagem de Deus.

Desde então caminhamos.
Uns procurando respostas,
outros inventando perguntas,
como viajantes que atravessam desertos
à procura de uma fonte
que sempre esteve escondida dentro de si.

A vida não é um caminho reto.
É uma estrada feita de curvas,
de encontros que mudam destinos
e de despedidas que ensinam
que até a ausência pode amar.

Há dias em que o céu pesa,
e a esperança parece pequena
diante das sombras do mundo.
Mas é justamente nesses dias
que a alma descobre
que a luz não vem de fora:
ela desperta no coração
que se recusa a desistir.

A verdade nunca corre.
Ela espera.
Conhece o tempo das árvores,
o voo das aves
e o compasso das estrelas.
Só se revela
a quem aprendeu a escutar
o que o silêncio diz.

Quantas vezes olhei com os olhos
e nada vi?
Quantas vezes passei pela beleza
como quem atravessa uma praça vazia?
Foi preciso fechar as pálpebras
para perceber
que a verdadeira visão
não pertence ao corpo,
mas ao espírito.

Os olhos da carne distinguem formas;
os da alma reconhecem essências.
Uns contemplam rostos;
outros descobrem corações.
Uns contam distâncias;
outros anulam todos os espaços
que separam um ser do outro.

O amor...
Ah, o amor não pede licença.
Chega como o vento
que ninguém vê,
mas todos sentem.
Entra devagar,
reorganiza o universo
e muda o nome das coisas.

Depois dele,
o tempo deixa de ser relógio
e passa a ser espera.
As horas já não caminham;
respiram.
Cada instante torna-se infinito
quando o coração encontra
o lugar onde deseja permanecer.

Amar é aceitar
que nunca possuiremos ninguém.
Somos apenas abrigo,
jamais prisão.
Quem ama verdadeiramente
não acorrenta;
abre as mãos
para que o outro permaneça
por escolha.

Talvez seja essa
a mais difícil das verdades:
o amor não cresce na posse,
mas na liberdade.
É pássaro que canta
porque encontrou uma árvore,
não porque foi fechado numa gaiola.

A vida ensina lentamente.
Escreve suas lições
com lágrimas e sorrisos,
com perdas e reencontros.
E só muito tarde percebemos
que cada dor
era também uma porta
para uma compreensão maior.

Há pessoas
que atravessam nossa existência
como estrelas cadentes:
belíssima s,
inesquecíveis,
breves.
Outras permanecem
como constelações,
orientando-nos
mesmo quando a noite é profunda.

A luz...
Não a procures apenas no céu.
Há luz escondida
num gesto de perdão,
num olhar sincero,
num abraço silencioso,
num coração
que prefere compreender
a julgar.

Porque a verdadeira claridade
não elimina a noite;
ensina-nos a caminhar por ela
sem medo.

A verdade não grita.
Não disputa aplausos.
Ela repousa tranquila
na consciência limpa,
na palavra honesta,
na serenidade
de quem nada precisa esconder.

E compreendo,
cada vez mais,
que viver não é acumular dias.
É tornar cada dia
uma oportunidade
de amar melhor.

Vejo agora
que o universo inteiro
É uma grande escola.
As estrelas ensinam permanência.
O mar ensina profundidade.
O vento ensina liberdade.
E o amor...
o amor ensina Deus.

Quando o coração aprende a amar,
os olhos deixam de procurar defeitos
e começam a descobrir milagres.
Até o comum
ganha um brilho inesperado,
como se toda a criação
estivesse renascendo.

No fim da caminhada,
quando o tempo fechar suas portas
e o silêncio envolver todas as palavras,
não perguntarei
quantos caminhos percorri,
nem quantas vitórias alcancei.

Perguntarei apenas
se fui capaz de amar,
se conservei a verdade
mesmo quando ela era difícil,
se mantive acesa a luz
nos dias de tempestade
e se meus olhos
aprenderam a enxergar
aquilo que nunca se vê.

Porque o amor
é a única verdade
que não envelhece.

A vida
é a única viagem
que só encontra sentido
quando é iluminada por essa verdade.

A luz
é o reflexo eterno
de um coração reconciliado consigo mesmo.

E a visão mais perfeita
não pertence aos olhos,
nem à inteligência,
nem ao tempo.

Pertence à alma.
Pois somente a alma,
quando aprende a amar,
é capaz de contemplar
o infinito escondido
na simplicidade de um único coração.

Colaboração do Querido Irmão Fernando Nunes (Brasil)

Masonería moderna, protestantismo y excomunión católica (II)

Por el Venerable Hermano Melki-Tsedek

Resulta paradigmático de que la Masonería es evidentemente la única organización iniciática del mundo que no está ligada a un exoterismo particular. Es por esta razón de que no deberíamos condenar a los Masones por adherirse a cualquiera de los esoterismos existentes en la actualidad, claro está que aquí nos referimos a la parte "exterior" de las organizaciones Tradicionales particulares que actualmente son legítimas, "verdaderas" y vivientes, es decir, que están aún vigentes en este momento y ellas son: el Hinduísmo, el Budismo, el Tao, el Judaísmo, el Islam y por supuesto el Cristianismo; tampoco debemos juzgar a los que deseen incursionar en los "Misterios Mayores"[1] de estas organizaciones tradicionales, en el sentido de una búsqueda legitima que amplíe la búsqueda de un conocimiento Metafísico más allá de lo cosmológico y a lo atinente a los "misterios menores"[2] [3] sin limitar -por supuesto- el interés a su propia tradición que en este caso que nos ocupa refiere a la Masoneria, estudiando, gracias a la "clave" del simbolismo universal, todas las tradiciones de las que pudieran tener conocimiento". Lo que si no se debe consentir es el ingreso de iniciados masónicos en sectas[4] ni en organizaciones antitradicionales[5] y contra-iniciáticas[6].

[1] Los *Misterios Mayores* refieren al estudio de los estados supraindividuales y final conocimiento Metafísico. Conciernen a la "Realización Vertical" hasta alcanzar finalmente el estado supremo de no-condicionamiento. Los *Misterios Mayores* hacen referencia al paso más allá de la forma, es decir, de las condiciones limitativas propias de la Individualidad, hacia el mundo trascendente de la Idea Pura o los Arquetipos, hasta alcanzar la Liberación final mediante la unión con el Sí-Mismo o Identidad Suprema.

[2] Los *Misterios Menores* están referidos al campo de la individualidad o "realización horizontal". El recorrido por los *Misterios Menores* conciernen a un cambio en el interior del dominio de la forma, es decir un cambio que se verifica en el campo de la individualidad y que finaliza con el encuentro del centro de esta individualidad, lo cual permite la reintegración al *Estado Primordial* al final de estos *Misterios Menores*. El *Estado Primordial* es el estado del Hombre no-caído que conserva las prerrogativas de mediador entre el Cielo y la Tierra, es decir entre el mundo Espiritual y el Mundo Material; asociado al paraíso Terrenal recibe también el nombre de Estado *Adámico*.

[3] Aquí se hace necesario hacer una acotación que quizás hasta muchos masones desconocen; la masonería especulativa moderna fundada en Inglaterra en 1717, y que nace como un reflejo invertido de la Masoneria Operativa Antigua, quedo limitada a un estudio meramente teórico de la Doctrina característico de la Iniciación Virtual. Esto se debió a que ella no adopto el Método Operativo de Realización Iniciática, lo que se debe considerar como un proceso degenerativo de la Orden. Esto constituye un real impedimento para el masón especulativo en lograr salir de la iniciación virtual y por consiguiente finalizar el proceso de los misterios menores.

[4] El vocablo *Secta* proviene del Latín *"Sectum"* que significa escisión o separación; es regularmente empleado para referirse a divisiones derivadas de las religiones. En occidente la mayor porción de las sectas provienen de las reformas religiosas iniciadas por Martin Lutero, seguidas por Juan Calvino y Ulrico Zwinglio, denominadas luego como "protestantes" en referencia a la "Protesta de Espira" (1529) que algunos príncipes y ciudades alemanas expresaron en contra del edicto que prohibía las reformas religiosas iniciadas por Lutero. Las sectas protestantes surgidas en el siglo XVI como resultado de la *reforma protestante* se distinguen del Catolicismo y de la Iglesia Ortodoxa por una serie de principios teológicos y prácticos tales como: rechazo a muchos aspectos de la Doctrina Tradicional Cristiana y al el magisterio de la Iglesia Católica y Ortodoxa; no creen en los sacramentos y si mantienen algunos pocos, lo hacen solo a manera de costumbre y de parodia dado a que suprimieron todos los ritos tradicionales cristianos; excluyeron la *Sucesión Apostólica*, es decir, la transmisión regular de facultades, funciones y legitimidad de un Obispo a otro y que tiene que ver con la Cadena que se considera proveniente en forma ininterrumpida desde los Apóstoles *(y por ende desde Cristo)* hasta el presente, importante para todo aquello que posea un carácter verdaderamente Tradicional; suprimieron las ordenaciones sacerdotales y sus vestimentas sagradas, así como muchos símbolos y ornamentos tradicionales; cuestionan doctrinas como la veneración de santos, la autoridad del Papa y la doctrina de la transubstanciación de Cristo en la Eucaristía. Las sectas, en el sentido de separación y escisión, sufren una pérdida cualitativa respecto del tronco del cual provienen. Puede incluso que en el origen de alguna secta se encuentre una vulgarización incomprendida de algún aspecto Esotérico de la Doctrina.

[5] Las organizaciones *antitradicionales* son aquellas cuyas acciones son contraria al *Plan de Dios* tanto en la tierra como en los Cielos, aunque en muchos casos puedan revestir una fachada tradicional para atraer a sus miembros. Ellas nacen como producto de la involución espiritual que acompaña al ciclo descendente de la Humanidad.

[6] Las organizaciones *contra-iniciaciaticas* son aquellas que siguen una corriente opuesta a la Iniciación. Llevan a cabo sus acciones en el dominio de la individualidad incluyendo la Modalidad Psíquica hasta la cual llega su alcance no teniendo acceso al Mundo Espiritual. Tal acción es llevada a cabo de manera consciente por los *magos negros* que pretenden subvertir el orden promoviendo la degeneración y la desviación de los valores Tradicionales.

Mas allá de lo anteriormente planteado, consideramos que se hace necesario hacer una observación que consideramos muy válida; no obstante al libre albedrio, que cada quien juzgue según sus propias convicciones.

El *"Hermetismo"* (como ya lo introducimos hace unas líneas atrás) es el punto de contacto entre la antigua tradición Egipcia, de origen *Atlante*, con todo lo que existe como tradición en Occidente, en donde sin Hermetismo ni siquiera habría tradición, y esto, por cierto, incluye a los iniciados del esoterismo islámico (*Taçawwuf*[7]), tanto como a los *Qabalistas* pero, muy especialmente, a los *Cristianos*, que antes de buscar en otra parte lo que no se les ha perdido, deberían comenzar por respetar, estudiar y cultivar lo que les es propio por derecho. En efecto, a sabiendas de que finalmente cualquier rama se remonta en última instancia a la Gran Tradición Primordial (Protoparadosis[8]), y sin menoscabo de las formas que reconocemos como perfectamente ortodoxas y dignas de nuestro mayor respeto y admiración, *El Cristianismo* es una síntesis muy superior a todas las otras formas que se puedan encontrar en occidente, simplemente porque su estructura debe permitirle permear con el Judaísmo y el Islam de común tronco "abrahámico", pero al mismo tiempo recoger elementos mazdeos, helénicos, egipcios, escitas, celtas, hiperbóreos, y otros elementos tradicionales provenientes de otras formas aún existentes como las de los pueblos Amerindios. Así de completo y universal (verdadero significado de la palabra "Católico") es el Cristianismo.

Es por ello por lo que la *Masonería*, forma iniciática específicamente Occidental, al menos en su forma actual, no puede ser sino *Cristiana* o, mejor aún, *Hermética*, y es ese fondo común lo que le permite ser punto de contacto con todas las demás tradiciones secundarias y derivadas, cosa que no pueden hacer ni la Qabbalah ni el Esoterismo Islámico sin sacrificar su "pureza" y bajo riesgo de grave deformación.

Estos aspectos son buenos aclararlos, dado a que una gran parte del sacerdocio cristiano[9] desconoce estas particularidades que exceden sus ámbitos de competencia religiosa y que reconocen solo a su religión como verdadera, desconociendo la Universalidad Tradicional Primordial, que caracterizada por ser un reflejo del *Orden Total y Principial*, de ella se han generado Tradiciones Secundarias como adaptaciones posteriores de carácter circunstancial en atención a características propias de tiempo y lugar de los individuos a los cuales van dirigidas.

Es cierto que la Masoneria en su estado actual es eminentemente occidental y el Cristianismo también lo es; por otro lado, como ya se indicó, la Masoneria no está atada a ningún exoterismo en particular y el Cristianismo perdió su componente iniciático o esotérico; por ello la atracción entre ambas organizaciones en la edad media era casi orgánica, como un átomo cuando pierde un electrón y se convierte en un *Ion Positivo* busca la unión con un *Ion Negativo* (átomo que ha ganado uno o más electrones), creando enlaces muy fuertes, una poderosa atracción y generando una estructura estable entre ellas; así se describen estas dos organizaciones tradicionales en el Poema Regius; así deberían seguir siendo, pero el proceso degenerativo del presente ciclo humano (Manvantara[10]) dicto sus pautas y la masonería de corte protestante nacida del cisma de 1717 cumplió

[7] *Taçawwuf* es un término empleado por el esoterismo Islámico para designar a la Técnica o ascésis propia de esta Tradición. Aunque de forma general el término pueda traducirse por "Esoterismo", conviene emplearlo de forma exclusiva para referirse al campo de la Tradición Islámica de la misma forma que la palabra *Qabbalah* pese a significar "Tradición", debe reservarse específicamente para designar a la Tradición propia del pueblo Hebreo.

[8] *Protoparadosis* es una palabra compuesta de origen Griego que se emplea para designar a la Tradición Primordial (*paradosis*), es decir, la Tradición llamada Bórea, Hyperbórea o Polar; aquella que es el *prototipo* de todas las que le son secundarias o derivadas.

[9] No confundir con el *Sacerdocio Iniciático* que refiere al Guardián y Transmisor por excelencia de la Tradición. La Casta Sacerdotal o Sacerdocio Iniciático refiere a los Misterios Mayores a los cuales corresponde el estudio de los estados suprain dividuales del Ser hasta alcanzar finalmente el estado supremo de no-condicionamiento.

[10] Un *Manvantara* (termino propio de la Tradición Hindú) refiere a un Ciclo Cósmico Mayor, parte de la subdivisión del *Kalpa*. *Manvantara* significa *"Edad de Manu"* y se subdivide a su vez en 4 ciclos menores llamados *Yugas* (*Krita* o *Satya*, *Trêtâ, Dwâpara* y *Kali*). Contiene cinco "Grandes Años" distribuidos en los *4 Yuga* en una proporción simbólica 4+3+2+1=10 con una duración total aproximada de 64.800 años. Los Yugas son equivalentes respectivamente a las llamadas edades de Oro, Plata, Bronce y Hierro en las cuales, (como simbólicamente representa la pérdida de calidad del metal a ellas asociado), se observa la decadencia en el curso descendente de vida de la actual humanidad terrestre.

sus órdenes. No obstante a todo esto, reiteramos, no se puede penar a un masón, que por cualquier circunstancia o contingencia decida adherirse a cualquiera de los exoterismos existentes en la actualidad (por lo ya explicado en relación a la Universalidad de la Tradición), siempre y cuando sean verdaderos y no la innumerables sectas, falsas organizaciones o pseudo-tradiciones que han nacido y se han multiplicado en la actualidad de esta época oscura (Kali Yuga[11]).

El Esoterismo Cristiano constituye parte de la herencia que ha servido como base de apoyo del Método Operativo de Realización Espiritual Masónico; su doctrina y su Simbolismo, están profundamente enraizados en sus rituales. Sin embargo, es necesario hacer la siguiente digresión: no se trata de una herencia religiosa, nos referimos a la parte interior de la Doctrina Cristiana; un Cristianismo Primitivo que, lejos de ser la religión o la tradición exotérica que se conoce actualmente bajo este nombre, se trata de un Cristianismo que en sus orígenes tuvo, tanto por sus ritos como por su doctrina, un carácter esencialmente esotérico y por consecuencia iniciático; una vía iniciática, que dio origen a diversas ordenes esotéricas cristianas como: la *Massenie du Saint-Graal*, el Templarismo secreto, la Orden Rosacruz y los Fieles del Amor. No en tanto que la Masonería sea heredera de algunos aspectos de los Misterios Cristianos (así como de otras tradiciones vigentes y desaparecidas), esto no significa que la Masonería sea Cristiana en su sentido restringido exotérico, dado a que no se trata de Religión sino de Iniciación y su consecuente esoterismo.

La Masoneria desde sus orígenes, ha recibido la herencia de numerosas organizaciones tradicionales ya desaparecidas, y de otras contemporáneas y vigentes; esas herencias forman parte constitutiva de la propia historia sagrada de la Masonería, de sus mitos y leyendas, que en tanto que símbolos de una realidad suprahistórica y vertical, constituyen vehículos de su actual influencia espiritual. La Masonería, gracias a todas esas herencias, se ha convertido en una especie de Arca donde se ha reunido todo lo que de verdaderamente iniciático ha habido en el mundo occidental; lo que ha traído como consecuencia muy importante de que este "vínculo" de la Masonería con numerosas tradiciones conduce a otra consecuencia también muy significativa. Cuando una organización tradicional está a punto de desaparecer, ésta puede transmitir todo o parte de su doctrina particular a otra organización perteneciente a la misma tradición; pero también puede hacer esta transmisión a la Masonería, puesto que esta última no es extraña a ninguna forma tradicional.

La Masoneria más allá de su naturaleza *Henochniana* y Antediluviana, se ha impregnado de un carácter Judaico, Pitagórico y Hermético que ha constituido su estructura simbólica y ritual; a las cuales se le añadieron en la Edad Media las herencias Cristianas del Temple y de la Orden Rosa-Cruz, siendo ambas determinantes en la configuración de la Masonería actual, en el sentido de que gracias a ellas ha podido seguir conservando su carácter tradicional, habida cuenta del desvalijamiento que sobre los antiguos rituales operativos cometieron los pastores protestantes "modernizadores" del siglo XVIII. Las infaustas acciones de Anderson, Desaguliers y sus oportunistas y complacientes seguidores, hicieron un daño a la Orden Masónica, dadas sus reformas con un talante marcadamente "deísta", claras influencias del pensamiento científico y sus ideas liberales; que comenzaron con una clara descristianización de los rituales operativos originales; así como un proceso de declive de las referencias del simbolismo polar, pitagorismo, tradiciones celta, caldea, egipcia y grecolatina. Sin embargo, es gracias a las acciones de las pocas Logias Operativas que aún se mantienen en el Mundo, que toda esa doctrina al que nos referimos y que representan la esencia masónica, permanezcan aun vivas junto con sus métodos de realización; los cuales no solo son vestigios del pasado, sino también "gérmenes" para el futuro en el sentido del aporte tradicional a la nueva era dorada que está por surgir. Esta capacidad de "reunir

[11] El *Kali–Yuga* es la época de tinieblas y de oscuridades que vive la actual humanidad, caracterizado por el ocultamiento de la Tradición y la mezcla de las castas (hasta su desaparición); tiene su equivalente en la *"Edad de Hierro"* de la Tradición Escandinava o en los *"pies de la Estatua"* en el sueño simbólico de Nabucodonosor en la Tradición Hebrea.

lo disperso" coloca a la Masonería ante una predestinación al servicio de la acción mesiánica de "*separar el trigo de la paja*" que debe efectuarse en vísperas del fin del presente ciclo humano para deshacerse de lo subversivo, degradante, invertido y corrupto; mientras que se asegura y protege lo que debe ser salvado y mantenido.

La severa descristianización de los rituales operativos originales en que incurrieron los oportunistas que organizaron la Gran Logia de Londres, no solo impulsó una decidida defensa de la Tradición por parte de los Masones Operativos de la época; sino que también fue el detonante para que la Iglesia Católica y la Ortodoxa, así como ciertos sectores de la sociedad comenzaran a ver a la Masoneria como un elemento discordante. La postura deísta, racional, panteísta, humanista y reformista de la masonería moderna; pusieron en duda la creencia aceptada en una fe revelada cuya custodia se había confiado a la Iglesia. La inserción de la razón en los aspectos iniciáticos, así como el argumento científico y otros aspectos de la llamada "religión natural" han venido causando mucho daño, cerrando la puerta a la existencia de todo elemento "no humano", y a todo lo relativo al orden supra-racional.

Es necesario reiterar (lo que ya debe ser una noción producto de todo lo que se ha leído hasta aquí), que luego del cisma de 1717, la Masoneria se divide en dos corrientes: una masonería antigua, primitiva, ortodoxa y tradicional, también denominada actualmente *Masoneria Operativa* que mantiene los usos y costumbres que existían antes de 1717, y otra masonería que nace de esta, como una rama desviada, denominada como *masonería especulativa moderna*, que asume una falsa misión social y que está representada a la mayoría de las logias actuales en esta época de oscuridad. Como ya se expresó más arriba, la masonería no se conforma como un solo componente unificado, tampoco existe un líder mundial masónico, lo que podría dificultar en un futuro el ponerse de acuerdo; de cualquier manera, siempre habrá vías que se puedan adoptar; quizás llegando a acuerdos regionales y luego ir avanzando.

Ya en el pasado ha habido algunos acercamientos e intentos, hasta ahora sin ningún acuerdo o resolución a favor del Orden Tradicional. Para el año de 1974, el cardenal Arzobispo de Filadelfia, en búsqueda de algunos caminos al respecto, realizo consulta ante la congregación para la doctrina sagrada de la fe, si la excomunión para los católicos que se afiliaban a la masonería seguía estando en vigor. La respuesta fue un documento que con fecha 19 de julio de 1974, reafirma la postura tradicional de oposición de la Iglesia con respecto a la Masoneria. En este documento, firmado por el entonces prefecto de la Congregación, el Cardenal *Franjo Šeper*, se aclara que la pertenencia a la masonería sigue siendo incompatible con la fe católica, aunque se reconocen algunos cambios en las actitudes y prácticas de ciertas logias masónicas, reconociendo una cierta admisión por parte de la Iglesia católica de que podía haber asociaciones masónicas que no conspiraba en algún sentido contra la iglesia y mostrando una disposición a evaluar las circunstancias particulares de las logias, esto último no se llevó a cabo.

Sin embargo a lo anterior, se generó un clima generalizado de acercamiento y ciertas dudas sobre el tema comenzaron a plantearse, en especial en la Conferencia Episcopal alemana que entro en dialogo con algunas logias dispuestas a un acercamiento con la iglesia; este dialogo duró casi 6 años, desde 1974 a 1980, no obstante, la Conferencia Episcopal alemana respondió con un documento concluyente de que las relaciones entre masonería con la Iglesia católica son inconciliables. Ese documento expresaba que la pertenencia a la masonería cuestiona los fundamentos de la existencia cristiana. Las principales razones alegadas referían a una cosmología o visión del mundo de los masones no unitaria, relativa, subjetiva, no armonizada con la fe cristiana; un concepto de verdad relativista que niega -según la iglesia- un conocimiento objetivo de la verdad, incompatible con el concepto católico. Aquí se hace necesario realizar algunas aclaratorias y dejar claras algunas concepciones doctrinales quizás no muy bien manejadas por algunas individualidades del clero católico.

Es cierto de que existe una Verdad Absoluta y esta refiere a la Divinidad, la Masoneria comparte este aspecto de la Doctrina junto con el resto de las Tradiciones que se mantienen vivas en el Mundo en la actualidad. Sin embargo es necesario tomar en consideración, que como producto del proceso degenerativo moti-

vado al desarrollo descendente del actual ciclo humano, ha provocado que esta Verdad Una se haya dispersado en múltiples verdades relativas, lo que es parte de la ilusión de "separatividad", estas verdades relativas se hayan disgregadas entre las diferentes doctrinas particulares y es por eso por lo que un proverbio masónico reza que *"hay que reunir lo disperso"* para llegar a esa Verdad Absoluta y así poder "Difundir la Luz". Así que no es cierto que en Masoneria se cree o se profesa una verdad relativista; por el contrario, se admite una Verdad Absoluta con la peculiaridad de que en esta época de oscuridad esta dispersa, lo que significa que hay que "buscar" y "unir las partes" para llegar a la *"Verdad Una"*. Toda Doctrina Tradicional Verdadera -donde se incluye la Doctrina Masónica- es siempre una expresión de La Verdad; el problema es que no todos la entienden, y aquí nos referimos no solo a un alto porcentaje del clero católico, sino también a un grupo muy elevado de los propios iniciados masones.

Lo que si es cierto y es necesario aceptar, es que dentro de la mayoría de las logias masónicas especulativas modernas, se ha creado un ambiente de relativismo y subjetividad producto de la inclusión del falso principio (no masónico, no tradicional) de la "tolerancia" que ha degenerado en un peligroso "libre pensamiento", permitiendo el ingreso a las logias, de las creencias más quiméricas que jamás se han visto en tiempo alguno, entre ellas: creencias liberales y progresistas. Esto no es masonería, la Logias Primitivamente Operativas que se mantienen actualmente con sus columnas levantadas, no reconocen a la tolerancia como un principio, dado a que todo principio, para ser tal, debe ser UNICO y Absoluto, no sujeto a la interpretación individual.

Retomamos la secuencia histórica de las relaciones Masoneria – Iglesia; en el sentido de que producto de los diálogos entre la Conferencia Episcopal alemana con algunas logias entre los años 1974 a 1980, se dio también como consecuencia que en el año 1981 la congregación para la doctrina de la fe pública volviera a firmar una declaración reafirmando la postura tradicional de la Iglesia Católica sobre la incompatibilidad entre la fe católica y la pertenencia a la masonería. Este documento aclaró que, a pesar de ciertas interpretaciones erróneas surgidas después del Concilio Vaticano II, la prohibición para los católicos de unirse a logias masónicas seguía vigente; aclarando confusiones causadas por interpretaciones ambiguas del Código de Derecho Canónico de 1917. La declaración de 1981 -de la que ya evidenciamos al comienzo- fue una preparación para el pronunciamiento definitivo del nuevo Código de Derecho Canónico de 1983 que es el último, y sería firmado por el entonces prefecto de la Congregación para la Doctrina de la Fe, el Cardenal Joseph Ratzinger (futuro Papa Benedicto XVI). En ella se señala que el criterio de la Iglesia no ha variado en absoluto con respecto a las anteriores declaraciones.

Lo cierto es que la relación de la Iglesia con respecto a la masonería luego del cisma de 1717 se ha mantenido tensa hasta la actualidad. Y la pregunta que nos podemos formular es:

> *¿Qué ha pasado con esa relación pura que existía en el pasado y que se nos comenta el Poema Regius de 1390 donde la observancia de los mandamientos de Dios y el respeto a la Iglesia, destacaban la conexión entre la espiritualidad y la labor; así como reflejaban la marcada importancia de los gremios de constructores y su conexión con los aspectos religiosos católicos?*

Como ya se ha esbozado en anteriores comentarios del presente escrito, las tensas relaciones entre el Catolicismo y la Masoneria tiene un antecedente muy bien definido, nos referimos aquí al "movimiento protestante" que nace en el siglo XVI como una reforma dentro de la Iglesia Católica, impulsado principalmente por el descontento con ciertas prácticas eclesiásticas y la corrupción percibida en la jerarquía de la Iglesia, lo que marca el inicio de la Reforma Protestante que criticaba principalmente a la venta de indulgencias y la corrupción de la iglesia. Este movimiento fue liderizado por el monje alemán *Martín Lutero*, quien en 1517 publicó su tesis cuestionando la venta de indulgencias y otras prácticas de la Iglesia.

Es claro de que uno de los mayores errores de la reforma protestante fue el de no separar a los hombres de la doctrina, entendiendo a esta última como el conjunto de conocimientos propios de cualquier tradición secundaria o derivada de la Tradición Primordial y que por esto último se considera "Verdadera", y la Tradición Cristiana lo es (tanto en su vertiente Católica Apostólica Romana como en el Cristianismo Ortodoxo) y como tradición verdadera es "infalible", queriendo significar esto de que es incuestionable dado a su *"Origen No-Humano"* o -dicho de otro modo- a su proveniencia del mundo Espiritual.

En base a lo anterior, una de los aspectos que se deben tener muy en claro es que una cosa es la Doctrina y otra son los hombres que tratan de incursionar en ella; esta particularidad da origen -en forma muy general- a tres (03) tipos de hombres con bases a sus entendimientos: Así que han existidos hombres celebres que buscando a la doctrina, la entiende, la hacen suya, crecen con ella y la transmiten (en el caso de la doctrina tradicional esotérica o iniciática, solo a aquellos que están cualificados para recibirla). Existe un segundo grupo de hombres que la entienden a media y por ello la modifican y la deforman creando degeneración, rompimientos, divisiones y disidencias; en este caso no es que la doctrina queda mutilada o desnaturalizada, ¡No!, ella solo se "esconde" tal como lo hace alguien que no desea ser maltratado; la doctrina se mantiene intacta e intachable, pero el "degenerador" -que entiende la doctrina a media- altera lo que él cree que es la doctrina, crea una pseudo doctrina e instaura así confusión y desorden, generando -al mismo tiempo- desconciertos y anarquía; con el tiempo se crean otras corriente de aquella degenerada que pugnan -entre ellas mismas- por una verdad que ya ninguna tiene. Hay un tercer grupo que no la entiende y por ello la ataca y la desprestigia; son precisamente estos últimos los que son usados por los "magos negros"[12] en sus planes para subvertir el orden, promover la degeneración y la desviación de los valores Tradicionales, lo que promueve la involución espiritual que acompaña al ciclo descendente de la Humanidad, especialmente en esta última parte del ciclo cósmico caracterizado por su oscuridad (Kali Yuga en fase avanzada) que provoca el ocultamiento de la Tradición.

Estamos claros entonces de que la doctrina es infalible y el hombre es imperfecto; es así como siendo la Doctrina una expresión de la "Verdad", solo aquel hombre que posee un conocimiento efectivo de ella está amparado por tal condición de infalibilidad. Hablamos de aquel hombre que habiendo llegado al final de los misterios menores[13], logra la "Perfección del Estado Humano" lo que solo es posible a través de la iniciación; es así, que en el campo del exoterismo -que abarca el campo religioso- solo por una Gracia del Espíritu Santo, se podría lograr tal perfección, lo que es muy remoto en Kali Yuga[14] y en la época de la reforma, esta época oscura que vivimos ya estaba en su estado avanzado.

La Doctrina Cristiana por proceder de la Tradición Primordial, no tiene en absoluto nada que ver con la forma de vida de los humanos, ni de un modo de pensar, ni siquiera de normas de moralidad que nos dicen como vivir. Ella va mucho más allá de las épocas, de los arquetipos sociales, dada su peculiaridad de ser un conocimiento espiritual de carácter trascendente y de principios eternos, características no exclusiva de la

[12] Los magos negros son parte de la huestes satánicas que conscientemente forman parte del plan antitradicional y contra iniciático.

[13] Los Misterios Menores refieren al campo de la individualidad y del proceso de "realización horizontal" que culmina cuando se halla el punto central de tal Individualidad, logrando la restauración del estado Primordial y con ello la perfección del estado humano

[14] El Kali Yuga o época oscura comenzó en términos terrestres y muy generales hace casi 6.470 años.

Tradición Cristiana, sino de toda doctrina derivada de la Tradición Primordial. Es cierto que la Tradición fue dada a los "hombres" pero también es cierto de que no depende de ellos para que exista. Es por este motivo que nada puede ser quitado, ni agregado en la Tradición; y eso fue lo que precisamente hizo la "reforma" con la Tradición Católica. Reforma significa innovación, transformación, cambio y modificación, lo que precisamente no se puede hacer con nada de lo que tenga esencia Tradicional por estar amparada en su condición de Principio Eterno y formar parte de los modelos arquetipos que no puede ser cambiados sin producir degeneración. La Doctrina Tradicional solo puede ser objeto de adaptaciones en función a elementos de tiempo y lugares específicos, y esos arreglos serán validos solo si también tienen un origen no humano que mantenga un conocimiento vivo que incluya a la sabiduría, al principio vivificante de la creación y de lo que está más allá de esta.

Lo anterior se hace necesario para que se entienda de la manera más clara de que la "reforma protestante" fue un error en el sentido de que en vez de cuestionar al hombre, impugno a la Doctrina, trayendo esto como consecuencia falsos enfoques teológicos, cismas, divisiones y rompimiento con la Iglesia Católica, lo que dio lugar a un sin número de "sectas" que siguen reproduciéndose hoy día de una manera geométrica. La tesis de Martin Lutero fue seguida por otros reformistas como Juan Calvino que estableció en Ginebra un sistema teocrático rígido, llegando incluso a perseguir y ejecutar a disidentes. Calvino fue influenciado por el movimiento reformista luterano y se convirtió en uno de los principales teólogos de la Reforma, estableciendo ideas centradas en la "predestinación", es decir, la idea de que Dios ya ha determinado quién será salvo, siendo esta la base del credo calvinista. Paralelamente entra en el "juego" Ulrico Zwinglio, un reformador suizo que trabajó en paralelo a Lutero, pero con ideas teológicas distintas. Zwinglio promovió reformas radicales en la liturgia, eliminando imágenes y simplificando los cultos; difería de Lutero en temas como la Eucaristía y su movimiento fue un precursor del calvinismo.

En este "caldo de cultivo" entra Thomas Cranmer, quien fue una figura clave en la Reforma inglesa bajo el reinado de Enrique VIII, quien como arzobispo de Canterbury, apoyó la separación de la Iglesia de Inglaterra de la autoridad del Papa, estableciendo la liturgia anglicana. Por otro lado**,** Juan Knox en Escocia influido por Calvino, trabajó para establecer el protestantismo en ese país, lidera una lucha contra el catolicismo y funda la Iglesia Presbiteriana de Escocia de donde más tarde nace el pastor Jame Anderson, líder fundador de la masonería moderna.

Felipe Melanchthon en Alemania colabora con Lutero y consolida la teología luterana al redactar la *Confesión de Augsburgo* (1530), documento clave del luteranismo. En los Países Bajos, Menno Simons lidera un movimiento denominado los "anabaptistas" que fue una de las ramas más radicales y distintivas de la reforma protestante. Este movimiento surge en el siglo XVI y se caracterizó por su rechazo a las prácticas y doctrinas tanto de la Iglesia Católica como de otros movimientos reformistas como el luteranismo y el calvinismo. Aquí ya podemos apreciar como los primeros movimientos nacidos de la reforma comienzan a atacarse unos con otros. Aunque el movimiento anabaptista nace en Suiza (1525) como una extensión de las ideas reformistas de Ulrico Zwinglio, pronto se separaron de él por desacuerdos doctrinales. El término "anabaptista" significa "rebautizador," ya que uno de sus principales postulados era el rechazo al bautismo infantil y la práctica del bautismo de adultos. Los anabaptistas fueron considerados radicales tanto por la Iglesia Católica como por otros reformadores como Lutero y Zwinglio, quienes veían sus ideas como peligrosas y desestabi-

lizadoras. Los anabaptistas hicieron énfasis en la libertad de conciencia, vicio que más tarde se traslada a la masonería moderna[15]. Este movimiento -siguiendo el énfasis antitradicional de la división y multiplicación- derivo en otros tres movimientos como lo son los Menonitas, los Amish y los Huteritas[16].

Consecuentemente, este movimiento anabaptista, está estrechamente relacionado con el rol de los reyes de los Países Bajos en el derrocamiento de Jacobo I en el Reino Unido y la Revolución Inglesa. Jacobo (I de Inglaterra y VI de Escocia) fue el último rey Católico del Reino Unido, protector de la Masoneria Jacobita, más tarde Escocesa. Su reinado se caracterizó por tensiones religiosas, dado a que siendo el rey, un defensor de la autoridad real sobre el Parlamento y siendo este ultimo de mayoría protestante, comenzaron a aparecer conflictos entre ambas partes. Jacobo I intentó mantener el equilibrio entre los católicos y los protestantes anglicanos, pero el sectarismo de los puritanos[17] y otros grupos disidentes, como los anabaptistas y los presbiterianos, aumentó las tensiones.

Los Países Bajos que se encontraban en una lucha constante en contra del reino Católico de España, permitieron y promovieron una alineación cada vez más estrecha con los movimientos protestantes europeos. Es así como los anabaptistas, aunque inicialmente perseguidos por los católicos y los protestantes reformados (como los luteranos y calvinistas), encontraron un refugio relativo en los Países Bajos. Esto se debió a que las autoridades de los Países Bajos eran más tolerantes hacia la diversidad religiosa, en comparación con otros territorios, debido a su lucha contra el catolicismo.

En el siglo XVII, dadas las pugnas entre el rey Jacobo I y el Parlamento, ocurrió la Revolución Inglesa (1642-1651). Durante este tiempo, Guillermo de Orange, príncipe de los Países Bajos, desempeñó un papel crucial, se casó con María II, hija de Jacobo II de Inglaterra, y en 1688, durante la Revolución Gloriosa, Guillermo -con apoyo de sectores parlamentarios- derrocó a Jacobo II, quien había tratado de restaurar el catolicismo en Inglaterra. El rey legítimo es depuesto y los ejércitos holandeses de la Casa protestante de los Hannover-Orange invaden Inglaterra y el príncipe Guillermo de Orange usurpa las coronas de Escocia e Inglaterra unidas. Como consecuencia de todo esto, se reanudaron las guerras civiles británicas, contra los ejércitos invasores, y comenzó una serie de alzamientos militares a manos de los ejércitos llamados *"Jacobites*", en honor del rey James. Los *"Jacobites*" agrupaban indistintamente a escoceses de las Highlands y las Lowlands, a irlandeses, galeses e ingleses unidos contra el invasor extranjero en defensa de la dinastía legítima.

[15] La "libertad de consciencia" esta emparentada con la práctica del "libre pensamiento" y la tolerancia. La iniciación y los valores de la doctrina esotérica implican algo muy distinto a la "libertad de conciencia"; esta les ha abierto las puertas de los templos al punto de vista profano, y los más peligroso es que en muchos casos, erradas perspectivas o enfoques tradicionales equivocados en Logia, son aceptados como válidos. Es necesario reflexionar de que la "libertad de conciencia", es una actitud específicamente moderna y profana, que nace de las sectas protestantes como un germen de división y que consiste en conceder a no importa cuál error, los mismos derechos que a la "Verdad". La "libertad de conciencia" degenera en tolerancia como una manifestación expresa del espíritu antitradicional y de ausencia del orden doctrinal. La consciencia es manifiestamente aquello por lo que el ser individual participa de la inteligencia universal; es así como -la consciencia- entendida en su sentido más general, no puede ser considerada como propia del ser humano en cuanto tal, ni como algo susceptible de caracterizarle y diferenciarle del resto de los seres. La consciencia no es facultad mental a la que pertenece propiamente el pensamiento individual, que es de orden formal e individual (incluidos ahí tanto la razón como la memoria y la imaginación); de otra forma se podría decir que la facultad mental no es en absoluto inherente al intelecto trascendente asociado a la consciencia, dado a que ambos son atributos esencialmente informales, más allá del libre albedrio. La consciencia, en su forma más general y sin restringirla a su forma específicamente humana, no es más que un modo específico de conocimiento. Consciencia es conocimiento directo y Verdad, que son "aspectos del Infinito"; es así como no podemos apelar a la grotesca hipótesis de una "pluralidad de consciencias", dado a que muchas de ellas apuntarían en direcciones diferentes, muchas de ellas alejadas de la "Verdad".

[16] No es la intensión en este escrito, explicar y desarrollar cada uno de los movimientos protestantes, lo que se desea resaltar es el proceso de dispersión como consecuencia de la reforma

[17] Los puritanos fueron un grupo dentro del protestantismo reformado que surgió en Inglaterra durante el siglo XVI y XVII. Su nombre proviene de su deseo de "purificar" la Iglesia de Inglaterra de lo que consideraban restos de la Iglesia Católica y de la ceremonialidad que aún persistía en la liturgia anglicana. Los puritanos tenían una visión estricta y radical de la fe cristiana y querían una reforma más profunda en comparación con las reformas propuestas por Martín Lutero o Juan Calvino.

Las Logias militares *"Jacobites"*, especialmente las de las Highlands, acompañaban a los ejércitos en sus campañas y practicaban un tipo de Masonería Caballeresca y Templarista distinta de la meramente obrera imperante en Londres. Por lo anterior, se comprende fácilmente que la situación de la Masonería londinense era, cuanto menos, sospechosa de Jacobitismo ante los ojos de los nuevos monarcas usurpadores. Esta es la verdadera causa del cisma operado por el pastor Anderson, capellán de la Logia *"St. Paul"* (no iniciado masón y solo asistente a ciertas partes de los Trabajos en los dos primeros Grados), para crear una neo-masonería filo-protestante y cercana al poder extranjero reinante.

Es interesante recordar que Londres se había convertido en un centro muy importante del protestantismo europeo sobre todo por la gran cantidad de Hugonotes franceses[18] exiliados en esta ciudad luego de la Revocación del Edicto de Nantes[19] (1685). Dentro de este grupo cabe destacar a el clérigo calvinista de origen francés, Juan Teófilo Desagulliers, Hijo de un pastor protestante que como consecuencia de las persecuciones contra las reformas religiosas del reinado de Luis XIV, abandona Francia para establecerse en Inglaterra; fue Desagulliers junto con el pastor Anderson, uno de los fundadores de la masonería moderna en Inglaterra descristianizada y al servicio de la alianza protestante que se formó a raíz del Golpe de Estado de Guillermo Orange en 1688. Al subir Guillermo de Orange al trono de Inglaterra, los calvinistas resultaron dueños de la situación. La burguesía y la nobleza aburguesada que simpatizaba con los presbiterianos se apoderaron del gobierno. Los republicanos, quedaron excluidos de la participación en esa nueva administración, al igual que los Católicos Apostólicos Romanos, que caracterizaba a las dinastías gobernantes de Escocia, Irlanda e Inglaterra en la edad media, que apoyaban y eran protectores de la Masoneria.

La Masonería Escocesa Jacobita y legitimista fue, militar y políticamente, aniquilada en la matanza ocurrida luego de la sangrienta batalla de Culloden-Moor (1746) cuando sus miembros fueron perseguidos hasta su exterminio. Su Gran Maestre, sir Charles Ratcliffe, Lord de Derwentwater, fue capturado luego de la derrota y decapitado, junto con otros Oficiales, el 8 de diciembre de ese mismo año en la Torre de Londres.

Próximo número: Masonería Moderna, Protestantismo y Excomunión Católica (y III)

El autor
Melki-Tsedek

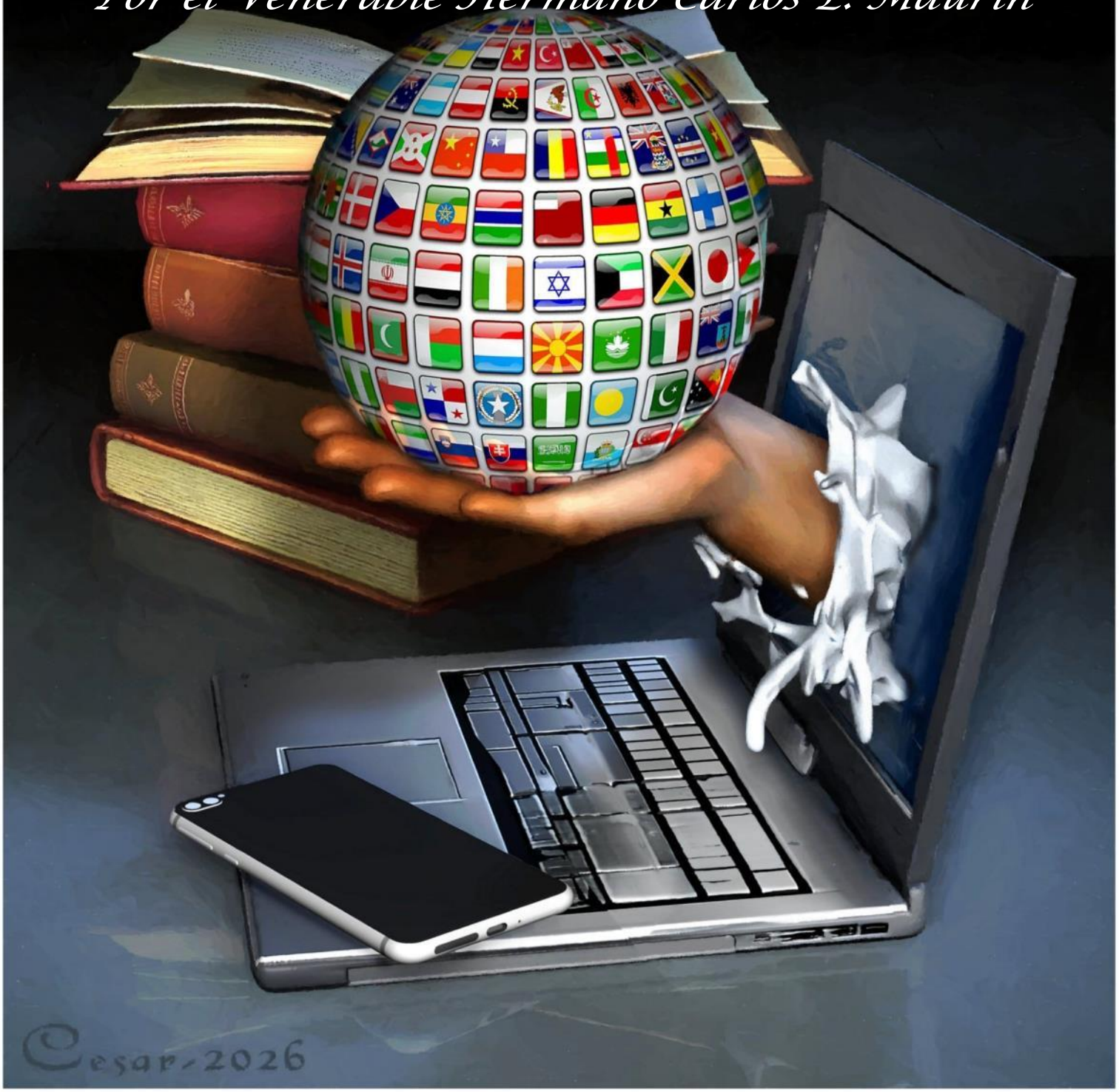
Bajo el Cenit de Manoah, en el Valle de San Cristóbal, estado Tachira,
al Or∴ de Venezuela, Tierra de Gracias
A los catorce (14) días del mes de febrero del año del Señor 2025.
Solsticio de Verano para el Hemisferio Norte
@ernestormm
"In omnia amoris et serve" *"Opus Novum Caelum Et Nova Terra Sumus"*
H*RDM+****K****LWNNNG*

[18] Los hugonotes fueron los seguidores de la reforma calvinista en Francia durante los siglos XVI y XVII. Este grupo era predominantemente protestante y se oponía a la Iglesia Católica y al poder real, que estaba alineado con el catolicismo. El término hugonote se utilizaba para referirse a los protestantes franceses.

[19] El Edicto de Nantes fue un decreto firmado por Enrique IV que otorgó libertad religiosa a los hugonotes en Francia, permitiéndoles practicar su fe sin persecuciones. También les concedió derechos políticos y civiles, como la libertad para ejercer el culto en ciertas ciudades y el derecho a ocupar cargos públicos.

Globalización - integración V/S. cultura y explosión de la información

Por el Venerable Hermano Carlos E. Maurín



Antes de tratar al tema que nos convoca señalaremos un alcance sobre la cultura

La cultura como problema: "Las formas de convivencia son mucho más que un hecho práctico; más que un conjunto de acuerdo y procedimientos para asegurar la supervivencia de cada uno".[1]

Cultura "es el modo particular en que una sociedad experimenta su convivencia y la forma en que se la imagina y representa."[2]

La cultura, "las personas construyen colectivamente el mundo que habita y, al mismo tiempo, se experimentan así mismas como los constructores de este mundo."[3]

El imaginario colectivo no es una ilusión ni una idea fantasiosa. Es un fenómeno real. Toda sociedad proyecta por ende una imagen de sí misma y es por medio de ese imaginario que ella se reconoce como una colectividad.

No es "la erosión de los antiguos, sino la debilidad de los nuevos imaginarios colectivos del Nosotros, lo que constituye el problema de la cultura en Chile."[4]

Lo que ocurre es que el "debilitamiento de las imágenes habituales de "lo chileno" es una consecuencia normal de las grandes transformaciones de la convivencia diaria de los chilenos."[5] Los modos de vida han cambiado, el protagonista del consumo y de la televisión, y por qué no decir las maneras de relacionarse. Resultado de ello nos encontramos con antivalores como: el egocentrismo, individualismo, consumismo, pérdida de la identidad y otros.

Como bien sabemos que en los últimos cien años han sido testigos de una avalancha de nuevas tecnologías de la información que han incluido el telégrafo y teléfono, comunicación de radiodifusión, fotocopiadora, televisión, tecnología de videos, sistema de cable, teléfono digital CD-ROM, facsímiles, video discos, servicios de información (teletexto, videotexto, conferencias electrónicas a través de audio, video y computador), redes de información y computadores y sus respectivos softwares. Estas invenciones han aumentado la velocidad con la cual se obtiene, procesa y transmite la información. (Maurin)

Existe una creciente conciencia que estamos alcanzando los límites humanos de nuestra habilidad para utilizar las cantidades de información en constante incremento. Así, podemos encontrar que la literatura está saturada con términos tales como *sobrecarga de información, stress de trabajo y shock del futuro.*

"Estos términos expresan una connotación asociada con las cantidades crecientes de la compleja y rápidamente cambiante información a la que se encuentra expuesto el individuo común diariamente en su trabajo. Especialistas señalan que, mientras el conocimiento está creciendo en forma exponencial, nuestra tasa de adquisición es significativamente menor y la proporción de conocimientos conocibles que nosotros poseemos es significativamente más pequeña. En otras palabras, estamos experimentando lo que ha sido descrito como una masiva *Explosión de la Ignorancia.* (Maurin&Soto)

La cantidad creciente de información está creando en sí una barrera para el crecimiento de la ciencia. "En el pasado muchos avances científicos eran limitados debido a que una cantidad importante de conocimientos no había sido aún descubierta. (Maurin) En contraste con ello, hoy en día los avances son

[1] Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo. "*Nosotros los Chilenos: un desafío cultural. 37 2002.Chile.*
[2] op. cit. p. 37.
[3] Op. cit. p.37.
[4] Op. cit. p. 40.
[5] Op.cit.p. 40.

limitados porque muchos descubrimientos importantes son inaccesibles, dada la gran cantidad de información de que se dispone. Así, por ejemplo, en ciencia y tecnología existen actualmente más de dos mil Bases de Datos computarizada, que son utilizadas al menos cuatro millones de veces por año, y más de mil Datos bibliográficos sobre cien millones de citaciones. Pero aun con estos sistemas altamente automatizados, los científicos no pueden resolver el problema." (Sánchez)

El fenómeno denominado "globalización es la causa de grandes cambios que actualmente vive nuestra sociedad. Sus efectores permitirán a la humanidad avanzar como un todo para alcanzar un estadio superior. Sin embargo, en el espacio de tiempo en que la tecnología se disemine a través de todo el mundo, habrá algunos que se beneficiarán más que otros, llegando incluso a perjudicar un sector de la humanidad. (Maurin). Es por ello algunos grupos se han adelantado a declararse contrarios a ella, llegando incluso a manifestaciones públicas especialmente en países desarrollados, de las cuales hemos sido testigos a través de los medios de comunicación. Probablemente, estas personas se habrían manifestado del mismo modo frente a la revolución, industrial, al ver su sistema de vida amenazado. Ello nos parece hoy, desde la distancia, entendible, pero a la vez preocupante ya que no se puede deshacer lo andado y menos olvidarse de los progresos de la ciencia y la tecnología, por lo que el rechazo a los cambios no debería *ser* la postura racional.

Nos guste o no, los avances de las comunicaciones y de la informática están creando una nueva sociedad, con nuevos paradigmas, al igual que la revolución industrial hizo en su tiempo rompiendo con los esquemas que las personas tenían y provocando inseguridad y temor en quienes creían tener su ambiente bajo control.

En la actualidad podemos imaginar empresas sin una dirección, en las que los socios y empleados trabajan desde sus casas, automóviles, o incluso en la calle, a miles de kilómetros entre sí, en países diferentes, cuyo producto no es algo tangible, sino una idea, un servicio. Esta situación que constituyó hace algunos años una visión está más cerca de la realidad de lo que creemos. Sin embargo, en nuestro país aún no estamos preparados.

Mucho se habla sobre la "Sociedad, de la Información" o la "Carretera de la Información", denominaciones europea y norteamericana que definen al conjunto de personas, empresas, instituciones y gobiernos que, utilizando avanzadas tecnologías de comunicación y computación, han accedido a una nueva comunidad internacional en la que es posible viajar virtualmente, en tiempo real, a través del denominado ciberespacio, no importando distancias o fronteras físicas o políticas.

En efecto, sólo importan las tecnologías, llámese computador, acceso a Internet u otras redes, protocolos de conversación, lenguajes, etc.

Ello ha dado lugar a un nuevo modo de hacer las cosas, una nueva forma de interacción entre las personas, más rápida, menos costosa y más efectiva.

Preocupante resulta la gran cantidad de personas que ni siquiera se plantean la posibilidad de conocer estas nuevas tecnologías y que ven a la Sociedad de la Información como lejana a su propia realidad. (Maurin&Soto)

Esto constituye un problema, y en el futuro puede convertirse en una desventaja no sólo a nivel personal, o de una empresa o industria, sino a nivel país.

Podemos constatar que ya no estamos a la vanguardia en esta nueva sociedad y debemos preocuparnos seriamente por no quedarnos demasiado atrás, específicamente debemos desplegar esfuerzos por estar en el lado correcto de la emergente brecha digital. Dicha brecha constituye el mayor problema que visualizamos en el futuro inmediato, tanto entre países, como al interior de ellos. Chile entero debe prepararse para los cambios

que está produciendo la emergente Sociedad de la Información e integrarse a ella beneficiándose de sus virtudes y tomando resguardo de sus riesgos y amenazas. (Maurin &Soto)

No contar con el acceso a las nuevas tecnologías prácticamente significa ser analfabeto en el futuro cercano. Las ventajas derivadas de la utilización de estos nuevos avances constituyen una necesidad real para el desarrollo de los países. La conectividad que nos brinda Internet, por ejemplo, nos permite acceder a mínimo costo a conocimientos sobre una infinidad de temas que de otra forma es imposible. Asimismo, Internet está cambiando otras actividades humanas como el comercio, la ciencia y la política, entre otras. (Maurin & Soto)

El Ex presidente Lagos ha manifestado en sus discursos la importancia que se le ha otorgado al tema científico-tecnológico, específicamente al uso de Internet. La implementación y la utilización de las nuevas tecnologías de la información en la educación tienen como norte preparar a las nuevas generaciones. Mientras, nuevas instancias al interior de nuestro gobierno tratan de preparar adecuadamente al país y al estamento público respecto de estos temas.

Estos esfuerzos resultan insuficientes si no existe plena conciencia de la importancia de los cambios que están ocurriendo. Hoy aún es tiempo para reflexionar y actuar; mañana será demasiado tarde.

Para una integración a nivel mundial a fututo debemos de asegurar la cohesión de la sociedad y cultivar la libertad ... encaminar la creatividad personal y al mismo tiempo enseñar a trabajar en equipo...por otro lado es importante que exista un mundo sin fronteras en la que la educación sea uno de los principales medios para la adquisición de habilidades necesarias para desempeñarse en la vida moderna... entre otras consideraciones (Maurin & Soto). Los estudiantes deben ser instruidos en ciertos conocimientos prácticos comunes, necesarios para la comunicación humana y para la integración social.

En una sociedad en la que el individuo cambia continuamente de empleo, de lugar de residencia, de lazos sociales, y otros, concede enorme importancia al aprendizaje de la eficacia. Por tanto, las escuelas del mañana no deberían enseñar solo datos, sino que, además, la manera de manipularlos. Los estudiantes tienen que aprender a rechazar las viejas ideas, así como el tiempo y el modo de sustituirlas. En una palabra, deben aprender a aprender.

Enseñar a los alumnos como tiene que aprender, olvidar y volver a aprender. La nueva educación para la Integración Globalizante, debe enseñar al individuo cómo clasificar y reclasificar la información, cómo comprobar su veracidad, cómo cambiar las categorías de ser necesario, cómo pasar de lo concreto a lo abstracto y viceversa, cómo considerar los problemas desde un nuevo punto de vista y cómo enseñarse a sí mismo.

La educación Integradora para el futuro debe pensarse de acuerdo a las tendencias tecnológicas, “con un enfoque claro de aprender a hacer, reforzando el pensamiento del hombre como ser social. No debe perderse de vista de concepción del hombre entero que señala el profesor (Muñoz), respecto de desarrollar un sistema de formación integral del hombre para el hombre.

El avance de la técnica y las nuevas tecnologías traen consigo cambios sociales y culturales. Estos cambios. Asumidos de distinta forma a través de la historia- parecen inevitables, por lo merecen un estudio y análisis serios, basándose en conceptos bien definidos y despojados de prejuicios. Por otro lado, lo importante no es tanto la sociedad de la información como la sociedad de la inteligencia; (Innerrarity), es decir, qué contenidos transmitimos y qué uso hacemos de esos contenidos y de las técnicas que empleamos para acceder a ellos y para su transmisión.

La tecnología, informática no es por sí misma un fin, sino un medio, no producimos artefactos por el hecho de producirlos, sino que siempre construimos algo para algo y por ende demos a nivel mundial de humanizar la tecnología sino queremos que esta nos absorba y destruya y dejemos de ser lo que somos. (Maurin)

"La transparencia y el derecho a saber no son valores absolutos, como no lo es la información. Por lo tanto. Habrá que ver qué ambitos pueden y deben mostrarse y cuáles no." Por ende "la sociedad de la información a nivel Global y de Integración Globalizante, debe de posibilitar efectivamente el diálogo, y esto no es cuestión de los medios, sino de las personas que operan con ellos. (Maurin)

Conclusiones generales.

De lo expuesto podemos concluir que el rol del educando merece especial atención en un contexto de un currículo escolar del año 2000…. Aquel educando que:

- Δ Interactuará con máquinas y tecnología en general.
- Δ Aprenderá más fácilmente a través de imágenes que en lugar de textos escritos o clases expositivas.
- Δ Controlará su aprender y su no aprender, aprenderá cuando quiera y de la más variada forma;
- Δ Tendrá que vivir e interactuar en un mundo tal vez diferente al actual, en una cultura
- Δ con nuevos valores, nuevos requerimientos, nuevas organizaciones y un nuevo concepto educativo;
- Δ Requerirá cada vez más apoyo de medios tecnológicos para mejorar su aprendizaje; la interacción con medios tecnológicos será lo cotidiano;
- Δ Exigirá una atención individual, los estilos de aprendizaje serán diferentes, y
- Δ Podrá desarrollar más plenamente su sentido de identidad, ya que su educación lo desafiará a pensar, razonar, hacer, crear y adaptarse a lo nuevo y diferente.
- Δ Crear conciencia y consenso social sobre la importancia y el valor de la educación, del desarrollo de la investigación básica y aplicada, de la ciencia y tecnología.
- Δ Debemos enseñar ciencia y tecnología y preparar individuos capaces de adaptarse a estos nuevos cambios y a los posibles cambios futuros.
- Δ Tomare conciencia que para salir del subdesarrollo no es únicamente el mar, la agricultura o el desierto. El camino es invertir en la única empresa que hasta ahora no hemos invertido; la empresa de la imaginación, de la inteligencia, del saber, de la educación.
- Δ Desarrollar estrategias adecuadas para poder adaptarnos al cambio científico tecnológico, no como simples compradores de tecnología, sino como partícipes del proceso.
- Δ Que nuestro principal recurso es nuestra propia inteligencia y la de nuestra sociedad. No podemos desperdiciarla, debemos utilizarla y estimularla para nuestro bien.
- Δ En relación a la cultura informática, la educación de excelencia deberá poner énfasis en capacidades tales que permitan coexistir flexiblemente con los avances científicos- tecnológicos; que ponga énfasis en el desarrollo de destrezas que faciliten la adaptación al cambio, así como la flexibilidad mental para optar con gran cantidad de información y en continuo cambio.
- Δ Poseer Cultura Informática significa, entre otras cosas, tener conocimiento general del background histórico del desarrollo de los computadores; familiarizarse con el vocabulario computacional e informático; descubrir las características de usos, beneficios y limitaciones de éstos, tener conciencia del impacto actual, y el que se proyecta, de la tecnología informática en la sociedad y los problemas éticos relacionados con los computadores y las máquinas en general;
- Δ Desarrollar destrezas de resolución de problemas y toma de decisiones a través de la interacción con computadores; escribir y leer programas simples en al menos un lenguaje computacional; tener experiencia utilizando software educacional y la documentación respectiva.
- Δ El desafío en los docentes es y será, desarrollar algunas de las conductas señaladas para delinear nuestra propia cultura informática. Una vez logrado esto, nuestro dilema será proyectar y auspiciar el desarrollo de dicha cultura a toda la comunidad, en especial a nuestros jóvenes, quienes vivirán y se desempeñarán en una sociedad informatizada. Un medio ambiente muy diferente del actual.
- Δ Nuestra educación enfrenta la revolución informática en una posición crítica. De hecho, está en crisis. En los últimos años hemos sido testigos de una brutal caída de la calidad de la Educación Básica, la cual se prolonga hasta hoy.
- Δ Debemos de entender que la educación es una inversión a la cual hay que apostar. Genera riqueza y bienestar para el país, erradicando flagelos como la pobreza y el desempleo. No es posible capacitar

al que carece de educación básica. De hecho, quien no tiene educación básica no encuentra empleo ni puede reemplazar al que lo pierde, ni posee la menor iniciativa para suplir su desocupación. Al respecto, el hecho de que el 40% del desempleo corresponda a menores de 24 años parece apuntar claramente a un vacío en nuestra enseñanza. (Vide op. Cit. Ant. P. 25.)

- Δ La solución parece estar en crean conciencia y consenso social sobre la importancia y el valor de la educación, del desarrollo de la investigación básica y aplicada, de la ciencia y tecnología.
- Δ Debemos enseñar ciencia y tecnología y preparar individuos capaces de adaptarse a estos nuevos cambios y a los posibles cambios futuros.
- Δ El camino es invertir en la única empresa en la que hasta ahora no hemos invertido: la empresa de la imaginación, de la inteligencia, del saber, de la educación.
- Δ Necesitamos desarrollar estrategias adecuadas para poder adaptarnos al cambio científico – tecnológico, no como simples compradores de tecnología, sino como partícipes del proceso. No podemos cometer el error que algunos cometen en señalar que el conocimiento no se puede comprar. Si bien sería absurdo que un país pequeño como el nuestro pudiera dominar en todo, es también nefasto no hacerlo en ninguna área.
- Δ Esto es entre otras variables, lo que nos mantiene en el subdesarrollo. Nuestro principal recurso es nuestra propia inteligencia y la de nuestra sociedad. No podemos desperdiciarla, debemos utilizarla para nuestro bien.

Esperamos que este análisis no sea un enfoque pesimista de nuestra habilidad para satisfacer las necesidades educacionales de las personas en una sociedad informatizada. En caso que así sea, creo que deberíamos reflexionar, recordando para ello el carácter chino para la palabra "crisis"; éste está constituido por dos caracteres: uno que se refiere al peligro y el otro a la oportunidad. Nosotros sabemos que como sociedad enfrenta un peligro o crisis educacional; es ahora el momento propicio para sacar el mejor provecho de la oportunidad.

Bibliografia

- Innerarity Carmen. ***Sociedad de la información y Cultura de la Posmodernidad"*** Art. Artes y letras "El Mercurio, 17 de marzo 1996. p.12. Cuerpo E.
- Maurin Fernández,Carlos. ***"Globalización e Integración Educacional Mundial"*** Art. IUSDT. , Santiago, Chile, 2002.
- Maurin Fernández Carlos y Soto Ruiz Antonio. ***"La Educación –Una herramienta de eficiencia social"*** Art. para Magíster. Administración y Gestión Educacional. USACH. Santiago –Chile. 2000.-
- Muñoz Santiago Vidal. "***Perspectivas Antropológicas"*** (Ético- Educativas). Red Internacional del Libro, Chile, 1993.
- Sánchez Ilabaca Jaime. "Informática Educativa. Colc. Nva. Técnica Edit. Universitaria. Año 1998. Pág. 2l. N.º. pp. 191.

Próximo número: Revisión Bibliografica

El autor

Carlos Maurin Fernández,

Nacido en la ciudad de San Fernando, a los dos años fue trasladado con sus padres a la ciudad de Santiago de Chile.

Sus estudios los realizó en el Colegio Hispano Americano, Escolapios, de corte religioso y posteriormente emigro a la Universidad Católica de Valparaíso a estudiar FILOSO-

FÍA, terminando su último semestre en la UNIVERSIDAD CATÓLICA PONTIFICIA DE SANTIAGO. Razón de su traslado fue para iniciar la Fundación DUOC junto a otros alumnos de Filosofía de la Federación de estudiantes de dicha Universidad.

En el año 1970 postula a un concurso de cargo y oposición y queda de planta en el Centro de Perfeccionamiento Experimentación e Investigaciones Pedagógicas, CPEIP, perteneciente al Ministerio de Educación de Chile. Se dedicó en especial a la tarea de Investigación Educacional, publicando libros y perfeccionamiento de Profesores al mando del Director de dicha Institución: Don Mario Leyton Soto. Posteriormente sacó su POST TÍTULO en Educación de Adultos patrocinado por la OEA., Univ. Católica de Santiago y el C.P.E.I.P.

En el año 1982 trabajo en la puesta en marcha del Instituto Profesional de Estudios Superiores Blas Cañas en el cual se encargó de dictar Cátedras de Filosofía, Metodología de la Educación, Antropología Filosófica y Metafísica, crea La Unidad de Material Didáctico como un apoyo a los docentes de diversas Cátedras. Posteriormente fue nombrado Administrador de la Sedes de la Universidad Católica Blas Cañas.

Participó como miembro activo para traspasar al Instituto Profesional Blas Cañas, a la categoría de Universidad Católica Raúl Silva Henríquez, fue el Primer Director de Asuntos Estudiantiles, Formador del Centro de Alumnos, Fundador y Director del Hogar de Damas, Fundador de la Hemeroteca y de la Videoteca Video Films para la U.C R. Silva H. y Documentalista. Posteriormente saca su MAGÍSTER EN EDUCACIÓN en la USACH con la especialidad en Gestión.

En el año 1999 deja la Universidad Católica R. S H. y se traslada a la FACH como profesor Catedrático de tres asignaturas del currículo de la "Escuela Capitán Ávalos", encargado de la segunda y tercera Ala. Paralelamente trabajo como profesor en el Colegio Calasanz, docencia en Liceo Nº 47 Augusto D´Halmar y Jefe de Elaboración de Proyectos en el Liceo José Toribio Medina.

Desde 1990 a la fecha, fuera de su docencia en clases, ha sido Profesor Guía de la asignatura de Filosofía y Psicología colaborando con el programa de Formación de Profesores en la USACH y 7 años para la Universidad de Chile. (Facultad de Filosofía y Humanidades. Centro de estudios Pedagógicos.
Algunos de sus libros se encuentran en la página WEB: https://www.thegoatblog.com.br/carlos.maurin/

Artículos en Revistas Internacionales y como documentalista y corresponsal internacional envía trabajos al NUPESMA (San Pablo, Brasil), CADENA FRATERNAL (Tel Aviv, Israel) y REVISTA RETALES DE MASONERÍA. (España). https://retalesdemasoneria.blogspot.com/ y Monografías.com

Silentium

Por la Q.·.Hª.. Myriam Salas Herrera

El no comenzó cuando cesaron las palabras. Comenzó mucho antes. Antes del lenguaje, antes incluso de la necesidad de responder, ya existía algo parecido al silencio. Aunque no era ausencia de sonido, ni quietud absoluta. Era otra cosa. Una especie de profundidad sin forma donde todo permanecía suspendido, sin reclamar existencia propia. Pero ese silencio primero no podía reconocerse todavía, porque no había nadie separado para observarlo. Después vino el nombre. Y con él aparecieron las distancias.

Las cosas comenzaron a distinguirse unas de otras. El cuerpo dejó de sentirse unido al entorno. La conciencia se cerró lentamente alrededor de una figura pequeña y persistente: el "yo". Desde entonces, el silencio cambió. Ya no fue totalidad. Se convirtió en búsqueda.

Muchos hablan del silencio como refugio. Otros como paz. Pero hay silencios que no tienen nada de serenos. Existen silencios que pesan sobre los huesos, silencios que recuerdan demasiado, silencios tan amplios que parecen vaciar el mundo.

Hay un silencio que puede sentirse observando la Tierra desde lejos.

Quizás un astronauta lo comprendería mejor. Suspendido fuera del mundo, contemplando la oscuridad inmensa, descubriría que el espacio no calla por tranquilidad, sino por ausencia. Ahí no existen las vibraciones que anuncian vida. No hay viento, ni agua, ni árboles moviéndose. Solo una inmensidad detenida donde todo parece permanecer inmóvil.

Y sin embargo, a la distancia, la Tierra sigue sonando.

No necesariamente con ruido, sino con algo más profundo. Una vibración antigua. El murmullo constante de aquello que todavía vive. Entonces comprendería algo extraño: que el verdadero silencio no está afuera. Porque el silencio exterior, cuando es absoluto, se parece demasiado a la muerte.

El otro silencio **(el difícil)** ocurre dentro. Es ahí donde las palabras empiezan a soltarse. Donde el pensamiento deja de sostener compulsivamente cada cosa. Donde el "yo" pierde por instantes la necesidad de afirmarse. Y cuando eso ocurre, algo aparece: No una voz. No una revelación. Más bien una presencia. Algo que no necesita explicarse para sentirse verdadero.

En ciertos momentos, muy breves, el mundo parece detenerse apenas lo suficiente para dejar ver aquello que normalmente queda cubierto por el ruido. No solo el ruido de las ciudades o de las máquinas, sino también el ruido interior: la necesidad constante de nombrar, interpretar, responder, defender, demostrar. Entonces el silencio deja de ser vacío. Se vuelve umbral. Como si detrás de todo lo visible existiera otra capa, siempre presente, esperando apenas un poco de quietud para manifestarse.

Quizás por eso tantos temen el silencio. Porque cuando desaparece la distracción, también desaparecen muchas de las formas con que uno se sostiene. Y en esa desnudez aparecen preguntas que no pueden responderse rápidamente.

- ¿Qué queda cuando nadie nos nombra?
- ¿Qué queda cuando el pensamiento se agota?
- ¿Qué parte de uno permanece cuando todo lo demás calla?

A veces, en medio de ese silencio, surge una sensación antigua. No exactamente un recuerdo, porque no pertenece a una historia concreta. Es más bien una cercanía. Algo familiar que nunca termina de irse. Como si el ser reconociera, por un instante, aquello que existía antes de separarse del mundo. Pero el ruido vuelve. Y no siempre como estruendo.

A veces aparece disfrazado de costumbre, de prisa, de discurso, de certeza absoluta. Otras veces toma la forma de ideologías, ambiciones o identidades demasiado rígidas. Y lentamente va levantando velos sobre la mirada. Velos que cubren aquello que alguna vez fue evidente. Porque el ruido no solo aturde. También vela.

Se transforma en cortinas invisibles que impiden contemplar ese lugar sagrado que permanece detrás de toda apariencia. Como en los antiguos relatos, donde el velo ocultaba el Arca de la Alianza. No porque el Arca estuviera ausente, sino porque su presencia era demasiado profunda para ser observada desde el ruido. Y quizás el ser humano vive precisamente así: rodeando constantemente aquello que busca, pero sin poder verlo, porque el exceso de bulla interior no le permite atravesar el velo.

Entonces el silencio adquiere otro sentido. Ya no es solo descanso. Es revelación. No porque muestre algo nuevo, sino porque aparta aquello que cubría. Y detrás de esos velos, detrás de las voces acumuladas, detrás del miedo a quedarse quieto... permanece algo intacto. No tiene forma definida. No pertenece completamente a ninguna religión, ni a ningún lenguaje. Y aun así, ha sido intuido por todos.

Algunos lo llamaron espíritu. Otros presencia. Otros simplemente verdad. Pero quizás ninguna palabra logra contenerlo. Porque aquello no necesita ser explicado. Solo escuchado. Y aun así, el silencio no vino para alejarnos de la Tierra.

Al contrario. Solo quien aprende a escuchar puede volver a tocar realmente las cosas. La tierra tiene un sonido. Los cuerpos tienen un sonido. Incluso el dolor tiene una vibración propia. Pero el hombre moderno ha levantado tanto ruido alrededor de sí, que ya casi no puede percibirlo. Confundió movimiento con vida. Confundió velocidad con sentido. Y terminó llenando el mundo de voces incapaces de escuchar.

Mientras tanto, la Tierra sigue hablando. Habla en el agua. En el agotamiento de los bosques. En las grietas del suelo. En el cansancio invisible de todo aquello que sostiene la existencia. Pero su voz ya no irrumpe. Ahora apenas resiste. Quizás por eso el silencio se ha vuelto tan importante. Porque no es solamente ausencia. Es la última posibilidad de escuchar lo que todavía permanece vivo bajo el exceso de palabras.

Y tal vez ahí exista algo sagrado. No en la imposición de una verdad, ni en una doctrina, ni en una explicación definitiva. Sino en ese instante breve donde todo deja de empujar. Donde el "yo" se vuelve más liviano. Y donde, por un momento, no hace falta afirmarse para existir. Entonces el silencio cambia otra vez.

Ya no es vacío. Ya no es soledad. Ya no es muerte. Es presencia.

Una presencia antigua, inmensa y tranquila, que no necesita hablar para sostenerlo todo. Y quizás siempre estuvo ahí.

Esperando detrás del ruido.

Próximo numero: *Solum*

El autor

Myriam Salas Herrera - Ap:. M:..
Resp:. Log:. Sirius Nº12 , Oriente del Ecuador .

De profanos y maestros

Por el Venerable hermano Derej haLomed
(Simbólico)

La diferencia principal entre el profano más materialista y un maestro espiritual no está en el conocimiento que poseen, sino en **cómo se relacionan con la búsqueda**.

El profano que no busca nada cierra la puerta a toda posibilidad de avance. Vive en su zona de confort material, feliz con lo inmediato, sin inquietud por lo que hay más allá.

El maestro, en cambio, recibe a través de su consciencia profunda todo lo necesario para continuar caminando y lo consigue sin pedirlo explícitamente: a medida que lo necesita, se le va dando. Como dicen las escrituras: *"Pedid y se os dará; buscad y hallaréis"* (Mateo 7:7).

Pero antes de continuar, es necesario aclarar algo fundamental: **no todos los profanos son iguales**.

Tipos de profanos: no todos están perdidos del mismo modo

Cuando hablamos de "profano", solemos imaginar a alguien cerrado, materialista, indiferente a lo espiritual pero la realidad no es tan simple. No se trata de blanco o negro, hay grises.

1. El profano cerrado

Vive en su zona de confort material y se encuentra cómodo así, por lo tanto, no busca, no pregunta, no siente inquietud espiritual. Está feliz con su vida tal como es, y **sería un error sacarlo de ahí sin que lo pida**. Recuerda siempre estas dos verdades:

"Quien nada busca, nada encuentra."
"Pedid y se os dará."

Solo cuando el profano cerrado siente inquietud y comienza a buscar, podemos hablarle y mostrarle caminos. Antes, cualquier intento de "despertar" a quien no está listo será inútil…cuando no violento.

2. El profano buscador

Aquí estamos ante el que ha abierto los ojos. Siente inquietud, busca respuestas, percibe que hay algo más allá de lo material. Ya no es completamente profano: es un **candidato al cambio**.

Pero aquí aparece el primer gran desafío: el sendero hacia la maestría no discurre por bucólicos jardines, sino por riscos llenos de precipicios que le ponen a prueba a cada paso...y cuando lo descubren **no todos están dispuestos a ello**. Muchos retroceden por miedo al abismo que se abre ante ellos. Y está bien. Cada uno elige su momento. Nuevamente el maestro no debe forzar, si quiere alejarse déjalo alejarse, si luego vuelve, recíbelo nuevamente.

3. El alma perdida

Es importante aclarar que desde el punto de vista espiritual **un profano es un alma perdida, pero no por ello alguien malo**. Existen almas perdidas que hacen lo correcto, que son buenas personas, compasivas, justas; pero por algún motivo no han comenzado su camino espiritual consciente. En este sentido, y solo en este, son almas perdidas: no por estar en el mal, sino por no haber iniciado el sendero.

Tarde o temprano, sin saber razones, de repente, el faro de algún maestro les ilumina varios senderos posibles. Y empezarán a buscar cuál recorrer, cuál es mejor para ellos.

¿Quién es el maestro?

Ahora bien, ¿qué es un maestro? ¿Cómo se distingue de un profano? La realidad es que cara a la galería puede ser complicado saberlo porque los verdaderos cambios, lo que realmente importante son **los cambios internos, no los externos**

Profanos y maestros parecen iguales por fuera. Visten igual, caminan igual, viven en el mismo mundo. Los cambios realizados en el maestro son **internos**. Y son internos porque un maestro es quien ha logrado hacer uso consciente de su inconsciente. Es quien conoce las Leyes Naturales que rigen el universo y sabe cómo usarlas adecuadamente. En un maestro, el yo individual se ha fusionado con el YO UNO: el espíritu liberado, aunque aún cautivo en un cuerpo material necesario para servir en este mundo.

Todo cambio es interno, lo repito nuevamente, y por eso es tan difícil reconocer a un maestro con solo verle. Es necesario conocer sus actos. No en vano se dice: "*Por sus frutos los conoceréis".* (Mateo 7:16)

Profanos y maestros comparten un gesto curioso: ambos miran al suelo; pero por razones opuestas.

El profano mira al suelo porque nada le interesa más allá de lo material inmediato. Su mirada está fija en lo tangible, lo visible, lo que puede tocar y poseer.

El maestro mira al suelo por humildad, para recordar siempre de dónde viene y evitar que el orgullo y el ego se hagan fuertes. El maestro reconoce que no es más que nadie, que nada tiene que no pueda tener cualquier otro ser humano que se interese en ello y acepte caminar por el sendero.

Y si hay un gesto que diferencia al verdadero maestro es que este, aunque imperfecto (porque solo el Creador es perfecto), se sabe y actúa como herramienta consciente del UNO para guiar a otros por los senderos hacia la Luz. Llegar a la maestría no es la meta final ni le convierte en un ser superior. El que ha llegado sabe que es simplemente alguien que ha caminado más lejos y puede señalar dónde están los precipicios, dónde hay caminos transitables, dónde hay descanso.

La diferencia fundamental: del cero al nueve

El hermetismo asocia al profano con el **cero (0)**: de la nada, nada sale. Todo lo que multipliques por cero se convierte en cero. Es el símbolo de la esterilidad espiritual, del cierre, del estancamiento.

Al maestro se le asocia con el **nueve (9)**: todo número multiplicado por nueve, si lo reduces teosóficamente, vuelve al nueve. Por ejemplo:

$5 \times 9 = 45 \rightarrow 4 + 5 = 9$
$7 \times 9 = 63 \rightarrow 6 + 3 = 9$
$12 \times 9 = 108 \rightarrow 1 + 0 + 8 = 9$

Todo lo que un maestro aprende se agrega sobre sí mismo. Todo lo que da, regresa. Es el símbolo de la completitud cíclica, del flujo constante, de la transformación que siempre vuelve a la unidad.

Tres metáforas para entender la diferencia

Metáfora 1: El río y el océano

El ser humano es como el río que llega al océano. El profano tiene miedo de perderse en su inmensidad. Teme disolverse, desaparecer, dejar de ser "él mismo".

El maestro sabe que forma parte del océano porque en realidad **no es río, sino agua**. Siempre lo fue. El río es solo una forma temporal que el agua adopta en su camino de regreso al origen. La identificación con la forma (el río) genera miedo. La identificación con la esencia (el agua) genera paz.

Metáfora 2: La montaña y los múltiples senderos

El maestro otea desde lo más alto de la montaña. Su horizonte se expande y amplía. Puede percibir que hay **varios senderos** que conducen hasta la cumbre. Todos difieren en detalles: unos más cómodos, otros más rápidos, otros más llanos, otros más empinados. Pero todos conducen al mismo lugar.

La meta no es otra que la **identificación consciente con el Creador, con el UNO**. El poder real de todo ser humano es el de fundir su yo individual con el YO UNO. El maestro sabe que no hay otra meta. Todo sendero, si es genuino, conduce allí.

Metáfora 3: Mirar al suelo (retomada)

Ya lo dijimos antes, pero vale la pena repetirlo porque es central: Profanos y maestros miran al suelo. Pero por razones opuestas.

El profano mira hacia abajo porque nada le interesa más allá de lo material. Vive encerrado en su pequeño mundo de necesidades inmediatas.

El maestro mira hacia abajo para recordar su origen, su fragilidad, su humanidad. Para no caer en la soberbia de creerse superior por haber caminado más lejos.

La diferencia no está en el gesto, sino en la intención.

El respeto por el camino ajeno

Aquí llegamos a una de las enseñanzas más importantes sobre la maestría: **un maestro no impone un solo camino**. Su trabajo no es obligar a nadie a seguir su sendero específico. Su trabajo es **evitar que, se elija el camino que se elija hacia la cumbre, el buscador pueda desviarse y despeñarse por el precipicio**.

No hay dos caminos iguales porque tampoco hay dos seres humanos iguales. Cada cual debe decidir por sí mismo y elegir su sendero. El buen maestro ilumina varios senderos posibles y dice: *"Ahí están. Elige el que resuene contigo. Yo te acompañaré para que no caigas, pero no caminaré por ti."*

Esta es la diferencia entre un **maestro genuino** y un **falso gurú**:

El falso gurú dice: *"Mi camino es el único. Sígueme o estarás perdido."*
El maestro genuino dice: *"Hay muchos caminos. Elige el tuyo. Yo te ayudaré a no caer."*

Conclusión: del río al océano, del cero al nueve

El profano cerrado vive en su zona de confort material, multiplicando todo por cero, generando nada. Está bien así, y no debemos sacarlo de ahí sin que lo pida.

El profano buscador ha abierto los ojos, siente inquietud, busca. Ya no es completamente profano. Está en el umbral.

El maestro ha caminado el sendero, ha subido la montaña, ha llegado al océano y comprendido que siempre fue agua. Multiplica todo por nueve, y todo regresa a la unidad. Pero el maestro sigue mirando al suelo. No por indiferencia, sino por humildad. Para recordar que la maestría no es un título, sino un **servicio constante**. Y sobre todo, el maestro sabe esto:

No hay una sola forma de llegar a la cumbre. Hay tantas formas como buscadores. Y todas, si son genuinas, conducen al mismo lugar: la fusión del yo con el YO UNO.

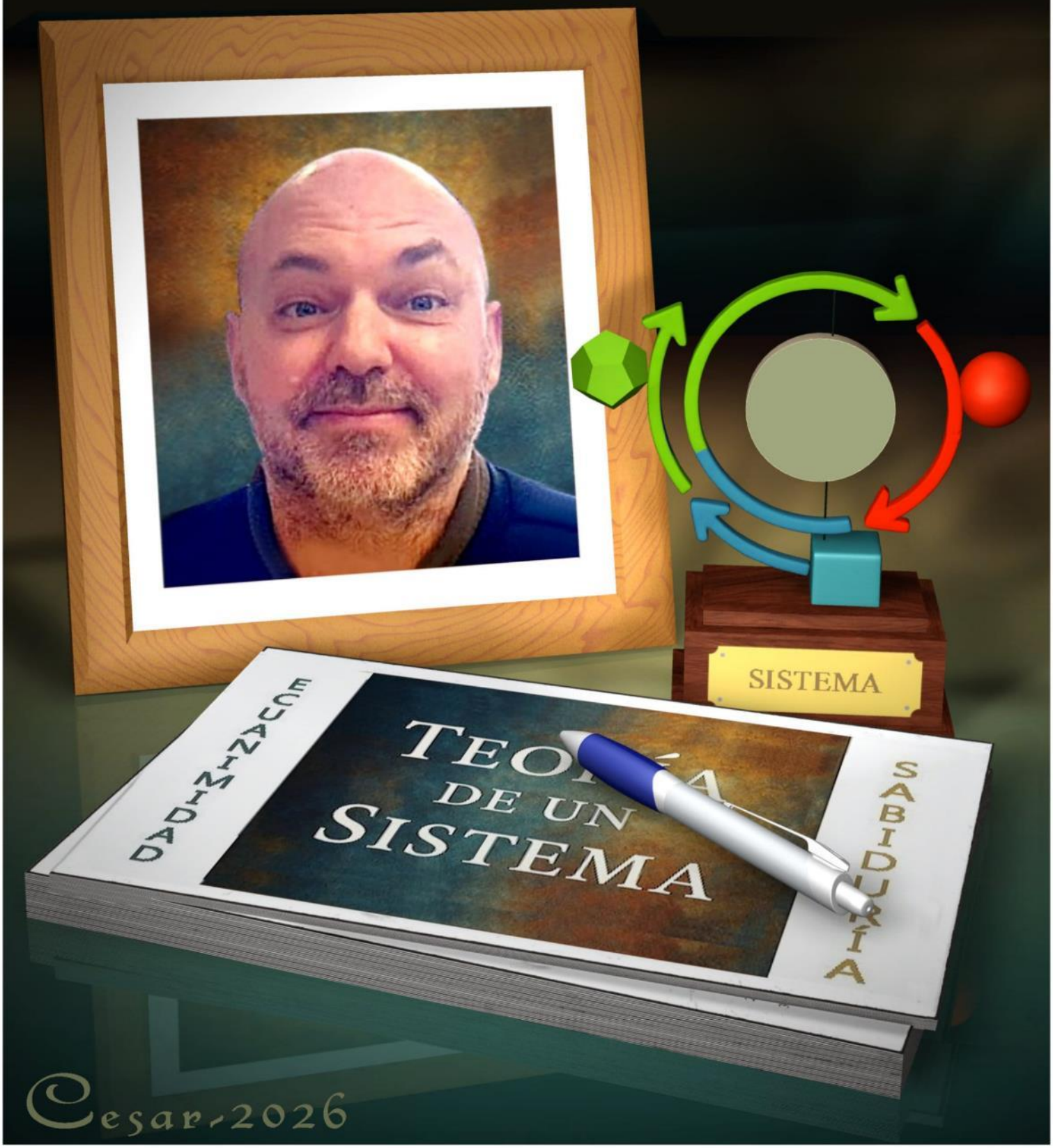
Todo lo demás es accesorio.

El autor

Por el Venerable hermano Derej haLomed (nombre simbólico)
Oriente de España

Teoría de un sistema (6 de 6)

Por Francesc Albert Soler Anglés



Agradecemos al autor el habernos elegido para publicar su obra por entregas. En cuanto a esta, es una obra de acceso libre y así lo comunicamos ahora.

Si desea descargar el libro completo en formato Epub puede hacerlo desde este enlace
https://drive.google.com/file/d/1QOPPhhcoi3uUZLgiLMD_WTUXM1AUzOAX/view?usp=sharing

Si desea copia en papel contacte con el autor en: francesc.albert.soler.angles@gmail.com
o llamando al +34 678 70 34 22

5. Purificando el sistema (parte 2)

5.10.- Generando compasión

Empecemos, por definir que es la compasión.

La compasión es el reconocimiento viviente de que todo dolor es nuestro dolor, toda alegría es nuestra alegría, es decir, que todo ser es una expresión del mismo Ser. No se trata de hacer simplemente el bien sino de recordar, purificando la mente del egoísmo, del juicio a los demás y del miedo, que somos un solo ser, que estamos interconectados, que tenemos una consciencia única, más allá de la unicidad convencional o mundana, del ser únicos en el marco convencional. Por que en lo más profundo, todos los seres vivos, somos lo mismo. Venimos de una realidad única que subyace en todos los seres vivos en múltiples formas (esas formas que las percibimos como únicas según nuestra visión de la verdad convencional). En resumen, la compasión es la percepción de la realidad última, por que entonces desaparece el Yo frente al Nosotros, el sufrimiento de la vida es compartido, más allá de la simple lástima o empatía hacia otro ser vivo que nos empuja a hacer el bien.

La idea que quiero transmitir es que la lástima, la pena y la aflicción que sentimos al ver otro ser más vulnerable que nosotros, y que nos lleva a actuar con bondad no es la verdadera compasión, la verdadera compasión es comprender que estamos todos interconectados, por que estamos formados de una misma substancia que subyace en todos nosotros, que nos hace comprender que, en su visión última o realidad última, el sufrimiento de todos los seres vivos es el mismo. Por eso, cuando esta compasión se manifiesta, se trasciende del pensamiento del Yo al pensamiento del Nosotros.

Para los seres muy realizados la compasión puede surgir de manera natural, pero para la mayoría de nosotros no se alcanza así, debemos seguir un proceso de autoconciencia, que nos haga recordar la compasión de esa manera.

Realizar el bien, generar bondad es una de esas maneras básicas que con el tiempo nos llevará a tener compasión hacia todos los seres vivos.

Eliminar el egoísmo, el realizar juicios de valor sobre otros seres vivos sin conocer toda la verdad, es decir, manifestando nuestra ignorancia sobre ese ser vivo, puesto que no lo conocemos de manera última, sino de manera convencional. Muchas veces es el propio miedo quien nos hace pensar de esa forma, manifestando en los demás lo que no queremos que se descubra de nosotros mismos, lo que no queremos que los demás seres sepan de nosotros.

Siempre habrá seres vivos poco realizados, como lo pretas, los animales o seres del infierno, y por ello nunca comprenderán la verdad última de los seres vivos. Pero los seres realizados, los seres compasivos serán capaces de comprender la verdadera naturaleza de nuestro ser. Simplemente debemos explicar de forma racional, con lógica y sabiduría como somos y por que somos así.

La comprensión del otro ser vivo genera compasión si hablamos con seres realizados, seres compasivos.

5.11.- El turismo marrullero por el mundo: pingües beneficios

¿Qué es el Turismo? El turismo es el arte de descubrir lo que está fuera, redescubriendo al mismo tiempo lo que está dentro, al realizar las actividades durante los viajes y estancias que realizan los seres humanos en lugares distintos a su entorno habitual, por un período inferior al año, con fines de ocio, negocio u otros.

El turismo es muy amplio y vasto según esta definición, por que no deja de ser cualquier exploración fuera de nuestro entorno habitual. Por ello puede llegar a convertirse en una forma de educación social y espiritual, pues enseña empatía y respeto hacia la diversidad del mundo. Esa interconexión de la que solemos hablar normalmente y que permite el conocimiento de otras realidades.

Pero también tiene su cara "oscura", aquella que los Marrulleros explotan y utilizan para sus "bromas".

¿Cómo lo hacen? Para ello se necesitan los Marrulleros locales, aquellos que viven en el entorno propio donde podría habitar un ser vivo, que podría ser, por ejemplo, aquel al que ellos llaman (por donde yo resido) "El de toda la vida".

Estos Marrulleros locales invitan a otros Marrulleros de otros lugares, distintos al entorno habitual de residencia, a pasar unos "fenomenales momentos jugando", por ejemplo con un "supuesto Con".

Pero ¿Qué podrían hacerle? Pues producirle dolor, no dejarle dormir, meterle pensamientos en la cabeza, etc. La lista es interminable, de hecho cualquier cosa, pero a modo de ejemplo espero que sirvan los citados.

Para ello previamente el Marrullero local, que sigue el día a día (ver el escrito "El juego de las apuestas sobre la vida de las personas") del "Con", se ha informado, por ejemplo, que (el "Con") al día siguiente tiene una reunión de negocios muy importante, por ello invita (a otros del grupo de Marrulleros) a hacer "turismo Marrullero" (fuera de su entorno) sacando a cambio (el Marrullero local) algún beneficio que pagan los "Turistas Marrulleros" (ellos se auto-nombran los "Ales").

Como dirían los franceses: "Nous allons a faire la fête avec ne importe quoi".

Este turismo de marrullería lo promueven desde las entidades locales (son ellos los que siguen diariamente al "Con") de cada zona turística, para generar beneficios. Que no son otros que los miembros del grupo de los Marrulleros que se han "infiltrado" dentro de las entidades locales de la zona turística para llevar a cabo sus marrullerías.

¿Pueden saber los "Turistas Marrulleros" quien es el "supuesto Con", lo que hace diariamente, donde irá o que hará los próximos días? No si no hay un seguimiento local por parte de los Marrulleros locales.

Y así volvemos a donde siempre llegamos, se necesitan personas locales (tu amigo, tu vecino, tu familia…) para realizar las Marrullerías, que son quienes finalmente informan y, por este motivo, toman parte obteniendo beneficios a cambio.

Capítulo 5.12.- Felicidad vs sufrimiento (Parte 1 de 3)

Como habitualmente hacemos, empecemos por definir Felicidad y Sufrimiento para acotar el marco de la explicación y podamos meditar todos sobre el mismo ámbito.

¿Qué es la felicidad? La verdad es que cada cultura entiende la felicidad a su manera y varían bastante unas de otras. Por ejemplo, los budistas entienden la felicidad como la paz interior libre de aflicciones por que comprende su naturaleza vacía y transitoria. Los francmasones, la entienden como la armonía entre el deber, la sabiduría y la acción justa del hombre que construye su alma en silencio. Y la tradición perenne la entiende como el reconocimiento del Uno en el Todo y del Todo en el Uno por que el alma ha recordado quien es.

Pero todas ellas coinciden en que el trabajo es interior, de la mente, del alma, del ser interior. No es un sentimiento o estado de bienestar o alegría, sino una comprensión de algo más profundo dentro de cada ser vivo.

¿Qué es el sufrimiento? Los budistas la entienden como la insatisfacción inherente a la existencia condicionada del dolor físico, el dolor del cambio y el dolor de creer en un Yo separado. Es decir el choque de realidades entre la realidad impermanente y nuestro deseo de permanencia. Los francmasones la entienden como el dolor necesario que produce el cincel al ser golpeado por el mallete en el propio ser. Es decir la resistencia al trabajo interior, el desconocimiento del sentido iniciático del obstáculo. Para la tradición perenne es la experiencia del alma que ha olvidado su origen divino. Es decir el velo de separación que hace creerse un ser aislado distinto de la fuente.

Pero todas ellas coinciden en que es la disonancia entre lo que somos y lo que creemos ser. Pues cuando cesa este engaño, el dolor revela su mensaje y se transforma en comprensión.

En definitiva, la felicidad y el sufrimiento son dos caras de una misma moneda que comprende o deja de comprender la pertenencia a una misma fuente que revela mediante el dolor su no comprensión de un proceso iniciático, de una permanencia o resistencia al cambio constante y de su disociación a un mismo origen. Y cuando no se tiene dolor es que se ha comprendido el proceso iniciático, su impermanencia o cambio constante y su unión a una misma fuente.

Podríamos decir que es un estado de comprensión del propio ser vivo, en si mismo, que cuando se comprende lo llamamos felicidad y cuando no se comprende lo llamamos sufrimiento.

5.13.- Felicidad vs sufrimiento (Parte 2 de 3)

Dicho esto, la siguiente pregunta sería ¿Cómo podemos ser capaces de dejar de sufrir y alcanzar la felicidad?

Mi experiencia me dice que nos tenemos que dirigir a un grupo, centro u organización a buscar un maestro que nos dirija, que nos guie para poder hacer ese trabajo personal, interior y único para cada ser vivo.

La organización que busquéis deberá ser libre, abierta, con tradición en la transmisión de enseñanzas, de gran linaje de antiguos maestros y transparente con sus enseñanzas. Con transparente me refiero a que antes de acometer ningún ingreso en el grupo de enseñanzas os deberían de explicar lo que vais a aprender, lo que os encontrareis en el camino, es decir, todo debe quedar aclarado, sin que quede oculto ningún punto. Esto es importante por que vosotros deberéis escoger al Maestro y al mismo tiempo el Maestro os deberá escoger a vosotros. Lo que quiero decir es que la elección es mutua, bidireccional, no unidireccional. Por que el aprendiz deberá confiar en el maestro y el maestro deberá encontrar un aprendiz obediente.

Si os dais cuenta, durante las enseñanzas, de alguna cuestión que vulnera la legalidad vigente en vuestra comunidad, será un signo de alarma, de desconfianza tanto por parte del aprendiz como por parte del maestro.

¿Se puede alcanzar la felicidad estudiando por cuenta propia? Si, de poder siempre se puede, pero necesitarás una características personales y de entorno muy determinadas. Es mucho más duro el camino en solitario que con un maestro, pero es posible, se puede alcanzar. Aunque tarde o temprano acudirás a enseñanzas, eventos, charlas, instrucciones con algún maestro para acabar de aclarar ciertos aspectos. Pero hay algunos maestros que son reticentes a explicar a desconocidos, ciertos conocimientos que necesitan transmitirse a personas con una cierta actitud y compromiso. Eso también hay que remarcarlo por que es importante saberlo.

Elijáis el grupo que elijáis, deberíais de aprender prácticamente lo mismo, excepto algunas particularidades que diferencian a los grupos entre ellos, además del método. Los métodos son distintos y propios para cada grupo. Así que escoged aquel grupo más afín a vuestra manera de ser.

5.14.- Felicidad vs sufrimiento (Parte 3 de 3)

Por otra parte me gustaría dejar claro que las enseñanzas que vais a recibir, no va a ser intentar aprender a poseer más cosas materiales o espirituales, a obtener títulos donde digan que habéis hecho un curso de "felicidad y sufrimiento" y lo habéis pasado o aprobado. La felicidad tampoco son sentimientos (alegría, bienestar, diversión, placer, etc)…¡no! ¡no se trata de eso!

Se trata de un cambio, de una metamorfosis, de un cambio de paradigma para enfrentarse a la vida diaria. Es una manera de ver y percibir el mundo de otra forma distinta. Es un cambio interior y profundo que lleva tiempo, dolor y sufrimiento para enfrentarse a esos "obscuros" mundos interiores que todos llevamos dentro, a esa "mochila" que todos llevamos encima.

No esperéis un camino fácil y plano, a no ser que ya seáis un ser realizado, entonces todo va más rápido y de diferente manera. Pero para la mayoría de los seres vivos vamos a tener que "subir montañas" sociales o "bajar a las profundidades" de nuestra mente.

Pero la recompensa vale la pena...es una paz interior que no se puede describir por que es como un vacío, como una ausencia. "Es algo que no es". "Es darte cuenta que formas parte con un todo, que es la nada, el no ser". "Dejar de pertenecer es pertenecer a esa unidad".

Espero y deseo que al meditar sobre este texto os pueda servir de ayuda a encontrar vuestro camino, personal y único para que seáis seres realizados. Eso si, cada uno hasta su "principio de incompetencia", por que todos tenemos el nuestro.

5.15.- El plan es matar la vida

¿Qué es la Vida? La vida se puede definir de muchas maneras, pero intentaré unir tres visiones para abarcar el punto de vista de la mayoría de seres vivos.

Empecemos por la visión biológica que viene a ser algo así como la capacidad de la materia de mantener su propia existencia (nacer, nutrirse, adaptarse, reproducirse y morir). La vida biológica mantiene un estado de equilibrio que se llama homeostasis en un proceso continuo de relación y cambio.

La visión filosófica o espiritual de la vida es la experiencia consciente del Ser, es la conciencia que se observa a si misma mediante muchas apariencias (árbol, personas, animales, un pensamiento, una emoción). Es la parte de la vida que une a todo con todo, donde nada existe por si sólo sino interrelacionado.

En la visión iniciática la vida es la Luz que anima la materia. Es cuando el Espíritu desciende a la materia para conocerse a si misma. Es decir, recordamos nuestra naturaleza luminosa mientras actuamos en el plano material. Donde la mera existencia es la vida que duerme en la ignorancia y la vida consciente es el arte de unir cielo y tierra dentro de cada ser vivo.

En resumen podríamos decir que la vida es un cambio consciente de la consciencia del Ser en muchas apariencias materiales distintas, en un estado de equilibrio constante, para recordarnos que somos Luz, que aunque tengamos apariencia material todos venimos de la misma substancia universal.

Algunos seres vivos, a los que he etiquetado como "Marrulleros" (por no saber quienes son), tienen como misión y objetivo "matar la Vida".

Son seres vivos que quitan la vida, destrozan, destruyen, eliminan todo lo que se les pone por delante y, seguramente, reciben alguna contraprestación por ello. Su objetivo es acabar con todo lo que significa construir, crear, vivir, no sólo a seres vivos, sino a objetos materiales inanimados.

Algunos ejemplos irán bien para daros cuenta del alcance de este "movimiento de maldad".

- Hacen cortes en suelas de los zapatos para que con el talonamiento del pie se vayan rompiendo las suelas.
- Rocian plantas con productos químicos, con parásitos u otros productos biológicos para que enfermen y mueran.
- Maltratan psicológicamente a seres vivos más débiles que ellos con finalidades distintas según sean sus objetivos.
- Se infiltran en organizaciones, asociaciones y grupos diversos con el objetivo de crear la discordia entre sus miembros.
- Impiden, de diversas formas, que el substrato empresarial y social de una zona se desarrolle para crear ocupación y asociación dentro de un territorio o comunidad.

Pero estos "Marrulleros" se olvidan que la finalidad de la Vida no es destruir, sino crear y darnos cuenta de que estamos formados por una misma substancia única, que todos somos Luz, que estamos todos interrelacionados. O como dice uno de mis Maestros: "La energía es la misma para todos los seres vivos, sólo cambia la polaridad".

5.16.- ¿Porqué no es importante saber quienes son los marrulleros?

He creído conveniente introducir este punto dentro de la Sabiduría, por que se da a conocer un punto de aplicación práctica importante acerca de la Sabiduría.

El punto de aplicación práctica a la hora de actuar según la Sabiduría es no pensar, ni hablar, ni actuar con odio o venganza.

Por ello creo demostrar en este apartado, que la aplicación del punto "sin odio ni venganza" es de mucha importancia para actuar con sabiduría, pues, lo más importante, no es saber quienes son los "Marrulleros", ya que no vamos a actuar con venganza y odio ante nadie, sino que lo que nos debería mover es guiar a los seres vivos, para que las actuaciones realizadas con maldad, no se lleven a cabo, sin necesidad de saber quienes las han realizado.

Así, de esta manera seremos ecuánimes y podremos tomar decisiones sin influencias pasionales, por amistades, familiares o grupos afines.

Muchas veces somos indulgentes con los seres vivos más allegados y con el resto somos menos indulgentes, básicamente por que no los conocemos y no hemos creado vínculos emocionales, por ello somos menos empáticos, más fríos, más parciales.

Existe un refrán que lo dice muy claro: "Haz el bien y no mires a quien"

A quien le importa quienes son los Marrulleros, si sabemos que estos Marrulleros realizan un seguimiento del "Con" (los Marrulleros le llaman en su jerga "una Nuclear").

Sirva de ejemplo que algunos de sus métodos son:

- Saber cuando sales de casa.
- Entrar en tu casa, si es preciso, cuando tu has salido.
- Saber lo que hablas en casa.
- Entrar en las tiendas donde tu vas a comprar y colocarse cerca, detrás o delante a la hora de pagar.
- Las dependientas de las tiendas informan a los demás clientes de lo que puedas comentar, comprar, etc.

- Seguirte para conocer tu rutina diaria y esperarte a tu llegada.
- Infiltrarse en los cursos o escuelas donde puedas realizar estudios para obtener información de cualquier tipo.
- Incluirte en un grupo del trabajo para estar cerca de ti y obtener información.
- Recoger las basuras que has depositado en los contenedores.

En definitiva, si aplicáis la imaginación y sois creativos, puede ser cualquier acción para conseguir información relevante al "Con" al cual le han dado con "una Nuclear".

Por ello, a quien le importa quienes son esos Marrulleros si compran y pagan personas para conseguir esa información. Si pueden estar en organismos oficiales públicos, del estado, en empresas privadas, en comercios, en asociaciones. Pueden ser médicos, arquitectos, albañiles, cocineros, administrativos.

Es decir, me refiero a que es transversal a todos estos organismos y oficios, por que los Marrulleros no son las organizaciones en las que se encuentran o infiltran, para utilizarlas en su propio beneficio, sino que son los seres vivos, es la manera de actuar de los seres vivos, de su realización o construcción personal como seres humanos.

5.17.- Manera de actuar, hablar y pensar sin odio ni venganza

He creído conveniente aclarar el punto sobre la actuación, habla y pensamiento sin odio ni venganza dentro de la Sabiduría, por que queda un poco difuso al preguntarse: si, de acuerdo, podemos actuar sin odio ni venganza...pero ¿Cómo?.

Primero hay que dejar claro que previamente tenéis que haber hecho un trabajo único, personal e interior para dominar vuestras pasiones, conseguir la paz interior, practicar el amor y la compasión a todos los seres vivos. Y practicar la ecuanimidad ante las diferentes situaciones que os plantea la vida, en vuestras tareas diarias.

Para ello tendréis que encontrar un maestro que os quiera enseñar el camino para realizar este cambio personal e interior. Solos será muy difícil que podáis llegar a realizarlo correctamente, aunque no es imposible.

Sin haber recorrido ese camino de la transformación personal, a no ser que seáis un ser con una elevada realización, no podréis comprender la manera de integrar y realizar dichos pensamientos, palabras y actos sin odio ni venganza.

Pero tampoco es oportuno dejar este punto sin aclarar, pues es de suma importancia (para los que estén realizando dicha transformación), aun con el riesgo de ser mal interpretado y practicado erróneamente (que será lo más probable).

Una vez se haya purificado la mente, y en consecuencia el habla y los actos, de las pasiones, se entra en un estado de paz interior, de comprensión de las leyes universales que rigen la vida, que va más allá de los sentimientos humanos, de las pasiones que nos hacen actuar visceralmente, sin comprensión de las fuerzas de las que todos los seres vivos formamos parte.

No es fácil poner palabras a los estados mentales de consciencia, por que generalmente van más allá de lo que las palabras pueden expresar, de forma correcta y precisa para explicarlos.

Dicho con otras palabras, nuestra cultura, nuestro lenguaje no ha creado palabras propias para expresar estos estados de consciencia, al contrario de otras culturas y lenguajes que son muy ricos a la hora de explicarlo.

Pero para que os hagáis una idea, seria como comprender que puedo actuar, con amor y compasión, ante otros seres vivos para que sean conscientes de que todos los seres vivos formamos parte de un todo. Por que todos venimos de la misma substancia primigenia, de tal forma que puedo enseñar a dichos seres para que apliquen estas verdades universales que nos involucran a todos. Por que todos formamos parte de una misma energía, incluso aquellos seres vivos que la utilizan de forma negativa, pero cuyo origen de ese acto de maldad es el amor y la compasión y no el odio y la venganza. Así se transforma el odio en amor y se genera la transformación hacia el bien en el interior de cada ser.

En nuestra cultura, la justicia sería lo que más se acerca a estas enseñanzas, sin ser las mismas, pero aplicada por seres de elevada realización.

5.18.- ¿Cómo crear buenos pensamientos?

Cuando hablábamos de la Compasión decíamos que hacer el bien y generar bondad era una de las maneras básicas que con el tiempo nos lleva a tener compasión de los seres vivos.

Pero para hacer el bien y generar bondad necesitamos realizar un "trabajo" de auto conciencia en la mente.

Así preparamos nuestra mente para generar esa bondad, que nos traerá la paz espiritual y personal, con la cual podremos crear buenos pensamientos.

En definitiva, se trata de autosugestionar a la mente con buenos pensamientos para: paso primero, aprender a pensar sobre la bondad de todos los seres vivos; paso segundo, a hablar con las ideas de los buenos pensamientos que hemos generado en nuestra mente sobre la bondad de todos los seres; y paso tercero, a actuar una vez hemos manifestado externamente con el habla, nuestra voluntad de realizar acciones con esa bondad sobre las que pensamos en un principio.

Y para autosugestionar a la mente con buenos pensamientos debemos pensar "en positivo", debemos "crear" no "destruir", debemos meditar en "la bondad de todos los seres vivos", debemos "ver el lado bueno de las cosas" y "de los sucesos que nos pasan en nuestra vida diaria".

¿Porqué? Pues por que nuestra mente está formada por energía, esta energía es "pura claridad", "es luz" y es la que nos calma, nos tranquiliza y eso nos lleva a la paz interior y a la felicidad última.

Mientras que cuando esta energía es "pura oscuridad" y "tinieblas" genera irritación, ira, odio y esto genera malos pensamientos, principalmente debido al estrés. Por que este estrés no nos deja pensar con claridad, ni con bondad...dejamos de ser ecuánimes.

Necesitamos pensar en la bondad no en la maldad. Aunque en la cultura judeo-cristiana, en la que he crecido, la educación que hemos recibido, ha generado en nuestra conciencia, pensamientos de culpa, castigo, pecado, temor, miedo, ira...pensamientos negativos.

Por ello es básico re-configurar nuestra mente hacia los pensamientos positivos que se encuentran en otras culturas.

Y con ello no estoy diciendo que la cultura judeo-cristiana sea errónea, sino que en este aspecto ha habido, según mi modesta opinión, un error de aplicación general, al contrario que en otras culturas. Pero que puedo suponer que se aplicó así por alguna circunstancia del pasado que desconozco.

En resumen, lee, estudia, comprende, medita, reflexiona con lógica y sabiduría...y alcanza a formar tu propio "concepto mental" sobre la sabiduría, la bondad y la maldad.

Aquí te muestro el camino que han explicado los mayores sabios e iluminados de nuestra humanidad, y todos coinciden en el camino de la bondad para conseguir llegar a la felicidad última.

5.19.- Porque estas permanentemente enfermo

¿Cuándo está un ser vivo enfermo?

Un ser vivo está enfermo cuando está temporalmente en un estado de desequilibrio del cuerpo o de la mente, producido por unas causas y unas condiciones que provocan malestar. No es ni una identidad fija ni una cualidad permanente.

De acuerdo, admito que la palabra "desequilibrio" es muy relativa y debería siempre preguntarse en función de que o en relación a que o a quien. Y algunos dirán que, por ejemplo, un estado permanente de estrés está normalizado en ciertas profesiones o seres humanos con determinados niveles de exigencia en sus tareas cotidianas. ¡De acuerdo, lo admito!

Pero permanente, eso si que no lo admito. Por que un ser vivo no debería estar en permanente y perpetuo estrés.

Por ejemplo, un sanitario que está en el frente de un conflicto armado, socorriendo heridos, tendrá un nivel de estrés distinto a un sanitario de emergencias en una ciudad, en un entorno civil, y otro sanitario que está en un ambulatorio tendrá otro nivel de estrés distinto a los dos anteriores. Sin tener en cuenta el factor personal, pues cada persona tiene una tolerancia única al estrés y que no puede ser medido, sino que se determina en función de la percepción personal de cada ser vivo. Pero todos ellos tienen unos períodos de descanso, es decir, de "no estrés".

Si aplicamos este ejemplo a las enfermedades o desequilibrios del cuerpo y de la mente, nos daremos cuenta si cada uno de nosotros está permanentemente enfermo.

Cuando estás permanentemente enfermo, o sales de un desequilibrio y entras en otro desequilibrio es señal de que existe, algo o alguien en tu entorno, que no te deja abandonar el sufrimiento, que este permanente desequilibrio conlleva. La genética de los seres vivos lleva consigo un determinado nivel de autocuración, una vez devueltos a un estado de normalización del entorno que afecta a ese ser vivo.

En el caso de los marrulleros que aplican "una nuclear" (ya explique en otro artículo anterior que significaba este término) evitan el sufrimiento propio, que les es inferido por alguna causa o condición, aplicándolo a otro ser vivo como vía de "liberación" de su sufrimiento. Como si fuera una "cadena", infieren a otro ser vivo el sufrimiento que era para ellos, liberándose así de ese sufrimiento.

Ahora imaginate a infinitos seres vivos dando un golpe a otro ser vivo (siempre el mismo)...si cada golpe es un desequilibrio, ese ser vivo "único" estará en permanente desequilibrio, le estarán provocando enfermedades, y el sufrimiento que ello conlleva. Conduciéndolo a la muerte o a posibles ideas de autólisis (este punto también lo he explicado en artículos anteriores).

En resumen, los seres vivos tienen niveles propios de autocuración en estados de normalidad del entorno, por ello cuando algún ser vivo está permanentemente enfermo, hay algo o alguien que provoca ese desequilibrio en cuerpo y mente.

5.20.- Si te preguntan que quieres, pide felicidad

En un artículo posterior definíamos el término Felicidad como sigue:

¿Qué es la felicidad? La verdad es que cada cultura entiende la felicidad a su manera y varían bastante unas de otras. Por ejemplo, los budistas entienden la felicidad como la paz interior libre de aflicciones por que

comprende su naturaleza vacía y transitoria. Los francmasones, la entienden como la armonía entre el deber, la sabiduría y la acción justa del hombre que construye su alma en silencio. Y la tradición perenne la entiende como el reconocimiento del Uno en el Todo y del Todo en el Uno por que el alma ha recordado quien es.

Pero todas ellas coinciden en que el trabajo es interior, de la mente, del alma, del ser interior. No es un sentimiento o estado de bienestar o alegría, sino una comprensión de algo más profundo dentro de cada ser vivo.

Pero, aunque esta sea la verdadera definición de la felicidad, la mayoría de seres vivos no la integran así, de manera última o verdadera, sino que la comprenden de manera convencional, existente de forma única e independiente.

Por ello he creído, para una mayor comprensión de todos los seres, explicarlo mejor desde el punto de vista convencional.

Generalmente, cuando algún ser vivo tiene necesidades materiales, debe desempeñar unas tareas que a los demás no les agrada realizar, y ello tiene un precio. Ese precio, que preguntan los inductores o ideólogos, es: ¿Qué quieres a cambio?

La respuesta es simple, por que el ser vivo que tiene necesidad de alguna cosa material pide esa cosa que desea, que acostumbra a ser material.

Y ese es el vínculo, la atadura que existe entre, el ser vivo que tiene necesidad y el ser vivo que concede el deseo al ser vivo necesitado. Y ese vínculo se va a repetir por cada acción o necesidad material.

Pero, hay que ser consciente de que el ser vivo que concede el deseo también está en “la rueda”, y es un ser vivo con necesidades materiales, así que, el también tiene a su vez un ser vivo que concede sus deseos materiales.

Así funciona “La Rueda”…

De esa rueda es difícil salir, pero te doy una posible solución, siempre y cuando sea válida para ti, como para todo ser vivo: ¡ Pide Felicidad !

Si, al ser vivo que te concede los deseos materiales, le pides Felicidad, no importa como seas de afortunado materialmente, por que siempre serás feliz con aquello que la vida te ha concedido para vivir.

Soy consciente de lo difícil que es integrar este pensamiento, pero tenía que explicarlo para cerrar un ciclo de artículos sobre la “Purificación del Sistema”.

Nota del autor

Esta obra nació de la necesidad de comprender lo invisible: los mecanismos internos del sistema que condiciona nuestras vidas, pensamientos y emociones.

“Teoría de un Sistema” no pretende señalar culpables ni ofrecer verdades absolutas, sino invitar al lector a observar, cuestionar y purificar aquello que contamina su entorno interior y exterior.

Cada palabra, cada reflexión y cada propuesta fueron escritas desde la experiencia y la búsqueda personal, con la esperanza de que quien lea estas páginas encuentre una semilla de conciencia, de calma y de renovación.

Porque el sistema no se destruye con odio ni se vence con fuerza. Solo puede purificarse desde la comprensión, la sabiduría y el amor consciente.

— Francesc Albert Soler Anglès
Barcelona (España), a 21 de diciembre 2025 a las 16:03 (C.E.T.)

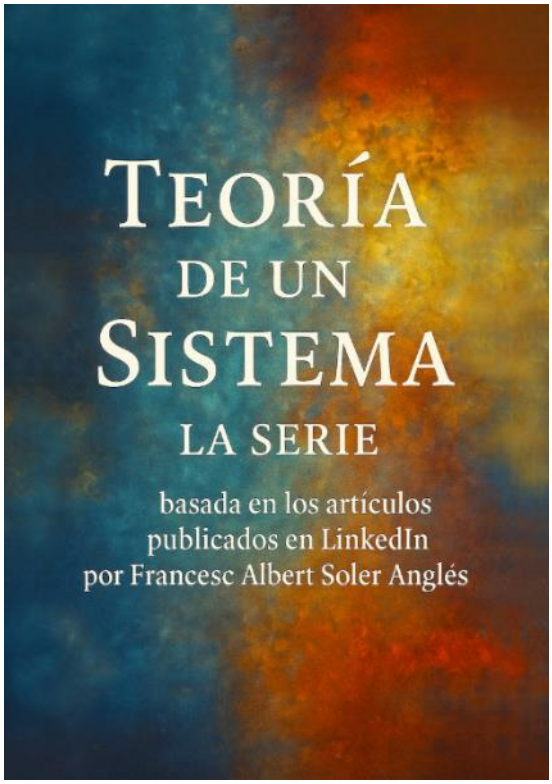
El autor

Francesc Albert Soler Anglès no se define como escritor en el sentido tradicional, sino como un observador y aprendiz permanente.

Teoría de un Sistema – La Serie surge de años de reflexión personal sobre la experiencia humana, los sistemas que nos condicionan y la búsqueda de sentido en un mundo complejo.

Esta obra no pretende ofrecer respuestas cerradas, sino invitar al lector a cuestionar, conectar y mirar la realidad desde una perspectiva más amplia y consciente.

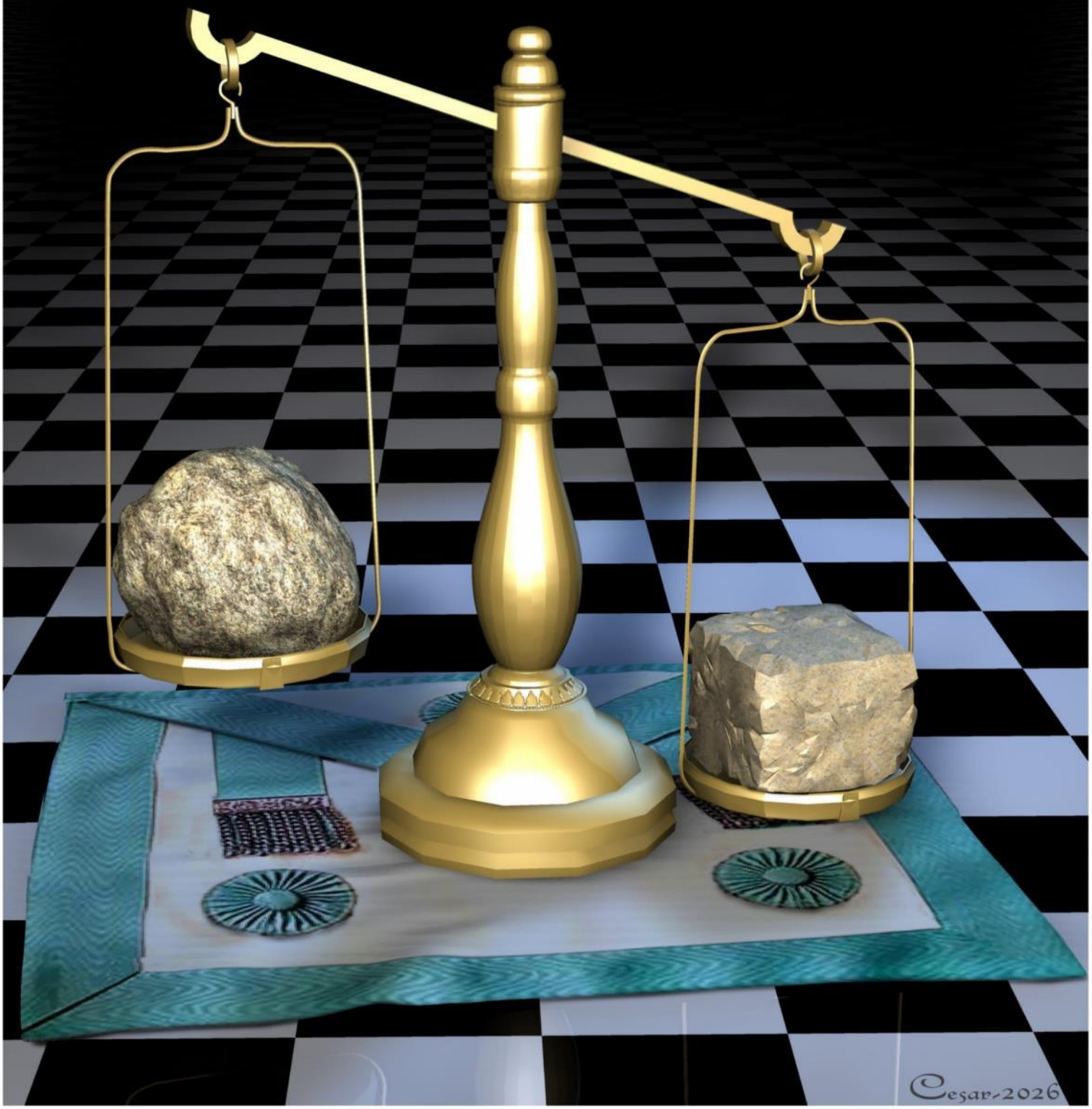
.



El Delantal y la Máscara

Reflexiones sobre la "Inimistad Fraterna"

Por el Q.·. H.·. Ivonaldo Porto



De vez en cuando, lo que se observa a lo largo de Brasil y no raras veces también en otras latitudes es un verdadero duelo entre Hermanos que, en teoría, deberían estar unidos por los mismos principios, por la misma luz y por el mismo compromiso moral. Es doloroso admitirlo, pero la Masonería, como institución compuesta por hombres, no es inmune a las dolencias del mundo profano que tanto busca trascender.

Lo que debería ser un espacio de elevación moral y espiritual, sustentado por el respeto mutuo, la fraternidad real y la búsqueda continua del perfeccionamiento interior, muchas veces se ve atravesado por disputas personales, vanidades heridas y antagonismos silenciosos que corroen, desde dentro hacia afuera, aquello que debería ser sólido.

En algunos casos, el conflicto va más allá del campo de las ideas y de las divergencias naturales y llega al extremo de utilizar elementos sensibles como arma de destrucción moral, incluyendo prejuicios de orden racial, social o intelectual. Ver la ofensa por el color de la piel, por el origen, por el nivel cultural o incluso por la simple forma de pensar surgir entre aquellos que juraron reconocerse como iguales ante el Gran Arquitecto del Universo es, quizás, una de las mayores contradicciones que se pueden presenciar dentro de cualquier institución que pretende trabajar la elevación del ser humano.

Más grave aún es percibir que tales conflictos muchas veces no nacen de hechos concretos, sino de percepciones distorsionadas, interpretaciones incompletas, narrativas fragmentadas y, sobre todo, del peligroso "he oído decir", que sustituye el diálogo directo por la especulación y la verdad por la versión conveniente.

Entré en la Masonería con la legítima expectativa de encontrar un puerto seguro de rectitud, disciplina, silencio constructivo y elevación moral, donde el término "Hermano" no fuera solo una formalidad ritual, sino un compromiso real de confianza, lealtad y protección mutua.

Sin embargo, con el tiempo, percibí que el cincel que debería desbastar la piedra bruta muchas veces es utilizado de forma equivocada, no para pulir el propio carácter, sino para herir la imagen de quien está al lado. Y esto produce una inversión dolorosa de propósito, aquello que debería unir pasa a separar, aquello que debería construir pasa a destruir.

Lo que más duele no es la imperfección humana, pues esta es parte natural de la condición de todos nosotros, sino la facilidad con la que algunos transforman hermanos en adversarios sin haber jamás tenido un encuentro sincero, un diálogo honesto o una escucha desarmada.

La Anatomía de la Intolerancia y el Juicio Invisible

Es alarmante observar cómo la reputación de un Hermano puede ser corroída silenciosamente en los pasillos, en las conversaciones paralelas y en los bastidores que no dejan rastros formales, pero sí profundas heridas humanas.

Muchas veces el ataque no nace de una ofensa real, concreta y comprobada, sino del simple hecho de que el otro representa algo que incomoda. Y lo que incomoda no siempre es el error, muchas veces es la firmeza de carácter, la coherencia de postura, la valentía de discrepar o la independencia de pensamiento.

Así, paradójicamente, se convierte en enemigo no quien comete el mal, sino quien expone el error. No quien agrede, sino quien cuestiona. No quien falla, sino quien se niega a callar ante lo que considera injusto.

La intolerancia, en este contexto, no se manifiesta solo en palabras agresivas, sino también en gestos sutiles, en silencios calculados, en exclusiones veladas y en narrativas construidas de forma selectiva para debilitar reputaciones.

El juicio ocurre muchas veces sin defensa, sin contradicción y sin el mínimo esfuerzo de escucha. Se forma así una especie de tribunal invisible donde la sentencia precede al proceso y donde la verdad deja de ser buscada para dar lugar a la conveniencia emocional o política de quien habla más fuerte.

Esta dinámica revela algo aún más profundo y preocupante, la sustitución del juicio justo por el juicio útil. Se juzga no en base a la verdad de los hechos, sino en base a la utilidad de las versiones. No en base a la ética, sino en base a la conveniencia de los intereses. No en base a la luz, sino en base a la sombra que se desea mantener.

El Precio del Silencio y la Moneda Invisible de los Cargos

Otro aspecto que exige una reflexión seria es el juego sutil de intercambios simbólicos que, en ocasiones, ocurre bajo el techo masónico. Hombres que deberían ser guiados por la virtud terminan callando ante injusticias porque han recibido cargos, honores o distinciones que, aunque simbólicos, ejercen una fuerte influencia sobre el ego humano.

Se instala entonces una lógica silenciosa, pero peligrosa, "permanece de mi lado y serás reconocido, cuestiona y serás aislado". Aunque no siempre se exprese abiertamente, esta lógica puede convertirse en una práctica corrosiva cuando no es reconocida ni combatida.

En este ambiente, la meritocracia moral basada en la coherencia, la ética y el servicio desinteresado es sustituida por el favoritismo, las concesiones estratégicas y los intercambios implícitos de lealtad por reconocimiento.

Es importante aclarar que no son los cargos en sí el problema. Forman parte de la estructura organizativa y simbólica. El problema surge cuando esos cargos pasan a ser utilizados como instrumentos de control, de silenciamiento o de recompensa por la omisión.

El hombre que acepta el brillo de las medallas a cambio del silencio ante el error, aunque sea de forma sutil o inconsciente, termina contribuyendo a la erosión de los principios que un día juró defender. Y esa contribución, aunque silenciosa, sigue siendo participación activa en la descomposición moral de la institución.

El silencio, cuando nace de la prudencia, puede ser virtud. Pero el silencio que nace del miedo, de la conveniencia o del intercambio deja de ser virtud y se convierte en omisión. Y la omisión repetida, naturalizada y tolerada, se transforma en cultura.

La Piedra Bruta y el Espejo Interior

La Masonería nos enseña que el mayor enemigo del hombre no está fuera, sino dentro de sí mismo. Es la vanidad disfrazada de humildad, el orgullo vestido de autoridad, el prejuicio camuflado de opinión y el ego que se presenta como celo institucional.

Cuando un Hermano ataca a otro sin conocerlo, o cuando lo hace por su origen, color, posición social o divergencia de pensamiento, no está demostrando fuerza, sino fragilidad interior. Está demostrando que aún no ha comprendido el sentido profundo de la igualdad simbólica que profesa.

En muchos casos, el llamado enemigo ni siquiera es conocido de verdad. Esto revela una contradicción esencial, cómo puede existir enemistad real sin convivencia, sin diálogo y sin conocimiento. Lo que existe en esos casos no es enemistad, sino proyección. No es realidad, sino interpretación distorsionada.

Quien convierte al Hermano en adversario sin buscar comprenderlo está en realidad librando una lucha interna consigo mismo. Y esa lucha interna, cuando no se reconoce, termina proyectándose sobre los demás.

De la misma forma, quien se vende por un cargo, por reconocimiento o por estatus simbólico, aunque sea de forma sutil o racionalizada, está admitiendo que su ambición personal ha superado su compromiso con la verdad y con los principios que debería proteger por encima de cualquier interés.

El Ser y el Tener en la Jornada Iniciática

La reflexión que me acompaña cada vez con mayor frecuencia al entrar al Templo es simple, pero profundamente incómoda. ¿Estamos aquí para pulir la piedra bruta o para hacer brillar el metal de las medallas?

Mientras el ser, justo, perfecto, coherente, fraterno y verdadero, sea sustituido por el tener, cargos, títulos, honores y vanidades, seguiremos presenciando el triste espectáculo de hermanos que se tratan como adversarios, olvidando que todos, sin excepción, caminan hacia el mismo destino final.

La igualdad que impone la muerte es la misma que la iniciación debería enseñar desde el primer grado. Ninguna posición social resiste al tiempo, ningún título resiste al juicio de la conciencia, ninguna vanidad resiste a la verdad interior.

La verdadera Gran Obra no está en la acumulación de símbolos externos, sino en la transformación silenciosa del ser. No está en la disputa por espacios de poder, sino en la capacidad de servir con humildad. No está en la apariencia del delantal, sino en la integridad de quien lo viste.

Consideraciones Finales: Un Llamado a la Conciencia

Que estas reflexiones no sean interpretadas como ataques, sino como un llamado al despertar interior. No se trata de acusar instituciones o personas, sino de provocar conciencia sobre prácticas que, si no se observan, pueden desviar el propósito original del camino iniciático.

Si la Masonería es, de hecho, una escuela de perfeccionamiento humano, entonces también debe ser un espacio donde la verdad pueda ser dicha sin miedo, donde el error pueda ser corregido sin vanidad y donde el Hermano pueda ser visto como un ser en construcción, nunca como un enemigo a eliminar.

Que cada uno tenga el valor de mirar hacia dentro y hacerse la pregunta esencial. ¿Estamos honrando el delantal que vestimos o solo utilizándolo como una máscara social?

Porque al final, cuando todas las máscaras caen y todos los títulos pierden valor, solo queda aquello que nunca puede ser comprado, concedido o heredado. La conciencia tranquila de haber sido, de hecho, un hombre justo consigo mismo y con los demás.

Próximo número: La paradoja del silencio.

El autor

Ivonaldo Porto

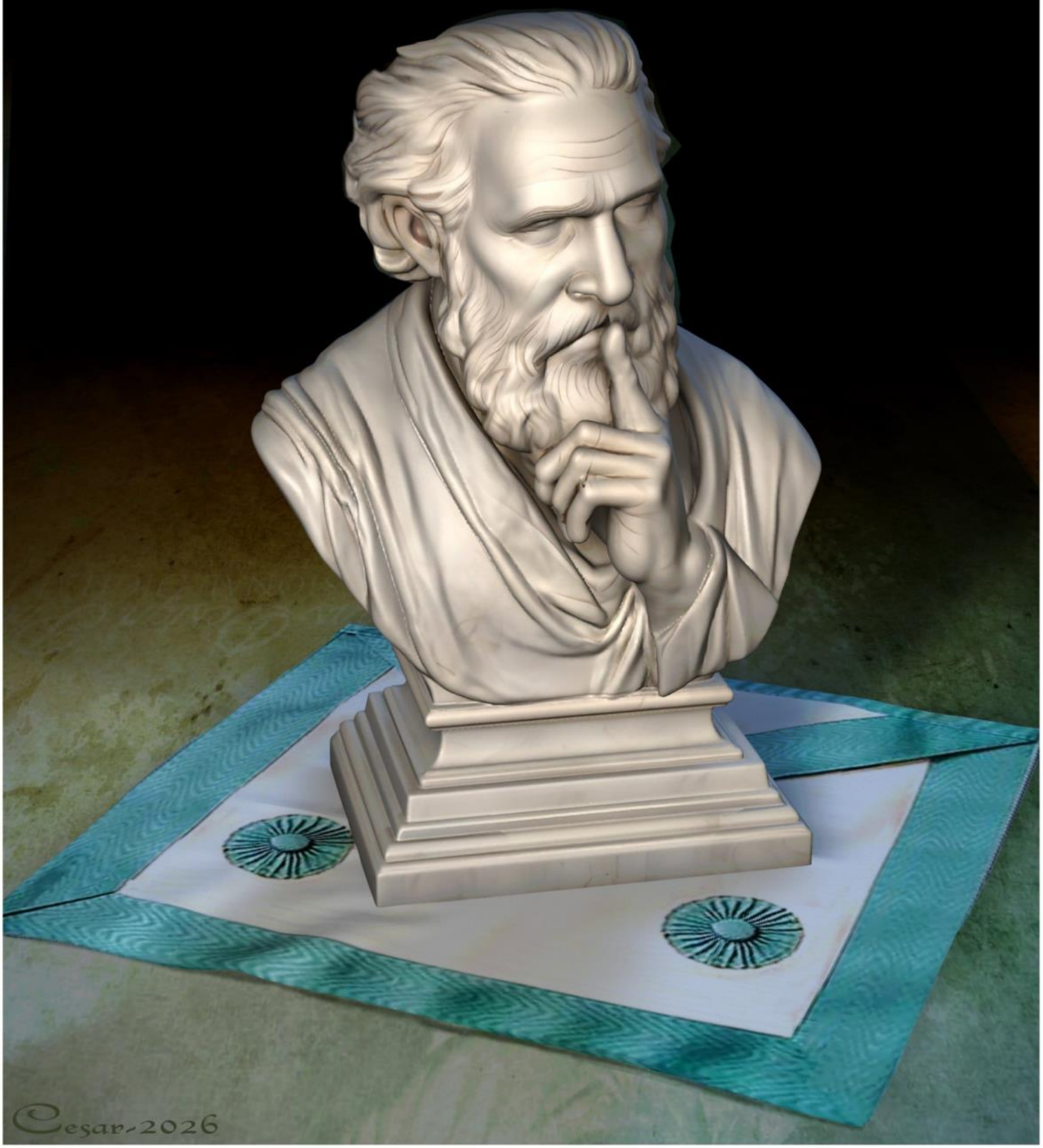
Maestro Masón de la Logia Mário Melo 81, GLMPE – Gran Logia Masónica de Pernambuco, Brasil.

Ex Gran Secretario de Asuntos Jurídicos, Ex Asesor del Gran Maestro, Ex Miembro de la Gran Comisión Legislativa de la GLMPE.

Profesor universitario de las cátedras de Derecho Penal y Derecho Procesal Penal, sociólogo e abogado

El valor del silencio

Por el V.·.H.·. Cristian R. Guardiola



Permítaseme, con humildad, compartir algunas reflexiones sobre una de las virtudes más silenciosas y, sin embargo, más esenciales de nuestra Orden: la **discreción**.

En un mundo donde todo se dice, donde todo se expone y donde todo parece necesitar ser mostrado, el Aprendiz masón recibe una enseñanza distinta. Se le enseña a callar.

Pero ese silencio no es vacío. Ese silencio tiene sentido. Desde el momento mismo de su iniciación, el Aprendiz comprende que no todo puede ni debe ser llevado al mundo profano. No por ocultamiento. No por temor, sino por respeto al símbolo, a la palabra y, sobre todo, respeto por el otro.

El Aprendiz trabaja en silencio pero no porque no tenga nada que decir, sino porque está aprendiendo a escuchar. Y en ese aprendizaje descubre algo fundamental que el silencio no es ausencia de voz, sino presencia de conciencia.

Así como la piedra bruta no se transforma por el ruido, sino por el golpe justo y preciso, el espíritu del Aprendiz se forma en la quietud. Porque quien habla demasiado termina por no oírse a sí mismo. Y quien no se escucha difícilmente pueda transformarse.

Ser discreto no es solamente guardar secretos sino saber dónde empieza y dónde termina la palabra. El Aprendiz aprende que no todo lo que conoce le pertenece, no todo lo que escucha puede ser repetido y no todo lo que comprende debe ser explicado.

Hay un límite entre lo que puede compartirse y lo que debe permanecer resguardado. Ese límite lo imponen el miedo y la responsabilidad.

Porque la palabra una vez dicha, ya no vuelve, pero el silencio siempre puede sostener la verdad. Y es aquí donde esta enseñanza deja de ser abstracta. Perdida la discreción, se pierde un principio.

Cuando aquello que debía permanecer resguardado es llevado al mundo profano, se rompe una confianza. Para nosotros, en la Masonería, es uno de sus pilares.

No es difícil guardar silencio cuando nada se sabe. Lo verdaderamente difícil es callar cuando se sabe. Y la confianza, una vez quebrada, no se recompone con facilidad.

Hermanos Aprendices, la discreción no es una formalidad de la Orden. Es una virtud que la sostiene. En tiempos donde todo se revela, el masón aprende el valor de lo que permanece resguardado.

Que nuestras palabras sean medidas y que nuestros silencios sean conscientes. Y que sepamos distinguir en cada momento qué decir y qué callar.

Y porque, cuando el silencio se rompe donde debía ser guardado ya no es la palabra la que se pierde, sino aquello que la palabra debía proteger.

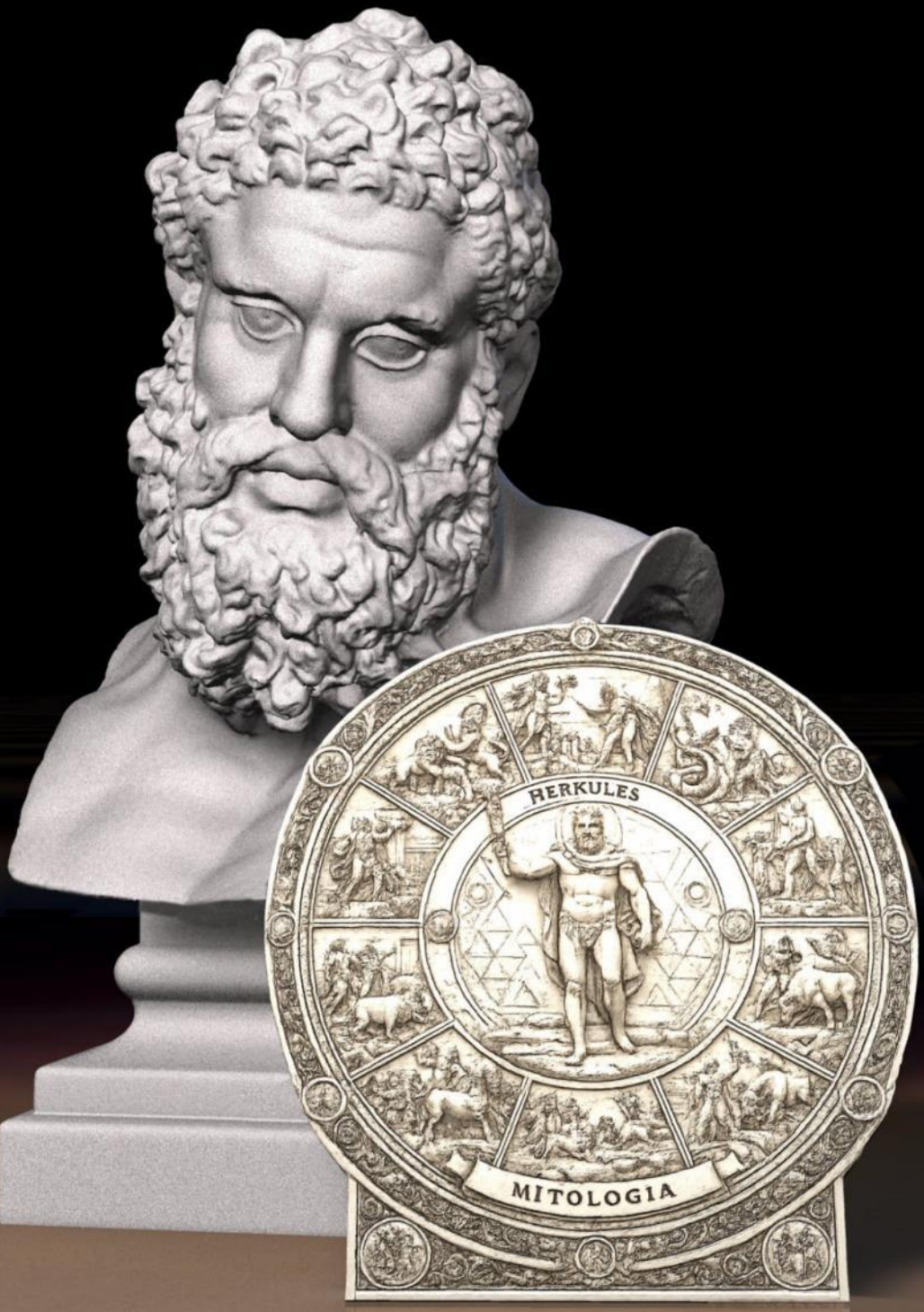
Es todo.

El autor

Cristian R. Guardiola,
Orador de la R.·. L.·. "Columnas del Iguazú" N° 478, Oriente de Puerto Iguazú.
.

Los doce trabajos de Hercules (I)

Por el V.·.H.·. Herbert Ore Belsuzarri



Cesar-2026

Se cuenta que el día antes de que el rey Amfitrión regresase a su casa, tras una guerra victoriosa, Zeus, tomando la apariencia de aquél, pasó la noche con la esposa del mismo, Alkmene. Aún estaba amaneciendo cuando Amfitrión, llegado al hogar, hizo lo propio.

Alkmene, dio a luz, primero a Hércules y, con una noche de diferencia, a Ificles. El primero, hijo de Dios aunque mortal. El segundo hijo de mortales.

Queriendo Zeus conceder la inmortalidad a su retoño, una noche ordenó a Hermes que lo sustrajese de su cuna, lo subiese al Olimpo y, mientras su esposa Hera dormía, lo acercara a uno de sus senos para que Hércules mamase su leche. Hércules, al notar el tibio contacto del pezón, comenzó a chupar, pero lo hizo con tal fuerza que Hera, despertándose, lo rechazó. Y el chorro de leche que se derramó formó la Vía Láctea.

Zeus no descuidó la educación de Hércules y les dio por maestros a los mejores educadores. Antes de los 18 años ya medía dos metros y medio y tenía una fuerza extraordinaria.

En el Kitairón, montaña entre Ática y Beocia, había un león que estaba acabando con los rebaños, tanto de Amfitrión como del rey Tespios, de Tebas. Deseando cazarlo, fue Hércules al país de Tespios en cuyo palacio se hospedó.

Todos los días salía al alba en busca del león y volvía, ya de noche. Cincuenta días transcurrieron así hasta que, al fin, pudo matarlo con sus propias manos. Desde entonces adoptó la piel de aquel león como vestimenta.

En Delfos, recibió de Apolo el nombre de "Hércules" que lo hizo célebre, en sustitución de su nombre anterior "Alkaides", derivado del de Alkaios, su abuelo. Y recibió también el mandato –como penitencia por un error cometido- de ir a Tirinto y ponerse a las órdenes del rey Euristeo durante doce años. Fue entonces cuando Euristeo (símbolo del Maestro), por inspiración de Hera, le impuso los doce célebres trabajos.

Los trabajos de Hércules están vinculados a los doce signos zodiacales. En los cuatros primeros signos, prepara su equipo y aprende a utilizarlo. En Aries, se aferra con fuerza a su mente y busca inclinarla a su necesidad, aprendiendo el control mental. En Tauro, “la madre de la iluminación", recibe su primer destello de esa luz espiritual que crecerá, cada vez más brillante, a medida que se acerca a su meta. En Géminis, no sólo aprecia los dos aspectos de su naturaleza, sino que el aspecto inmortal empieza a acrecentarse a expensas

del mortal. En Cáncer, logra su primer contacto con ese sentimiento más universal, que es el aspecto superior de la conciencia de la masa. Equipado, por consiguiente, con una mente controlada, una capacidad de registrar la iluminación, una facultad para hacer contacto con su aspecto inmortal y para reconocer intuitivamente el reino del espíritu, está listo ahora para el trabajo mayor**.**

En los cuatro signos siguientes, los signos de la lucha del plano físico por la realización, el individuo autoconsciente se conoce a sí mismo como el individuo en Leo, el Cristo potencial en Virgo, el aspirante esforzándose para equilibrar los pares de opuestos en Libra, y el que vence a la ilusión en Escorpio. Estos son los cuatro signos de crisis y de enorme esfuerzo. En ella toda la iluminación, la intuición, y el poder del espíritu del cual Hércules, el aspirante, es capaz, son utilizados al extremo. El espíritu logra individualidad, en Leo; se vuelve el que alimenta las ideas y las capacidades potenciales, en Virgo; oscila violentamente de un extremo al otro, en Libra; y está sujeto al efecto disciplinante del mundo de la ilusión y la forma, en Escorpio.

Los últimos cuatro signos, son los de la realización. El aspirante ha trabajado en el mundo del espejismo y de la forma, y su conciencia está libre de sus limitaciones. Ahora puede ser el arquero en Sagitario, yendo directamente a su meta; y puede ser la cabra en Capricornio, escalando el monte de la Iniciación; y puede ser el Servidor del Mundo en Acuario, y el Salvador del Mundo en Piscis y, en estos cuatro signos finales, demostrar los beneficios logrados y los poderes desarrollados.

Antes de que diese comienzo a sus doce trabajos, los dioses lo pertrecharon para ello. Minerva le dio una túnica, símbolo de la vocación; Vulcano le dio una coraza de oro, que capacitaba al aspirante para emprender los doce trabajos y seguir adelante sin amedrentarse. De Neptuno, el dios de las aguas, recibió dos caballos, la naturaleza emocional, que representan la capacidad de ser arrebatado, ya sea por una línea de pensamiento o por una reacción emocional. Esta naturaleza emocional, cuando es usada correctamente y subordinada a los propósitos de Dios, es una de las más grandes posesiones que el discípulo tiene. Con la ayuda de Neptuno y los rápidos corceles, Hércules podía estar en contacto con la esfera más distante en la cual podían ser ejecutados sus trabajos. Equipado, por lo tanto, con vocación, energía espiritual y sensibilidad, el obsequio de una espada que vino de Mercurio, el mensajero de los dioses, es de profunda significación, pues la espada es el símbolo de la mente que divide en pedazos, separa y destruye. A través de su uso, Mercurio agrega a los otros dones conferidos a Hércules, el del análisis mental y la discriminación. Y Apolo, el mismo Dios Sol, se interesó por Hércules y le dio un arco de luz y una flecha, simbolizando la capacidad de ir rectamente a la meta; símbolo también de esa penetrante iluminación, que como una flecha de luz podría iluminar la oscuridad de su sendero cuando fuera necesario.

Así equipado, Hércules permanece listo para el gran esfuerzo. Y cuando todos los dones habían sido concedidos y él permanecía con su divino equipo, tuvo lugar la más sorprendente reacción por su parte: se alejó un momento, y se internó en el bosque y regresó con un garrote que había cortado. Porque, aunque todos los presentes divinos eran muy hermosos y magníficos, él no sabía aún cómo usarlos y prefería abrirse camino sólo con lo que sabía y podía usar.

Trabajo 1. Capturar las Yeguas Devoradoras de Hombres, de Diómedes

(Aries, 21 Marzo - 20 Abril)

El Primer gran Portal del gran Zodíaco se abrió: Y Hércules recibió la siguiente orden:

Ve y captura esas yeguas malignas y detén sus hechos. Libera a esa tierra y a sus habitantes.

Fue el primer trabajo que Euristeo encomendó a Hércules: capturar las yeguas de Diómedes, hijo de Marte, criaba en su reino las yeguas negras de la guerra, en los pantanos del mismo. Eran salvajes y feroces y todos las temían, pues mataban a los hijos de los hombres, asolaban las cosechas y engendraban continuamente caballos igualmente malignos y feroces.

Hércules le dijo a su amado amigo Abderis, que siempre le acompañaba: *Ayúdame en este trabajo,* Abderis así lo hizo. Y ambos se enfrentaron a la tarea juntos. Planearon su estrategia, siguieron a los caballos a lo largo de las praderas y los pantanos hasta que, al fin, lograron encerrarlos en un lugar del que no podían salir. Y entonces les trabaron las patas.

Hércules, orgulloso de haberlo logrado, se consideró demasiado importante para terminar personalmente el trabajo, así que, mientras él seguía adelante, le dijo a Abderis: *Abderis, ve y lleva las yeguas a través del portal.*

Pero Abderis no era como Hércules. Abderis era débil. Y temía a los caballos. Y éstos se le escaparon, lo agredieron, lo patearon y lo mataron.

Entonces, Hércules tuvo que tragarse su orgullo y repetir, esta vez solo, todo el trabajo, mientras su amigo yacía muerto, y conducir las yeguas a través del Portal, mientras Abderis yacía muerto.

Los pobladores de la región aclamaban a Hércules como su salvador, cuando pasaba por los pueblos. Pero Abderis estaba muerto.

Al llegar al Portal, el Maestro dijo:

Has llevado a cabo el primer trabajo. Pero mal. Aprende la lección y pasa a otro servicio.

Los caballos negros simbolizan la mente inferior, fábrica de ideas falsas y conceptos errados. Representan la polaridad femenina de la mente como creadora de conceptos, ideas y teorías. Ideas que, luego, se lanzan al mundo, devastándolo y destruyéndolo cuando surgen de la mente inferior, pero construyéndolo y salvándolo cuando proceden del espíritu. Por eso, el caballo blanco representa la mente iluminada del hombre realmente espiritual.

Durante miles de años, las yeguas (que representan a la mente inferior) habían estado produciendo negros caballos agresivos y dañinos, es decir, pensamientos erróneos, juicios equivocados e ideas falsas, que habían devastado la región, es decir, la tierra. Hércules había de empezar a adquirir control sobre la mente en el mundo del pensamiento.

Y una de las primeras lecciones que todo aspirante ha de hacer propia es la de convencerse del enorme poder que poseen sus pensamientos y, por tanto, el enorme daño que puede hacer con ellos entre los más próximos, entre sus amigos y en el medio ambiente, mediante esas yeguas que, una vez fecundadas, siguen devastando la región. Ha de aprender, pues, a usar correctamente su mente y no dejarla engendrar más caballos guerreros y agresivos. Porque el egoísmo, la falta de bondad, el amor a la murmuración y a la crítica, constituyen gran parte del contenido de su pensamiento; y las yeguas madres de su mente están constantemente siendo fertilizadas por el egocentrismo y la ilusión.

Estas yeguas madres, en lugar de dar nacimiento a ideas y conceptos originados en el reino del espíritu, y en vez de ser fertilizadas desde el reino espiritual, se convierten en madres del error, la falsedad y la crueldad, que tienen su origen en el aspecto inferior de la naturaleza humana.

Conviene, para la mejor comprensión de los trabajos siguientes, tener claros cuatro conceptos:

a.- Dios. Que es la suma de todas las formas, de todos los estados de conciencia y de toda la vida energizante.

b.- Sexo: Que es la vida en actividad que atrae a la materia y al espíritu; la atracción entre espíritu y materia; el deseo; la tendencia a la creación.

c.- Ley: Que es el conjunto de hábitos nacidos de la eterna acción recíproca entre materia y espíritu, los dos polos opuestos, y que el hombre conoce como leyes naturales; el efecto de la incidencia de la voluntad divina sobre la forma; el reconocimiento de ese efecto por el hombre.

d.- Pecado: Que es la rebelión de la unidad contra el todo; de la individualidad contra el grupo; el egoísmo frente al interés universal.

Trabajo 2. Capturar el Toro de Creta

Tauro (21 de Abril - 20 de Mayo)

El segundo Portal se abrió de par en par.

Euristeo mandó llamar a Hércules y le dijo que debía capturar el toro sagrado que el rey Minos de Creta poseía, y llevarlo desde la isla a la tierra firme. No le dio más instrucciones.

Hércules buscó primero y persiguió después al toro sagrado, guiado por la estrella luminosa que brillaba sobre su frente. Así lo siguió hasta su refugio y él sólo, lo capturó y lo condujo hasta la costa, montado en él a horcajadas y, luego, a través de las aguar del mar, que separaban a Creta de la tierra firme, hasta la ciudad de los cíclopes.

En el trabajo de Hércules, el toro representa el deseo animal, es decir, todos los deseos basados en la materia que, unidos, dan lugar a la gran ilusión que produce el centrar la conciencia en algo que no es real, alejándonos de lo que lo es, que es la vida del espíritu.

El discípulo es una parte del conjunto humano, separada de ese conjunto y sometida a los vaivenes del deseo material. Por tanto, ese deseo, ese toro, ha de ser perseguido y dominado hasta que se pueda "cabalgar sobre él" y atravesar así las aguas de la pasión, sin peligro alguno, hasta llegar a la tierra firme. El toro, pues, ha de ser montado y conducido por el hombre, el espíritu.

Y, para hacerlo, para controlarlo, hay que emplear el sentido común. Recordemos el lema: *Una mente pura, un corazón tierno y un cuerpo sano*, que deben ser utilizados, los tres, como indican las leyes del lugar en que su propio destino lo ha situado.

Si el propósito es puro y está libre de la atracción de la materia, la acción será justa y la consecuencia será una vida justa en el plano físico y en todos los planos.

Todo aspirante tiene en el sexo un problema importante que afrontar. Porque, si su mente no puede resistir la atracción del polo opuesto, se convierte en una víctima del sexo y puede llegar a ser controlado por la parte inferior de su animalidad. En cambio, si conoce la finalidad y correcto uso de su fuerza creadora sexual y la posibilidad de transmutarla en palabras y escritos, ideas y actos positivos y altruistas, entonces el aspirante se convierte en un puntal para la sociedad, porque comprende y defiende la familia y la reproducción como medio sagrado de proporcionar posibilidades de renacimiento a otros espíritus hermanos. Y construye y ayuda y progresa y beneficia a la sociedad en la que está integrado.

Trabajo 3. Apoderarse de las Manzanas de Oro de las Hespérides

Géminis (21 Mayo - 20 junio)

Este tercer trabajo se da en el signo de Géminis. Y trata del trabajo en el plano físico mientras el aspirante empieza a comprenderse a sí mismo. Antes de poder trabajar en este signo, como siempre, debe haber un proceso mental, a veces muy lento y muy largo, para poder unificar, en el plano físico, el cuerpo y el espíritu.

En este trabajo se prueba la sinceridad del aspirante. Porque en él, para lograr las manzanas de la sabiduría, hay que sentir antes un verdadero deseo de ser bueno y de investigar los aspectos de la vida espiritual y practicar la autodisciplina, la meditación y la oración.

De ese modo, el devoto se transforma en un hombre activo porque el deseo hay que bajarlo al mundo de la realización. En el mundo físico es donde adquirimos experiencia. Y ésta es la prueba de Géminis. Porque las causas puestas en el mundo del pensamiento han de manifestarse aquí como realidades. También es aquí donde, mediante los sentidos, el espíritu descubre nuevos campos de conocimiento y nuevas zonas de la existencia a investigar. Es aquí donde se logra el conocimiento que, finalmente se ha de transmutar en sabiduría. Porque el conocimiento es la búsqueda del significado, mientras que la sabiduría es el conocimiento del espíritu.

Sin la comprensión de la forma en que debe aplicarse el conocimiento, fracasamos, porque la comprensión es la aplicación del conocimiento a la luz de la sabiduría, a los problemas de la vida y a la consecución de la meta.

Hércules se enfrenta, pues, al desafío de juntar los dos polos de su ser y coordinar espíritu y cuerpo logrando así la unidad en que se funden los pares de opuestos.

A Hércules se le indica el trabajo a realizar: buscar las manzanas de oro del Jardín de las Hespérides.

La manzana figura mucho en la mitología. En el Edén, Lucifer ofreció una a Eva que, al aceptarla, obtuvo el conocimiento del bien y del mal, es decir, la sabiduría. Es una manera simbólica de exponer la aparición de la mente y de cómo ese nuevo vehículo empezó a funcionar en aquel ser que ni era animal ni era humano.

Pero, con la adquisición de la mente llegó también la conciencia de la propia dualidad, el pensador y lo pensado, la atracción de los pares de opuestos, del espíritu, que es bueno, y la materia que es mala si no se deja dominar por aquél para expresarse a través de ella.

Sólo se le dijeron a Hércules tres datos del problema a resolver: que **había un jardín con un árbol en el que crecían las manzanas de oro; que el árbol estaba custodiado por la serpiente de cien cabezas; y que, cuando lo encontrara, encontraría allí a tres hermosas doncellas**.

Y, con esos datos, Hércules empezó a explorar el planeta. Primero fue al norte, luego al sur y al este y al oeste, hasta que encontró a Nereo. Hércules le preguntó, pero Nereo nunca daba una respuesta clara y concreta y directa, sino vagas sugerencias o insinuaciones. Por fin, le dijo la dirección en que debía buscar, lo que le hizo volver hacia el sur, es decir, retroceder en el camino ya andado.

En ese camino hacia el sur, Hércules encontró a la serpiente llamada Anteo, con la que hubo de luchar. Anteo era hijo de Poseidón, el dios de las aguas, y de Gea, la Tierra. Por eso, cuando Anteo estaba en contacto con la tierra, su madre, se hacía invencible. Y Hércules, como todos los discípulos, en esa lucha, tuvo que usar su mente y descubrir por qué si Anteo perdía contacto con la tierra se debilitaba.

Y, cuando lo hubo descubierto, le fue fácil mantener a Anteo en el aire y vencerlo. Recordemos que también Moisés tuvo que levantar en el aire la serpiente para defender a su pueblo, atacado por serpientes venenosas.

Pero el aspirante a la vida superior ha de defenderse de otro peligro muy común y que hace caer a muchos candidatos por lo atractivo que resulta y que es el astralismo.

Géminis es un signo común, es decir, variable, y es un signo de aire, es decir, mental. Y, en su búsqueda, tras vencer a Anteo, se tuvo que enfrentar al astralismo, que se ocupa de la apariencia y no de la realidad. Y por eso, su próximo encuentro fue con Busiris.

Busiris era hijo de Poseidón, el dios de las aguas, y de una mortal. Y presumía de ser un gran maestro, de poder indicar a Hércules el camino para llegar a las manzanas de las Hespérides y de ser el depositario de la verdad. Hércules lo creyó y permaneció mucho tiempo con él, admirándolo y olvidando el trabajo pendiente. Lo aceptó como su maestro y guía. Y, cuando Busiris lo tuvo completamente dominado, lo ató al altar del sacrificio y le hizo olvidar a Nereo. Hércules, finalmente despertó de aquella sugestión, se dio cuenta de lo que sucedía y del engaño de que estaba siendo objeto, se liberó, ató en su lugar a Busiris en el altar y siguió su camino en busca de las manzanas. Esta parte de la prueba nos muestra los engaños, retrasos, desalientos y rodeos que contiene el Sendero.

Siguiendo su búsqueda, encontró a Prometeo, atado a una roca y con los buitres devorándole el hígado, que cada día se renovaba, así que Hércules, se desvió de su camino para ahuyentar a los buitres y liberarlo, cosa que hizo. Y llegó al momento cumbre de la prueba, en el que encontró a Atlas cargando sobre sus hombros el peso del mundo. Tan impresionado quedó Hércules con el enorme esfuerzo que Atlas tenía que hacer para sostener el peso de la tierra que, conmovido, lo sustituyó en tal tarea. Y entonces se produjo el milagro: Atlas fue al Jardín de las Hespérides y, sin impedimento por parte de la serpiente de cien cabezas que las custodiaba y con la colaboración de las tres doncellas, cogió las manzanas de oro y se las entregó a Hércules que, instantáneamente, se vio liberado del peso del mundo y libre de la tarea que se había impuesto por ayudar a aquél.

El problema con el que había que luchar en el signo de Géminis era que el hombre es espíritu y es cuerpo y hay que compensar el yo inferior con el Yo Superior.

Esa dualidad de Géminis está representada en muchas escrituras sagradas. Recordemos sino a Rómulo y Remo (matando el primero al segundo), a Caín y Abel (haciendo lo mismo), a Cástor y Pólux (uno mortal y otro inmortal) y a Ismael e Isaac (uno hijo de la carne y el otro hijo de Dios). Y recordemos las dos columnas a la entrada del templo masónico.

Esta historia del tercer trabajo contiene, pues, la primera lección que todo aspirante debe asimilar: que no se puede aprender nada si no se ha pasado antes por los signos de Aries y de Tauro.

Porque, de otro modo, se caerá en el deseo de poderes y de presumir y, por tanto, en las garras de los Busiris que prometen la verdad sin poseerla y hacen perder el tiempo y el dinero a todos. O sea, que a la realización mística hay que añadir el conocimiento oculto de la realidad.

El encuentro de Hércules con Nereo resulta muy instructivo. Nereo es el símbolo del Yo Superior, el verdadero Iniciado, el Maestro. Una vez puestos en contacto, el Yo Superior se expresará como con un destello fugaz, tan huidizo que el aspirante no será capaz de asirlo.

El Maestro, por serlo, no puede hacer el trabajo por el aspirante y es éste el que ha de encontrar el camino. A lo sumo, le dará alguna vaga insinuación, que él deberá juzgar si es sabia o no, y desaparecerá.

Pero nunca le dará una instrucción directa y definitiva. Hay dos razones para que los verdaderos Maestros o Hermanos Mayores sólo proporcionen un destello de pensamiento o de atención momentánea, que el aspirante ha de tener muy en cuenta:

Primera: El aspirante individual no es de interés personal para el Maestro hasta que haya llegado al punto de haber unido suficientemente su cuerpo y su espíritu, y sea capaz de poder ser utilizado como canal para, a su través, dirigirle pensamientos y sugerencias. A medida que esas sugerencias sean seguidas, le dará más, pero sólo en cuanto se refieran al trabajo que el discípulo ha de realizar en servicio del mundo. Hemos de tener presente esto y recordar que sólo llegaremos a maestros dominando nuestra parte mortal mediante los esfuerzos de nuestro propio espíritu, que es un hijo de Dios y ha de saber sobreponerse, poco a poco, a su hermano mortal.

Segunda: **Los cuerpos físicos de los aspirantes no están en condición de soportar la elevada vibración de quienes ya se han realizado**. El cuerpo **sería destrozado y el cerebro sería sometido a demasiado esfuerzo, si uno de los Maestros hiciera constante contacto con un discípulo**, antes de que éste hubiera aprendido a conocer a Nereo como el símbolo de su propio yo superior. Cuando, por nuestros propios esfuerzos, estemos empezando a vivir como espíritus y, **cuando, por nuestro propio auto iniciado empeño, estemos aprendiendo a servir y a ser canales de energía espiritual, entonces conoceremos a Nereo más íntimamente; y,** casi inevitablemente, nuestro conocimiento del trabajo que los Grandes tienen que hacer, será tan vital y tan real, que **renunciaremos a nuestro propio deseo por el contacto y buscaremos sólo levantar la carga que ellos llevan.**

Cuando los aspirantes hayan aprendido a olvidarse de ellos mismos para servir, y a perder de vista su egoísmo espiritual ayudando a la humanidad, podrán pasar, como iniciados, a través del Portal del Sendero que conduce de la oscuridad hacia la Luz y de lo ilusorio a lo Real.

Hércules, el discípulo, había sentido el toque del Yo Superior, pero no lo suficiente para permanecer con Nereo. Por eso hubo de regresar hacia el **sur, es decir, al mundo**. **Tuvo que luchar con Anteo**, la serpiente (o gigante). Pero, **esta vez, no era la serpiente del deseo, sino la de los hechizos del psiquismo inferior,** que aparecen **en las primeras etapas y atraen, inevitablemente, el interés de los aspirantes.**

El aspirante se interesa en **la escritura automática, o aprende a sentarse y escuchar "voces", se vuelve astralmente clarividente y clariaudiente, se une a la confusión del plano psíquico, y así cae dentro de las trampas y peligros latentes del astralismo. Y se vuelve negativo, porque está todo el tiempo tratando de oír o ver lo que no es físico.**

De un modo u otro, pues, el aspirante que ha dejado a Nereo, se ha de encontrar con la serpiente y tendrá que luchar con ella. Como el mito lo relata, durante largo tiempo Hércules no pudo vencer pero, cuando levantó a la serpiente en el aire, triunfó.

Los aspirantes deberían renunciar a todo interés en **los fenómenos psíquicos, y a excluir,** tan firmemente como puedan, **el plano eterio, hasta que hayan desarrollado el poder de ser intuitivos**, y de interpretar sus intuiciones por medio de una mente bien desarrollada, bien provista y bien entrenada.

La próxima etapa de la búsqueda de Hércules es igualmente **aplicable a la humanidad en su conjunto**. El cayó en las garras de **Busiris**, **que pretendía ser un gran maestro**. Y, durante **un largo período de tiempo Hércules estuvo cautivo de Busiris sin saberlo. El mundo** hoy en día está **lleno de maestros**; de Busiris que afirman que son iniciados, que son los custodios de la verdad, y que tienen un camino seguro y

cierto de desarrollo que debe, inevitablemente, capacitar al aspirante para realizarse. Pero e**l verdadero iniciado es conocido por su vida y sus actos; está demasiado ocupado sirviendo a la raza, para perder el tiempo en interesar a la gente sobre sí mismo; y no puede hacer promesas más allá de decir a cada aspirante: "Éstas son las reglas; éste es el camino que todos los santos y Maestros de Sabiduría han recorrido; ésta es la disciplina a la cual has de someterte; y, sólo si tratas de resistir y tener paciencia, alcanzarás la meta." Y esto es, precisamente, lo que ofrece la Filosofía Rosacruz que, desde al principio, anuncia al estudiante que, en su seno, no hay Busiris y que cada cual ha de ser sus propio Maestro.**

Hércules se liberó, como lo hacen todos los buscadores sinceros; y habiendo escapado del mundo psíquico y seudo espiritual empezó a servir.

Primero, se liberó a sí mismo bajo el símbolo de Prometeo, el que significa Dios encarnado, liberándolo de la tortura de los buitres de lo antiguo. Hércules se liberó a sí mismo de los buitres del deseo, que por largo tiempo lo habían torturado. Dejó de ser egoísta, y de buscar su propia satisfacción. Prometeo, el Dios interior, podría adelantarse al servicio del mundo y levantar la carga de Atlas.

Después del sacrificio viene la recompensa, y Hércules recibió su gran sorpresa después de liberar a Prometeo. Habiendo abandonado su búsqueda para ayudar al mundo, Atlas fue en su lugar al jardín y le trajo las manzanas de oro, poniéndole en contacto con las tres hermosas doncellas, los tres aspectos del espíritu.

No debemos, pues, olvidar que el camino hacia nosotros mismos discurre, siempre y exclusivamente, a través de actos de amor a los demás.

Próximo número: Los doce trabajos de Hércules (II)

El autor

23.06.1955 – 20.02.2021

Herbert Oré Belsuzarri fue Maestro Masón y perteneció a la Logia Fenix 137 de Lima de la Gran Logia Constitucional del Perú. Grado 14° del Supremo Consejo Hispano Confederado del Grado 33° para la República del Perú, IPH Patriarca Gran Conservador del Gran Orden Egipcio del Rito Antiguo y Primitivo de Memphis y Misraim 33°.

Autor de gran cantidad de trabajos masónicos y no masónicos, es respetado por la calidad de los mismos independientemente de que uno comparta o no las ideas en los mismos expuestas.

Creador y editor de la revista Diálogo entre masones
(http://seleccionesdialogoentremasones.blogspot.com.es/)

Nacido en Casapalca, vivió la mayor parte de sus años mozos en la Ciudad de Huancayo, donde estudió en la GUESI secundaria y la UNCP donde se graduó de Ingeniero.

Retales

Universal

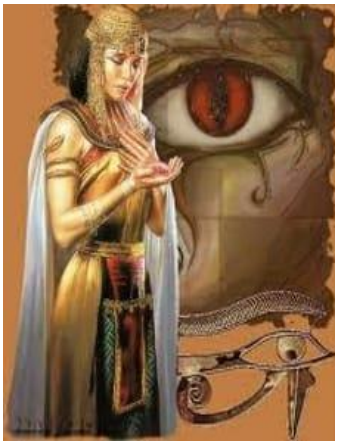
O lado esotérico da maçonaria
16 de 23

Pelo V.·. I.·. Alfredo Roberto Netto

Cesar-2025

Não poderíamos estar mais gratos ao Irmão Alfredo por sua deferência em nos permitir publicar seu excelente trabalho nesta humilde revista. Confiamos que os leitores apreciarão seu trabalho e, se você quiser obter o livro em papel (ou qualquer um dos já publicados pelo irmão), poderá fazê-lo entrando em contato com o irmão via whatsapp (telf: 55 11 99686-7324)

XVI - O Venerável e os Vigilantes



A Mac.·., no século XVIII, restabeleceu dentro de nossas LLoj.·., a tradição dos ensinamentos esotéricos ministrados nos Santuários Egípcios e continua transmitindo-os aos seus Iniciados. Do mesmo modo que os antigos egípcios – para subtrair seus Segredos e Mistérios aos olhos profanos – ministravam seu ensino por meio de símbolos e alegorias, a Maç.'., mantendo a tradição egípcia, encerra seus ensinamentos da mesma forma pela qual oculta suas Verdades ao Mundo profano, só revelando àqueles que ingressam em seus TT.·. pela Iniciação. (Ritual do Apr.·.M.E. – Iº Inst.'.)

A prática egípcia da Maç.·. ficou algum tempo obscurecida pela influência hebraica. Quando Moisés comunicou aos israelitas a sabedoria egípcia, muito cedo a tingiram com seu colorido peculiar, pois eram muito hábeis em assimilar tudo rapidamente e estampar suas características em tudo que assimilavam. Assim, o que os egípcios chamavam de "Casa da Luz" à grande pirâmide de Gizeh, os israelitas assim se referiam ao "Templo de Salomão". Por esta razão, parte dos GG.·.Maçônicos trabalham, hoje, em paralelo com a história hebraica do Velho Testamento.

A prática ritualística tem um lado objetivo: atua, não somente no interior de seus frequentadores, com o despertar da mente e do coração, senão também no exterior etéreo, cuidando que as influências elevadas e purificadoras lhes cheguem constantemente aos diferentes corpos - físico, astral e mental – corpos estes que compõem a "Personalidade", domínio do "Eu Menor", que precisa ser adestrada e dominada pelo "Eu Maior", o verdadeiro Iniciado.

> *"A Maç.·. é um sistema sacramental que, como todo sacramento, tem um aspecto externo e visível, consistente de seu cerimonial, de suas doutrinas e símbolos, que se podem ver e ouvir, e um aspecto interno, mental e espiritual, oculto sob as cerimônias, doutrinas e símbolos, que só se aproveita ao maçom capaz de se valer da imaginação espiritual e de descobrir a realidade existente atrás do véu do símbolo externo".*
>
> (C. Leadbeater)

À medida que se estuda os textos esotéricos, independentemente da "escola de pensamentos" que os expressam, observam-se pontos em comum que os tornam espelhos de uma verdade oculta a ser revelada, aos poucos, para aqueles que buscam a Luz. E a Maç.·. traz em seu bojo essas mesmas Verdades, esotericamente veladas, como já foi exposto acima.

Ao leitor mais atento, ficará evidente que os rituais egípcios diferem, em parte e materialmente falando, dos praticados hoje, porém, seu lado esotérico permanece o mesmo, permitindo-nos melhor compreendê-los em seus diferentes momentos.

Nos Ritos Maçônicos conhecemos os cargos de Ven.·.M.·., 1º Vig.·., e 2º Vig.·., e outros tantos que, no momento, não pertencem, ao escopo do presente estudo. Estas funções foram, de fato, definidas no 10º Landmark de Mackey e, desde então, tornou-se uma prática Universal na Maç.·.

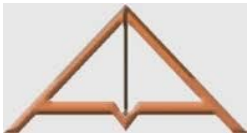
O Ven.·., o 1º e o 2º VVig.·. são denominados de Luzes. As Luzes mais o Orad.·. e o Secr.·. constituem as Dignidades da Loja. Os demais membros são denominados de Oficiais – OOf.·., no sentido de que são encarregados de um Ofício.

Dentre suas inúmeras e importantes funções do Ven.·. está a de presidir a abertura e a condução dos diferentes momentos dos trabalhos da Oficina até seu encerramento. Seu símbolo é o Esquadro.

Este Ir.·. traz sobre seus ombros a responsabilidade de uma conduta representada pelo Esquadro e Compasso, que simbolizam a Retidão e a Exatidão perfeitas. Deve ser o elo de união entre os OObr.·. e agir com imparcialidade e pelo exemplo, de tal maneira que seus atos sirvam de regra aos demais. Autores maçônicos se referem ao cargo como daquele que tem por dever, além de conhecer a Legislação, a História, a Liturgia, o Simbolismo e a Filosofia Maçônicos, apresentar um caráter marcante e agregador que permita uma comunhão plena, fecunda e ativa com os demais IIr.·..

Sua principal tarefa, ou missão, na Loja física é agregar os IIr.·. por mais heterogêneo que possa ser o grupo, em decorrência de temperamentos, graus de cultura ou posição social, seja de forma coletiva ou individual, dentro dos elevados princípios da Fraternidade e conduzi-los na vivência simbólica espiritual da Maç.·.. O Ir.·. que assume esta função sem o devido preparo cultural maçônico, moral e espiritual, naturalmente acarretará desagregação, dissidências ou cismas.

Os VVig.·. são os colaboradores diretos do Ven.·. M.·. e o seguem por ordem hierárquica, auxiliando-o nas instruções aos AAp.·. e CComp.·., mesmo a todos os OOb.·., e na condução dos trabalhos da Loja.



A Joia distintiva do 1º Vig.·. é o Nível, símbolo da Igualdade. O Nível Maçônico é formado por um Esquadro de hastes iguais, de cujo ângulo desce uma Perpendicular.

A Joia do 2º Vig.·. é o Prumo – ou Perpendicular, da Retidão, prevenindo qualquer desvio; símbolo que sugere que não se deve parar no aspecto exterior das coisas, mas sim, penetrar o sentido oculto das Alegorias e Símbolos.

Relatam os escritores históricos que, na Maçonaria Primitiva, os VVig.·. tinha o nome de Zeladores, responsáveis pela segurança e perfeito andamento das construções e, sempre que um grupo de OOb.·. ia reiniciar os trabalhos, o Mestre de Obras, o Ven.·.M.·. de hoje, mandava que ambos, munidos do Nível e do Prumo, fizessem um levantamento do que estava produzido. Após percorrerem a obra, esquadrinhando e nivelando-a, retornavam ao Mestre informando que a mesma estava Justa e Perfeita. Antes do encerramento dos trabalhos do dia, ambos executavam a mesma tarefa inicial e retornavam informando que tudo permanecia Justo e Perfeito.

No entanto, mais do que o exercício de uma profissão como relata a história dos pedreiros, ou de um centro de confraternização e festividades como hoje é comum se observar, há uma importante e grave função esotérica sob a responsabilidade das LL.·., LLuz.·. e seus OObr.·. que despretensiosamente buscaremos demonstrar. Deixou-se cair no esquecimento muito da antiga Sabedoria, e por isso algumas das verdadeiras finalidades espirituais da Maçonaria ficaram perdidas para a grande maioria dos IIr.·..

As LLuz.·. têm acento nos pontos cardeais percorridos pelo Sol durante seu trajeto diurno, já que L.·. simboliza o Universo. Dentro deste simbolismo, o Sol nasce no

Oriente de onde vem a “Luz” e onde está o assento do Ven.·.M.·.. Passa, em seguida, ao Meio-Dia, onde tem assento o 2º Vig.·., o ponto mais iluminado da Loja e, finalmente, o sol se põe no Ocidente, onde está o Altar do 1ºVig.·..

Como já exposto em capítulo anterior, “segundo os esotéricos, o G∴A∴D∴U∴ expande seus poderes em todos os níveis espirituais, porém, na sua grande maioria, nos planos superiores, onde grande parte da população humana ainda não tem acesso devido sua evolução iniciante. Tal é a tarefa maçônica: alcançar estes níveis superiores e canalizar estas energias para os planos mais inferiores de forma assimilável, beneficiando não somente seus membros, mas toda uma coletividade circunvizinha ao T∴, que venha a receber seus eflúvios espirituais”. (“A Missão da Templo Maçônico”)

A Entidade Espiritual, ou “Deva” representativo do Ven.·.M.·. é um Anjo do Sétimo Raio, ou Sétima Corrente Vibratória, ou Sétimo Alento. O denominado 7º Raio ou Corrente Vibratória, ou Senhor da Ordem e Magia Cerimonial, cuja cor é o Índigo, tem Sua influência mais potente no Plano Físico, atuando diretamente na completa adequação e conformidade da lei e da ordem e sua perfeita expressão mística e ritualística. Ele que coordena, espiritualmente falando, os trabalhos de uma reunião, diretamente vinculado ao Ven.·. M.·., quando este está cônscio e harmônico com o estado vibratório necessário ao momento.

Nessa posição, o Ven.·. representa a primeira Manifestação da Divindade, “a Vontade”, ou Plano Nirvanico ou Espiritual mais elevado do Homem. No Cristianismo, seria a representação do “Pai”.

Já o 1º Vig.·. representa o Plano Búdico ou Intuicional, a segunda Manifestação da Divindade, “o Amor” , e, com ele a representação de todas as entidades deste Plano que se manifestam nos trabalhos. Seria a segunda figura cristã, o “Filho”.

O 2º Vig.·. representa o Plano Manásico, o Manas, O Mental Superior, a terceira Manifestação da Divindade, “a Inteligência” ou o "Espírito Santo”, e todas as entidades deste Plano.

Por esta razão são denominados de LLuz.·. e representam, também, as colunas denominadas de Sabedoria, Força e Beleza.

Os IIr.·. – o Ven.·.M.·., o 1º Vig.·. e o 2º Vig.·. - representam o “Ternário Superior” do Homem, ou o “Eu Maior”, enquanto o 1º Diác.·., o 2º Diác.·., o G.·.T.·. e o Cob.·.Ext.·. o “Quartanário Inferior” ou o “Eu Menor”, completando o Homem em seus diferentes Corpos, assim como representando todos os Sete Planos da Vida Universal na L.·..

O “Eu Maior”, também chamado de Corpo Causal, é a representação do Espírito eterno, sede da memória milenar que traz em si todas as conquistas do Ser em suas diferentes encarnações, morais e intelectuais, sejam positivas ou negativas. O “Eu Menor” ou Corpo Mental corresponderia a uma parcela da Inteligência, necessária em uma nova jornada física, constituindo a Alma do Homem.

Com função semelhante à de um sacerdote, é o Ven.·.M.·. o único autorizado a abrir e conduzir os trabalhos em comunhão com a entidade espiritual, ou Deva, responsável pela Loja, função para a qual foi preparado e iniciado por época de sua investidura para o cargo.

Ainda que os trabalhos sejam especificamente de sua responsabilidade, não o pode fazê-lo sozinho, necessitando de todos os colaboradores, razão pela qual sua liderança moral é imprescindível para a comunhão de pensamentos. Aos VVig.·. e DDiác.·. cabe a abertura cerimonial de seus Planos respectivos.

A colaboração consciente dos OOb.·. será possível através de contínuas reuniões de estudos, estímulos à pesquisa e debates sobre os temas mais importantes da simbólica e mística que envolve a Maç.·., caminho pelo qual haverá de instruir, fortalecer e homogeneizar os pensamentos dos OOb.·..

Em seus impedimentos naturais ou imprevistos, apenas um M.·.I.·. pode substituí-lo, devido já haver sido iniciado nas funções do veneralato.

Corpo, Alma e Espírito; Inteligência, Amor e Vontade, respectivamente, visualizados e contatados pelo maçom desprendido por meio do SERVIÇO ao próximo, à verdadeira FRATERNIDADE. A relação que existe entre todas as almas e a Grande-Alma é a base científica da crença na Fraternidade.

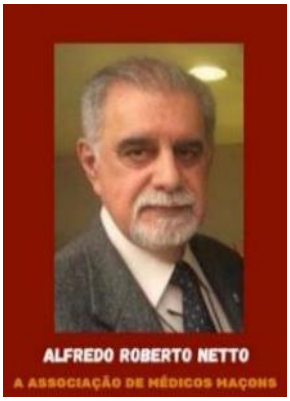
"Fraternidade é uma realidade da Natureza, não um ideal".

A abertura dos trabalhos de uma Loja é cerimônia de uma beleza ímpar e o efeito de seus trabalhos depende de sua execução Justa e Perfeita.

Cabe às LLuz.·. e aos OObr.·., portanto, a importante missão da Maçonaria, a de alcançar os Planos Maiores, buscar as vibrações mais puras de G.·.A.·.D.·.U.·. e disseminá-las nos níveis inferiores da humanidade materializada.

Próximo número: XVII – Os diáconos e cobridores do templo

O autor



Nasceu em 30 de dezembro de 1951
Iniciado na Maçonaria em 2 de março de 2004 e, atualmente, detém o 33º grau da REAA.

Profissional:

- Médico
- Título de Especialista em Ginecologia e Obstetrícia
- Mestre em Ginecologia
- Doutorando em Ginecologia;
- Foi Professor Voluntário da Cadeira de Obstetrícia da Faculdade de Medicina do ABC (Sto. André/São Paulo/Brasil) do ano 2012 ata o 2022
- Título de Especialista em PTGI – Patologia do Trato Inferior Feminino
- Título de Especialista em Medicina Legal

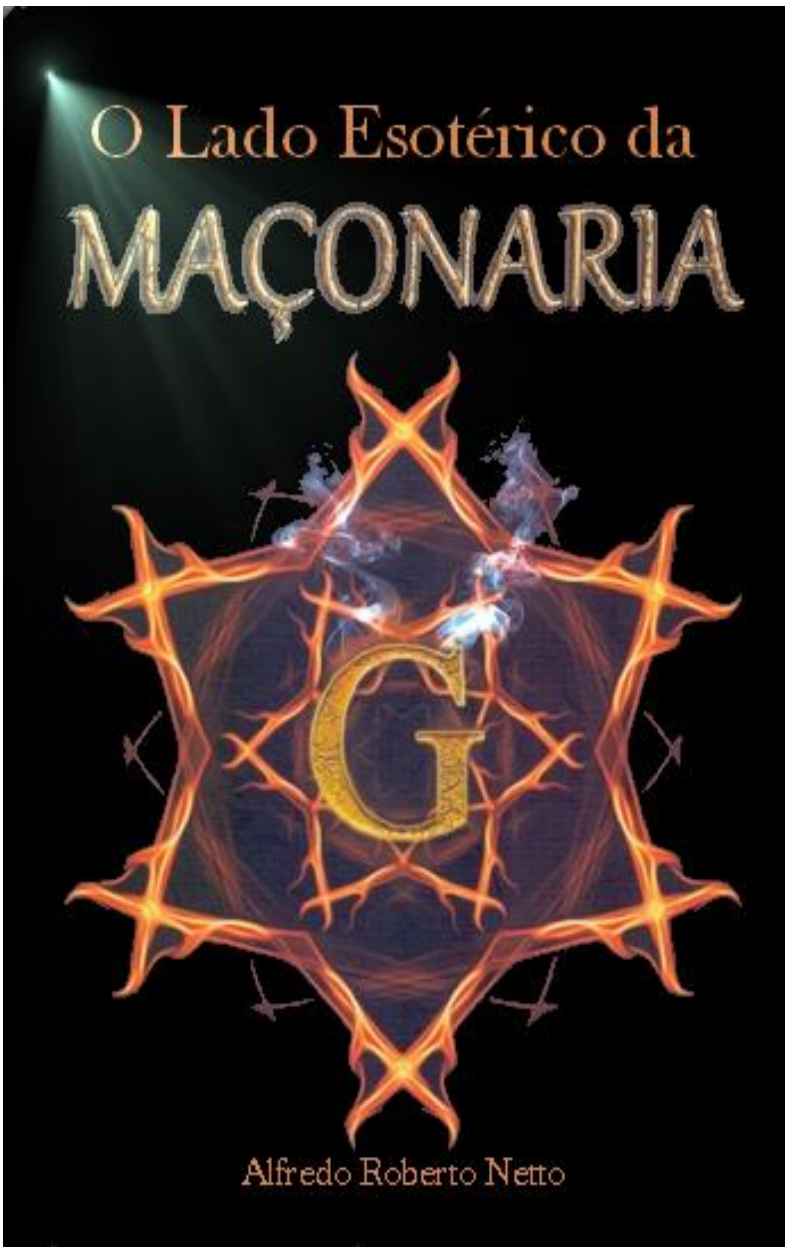
Maçônico:

- Obreiro da ARLS Amenhotep IV

- Membro fundador da AMEM – Associação de Médicos Maçons (2.012)
- Atual Presidente da AMEM – Associação de Médicos Maçons

Livros publicados:

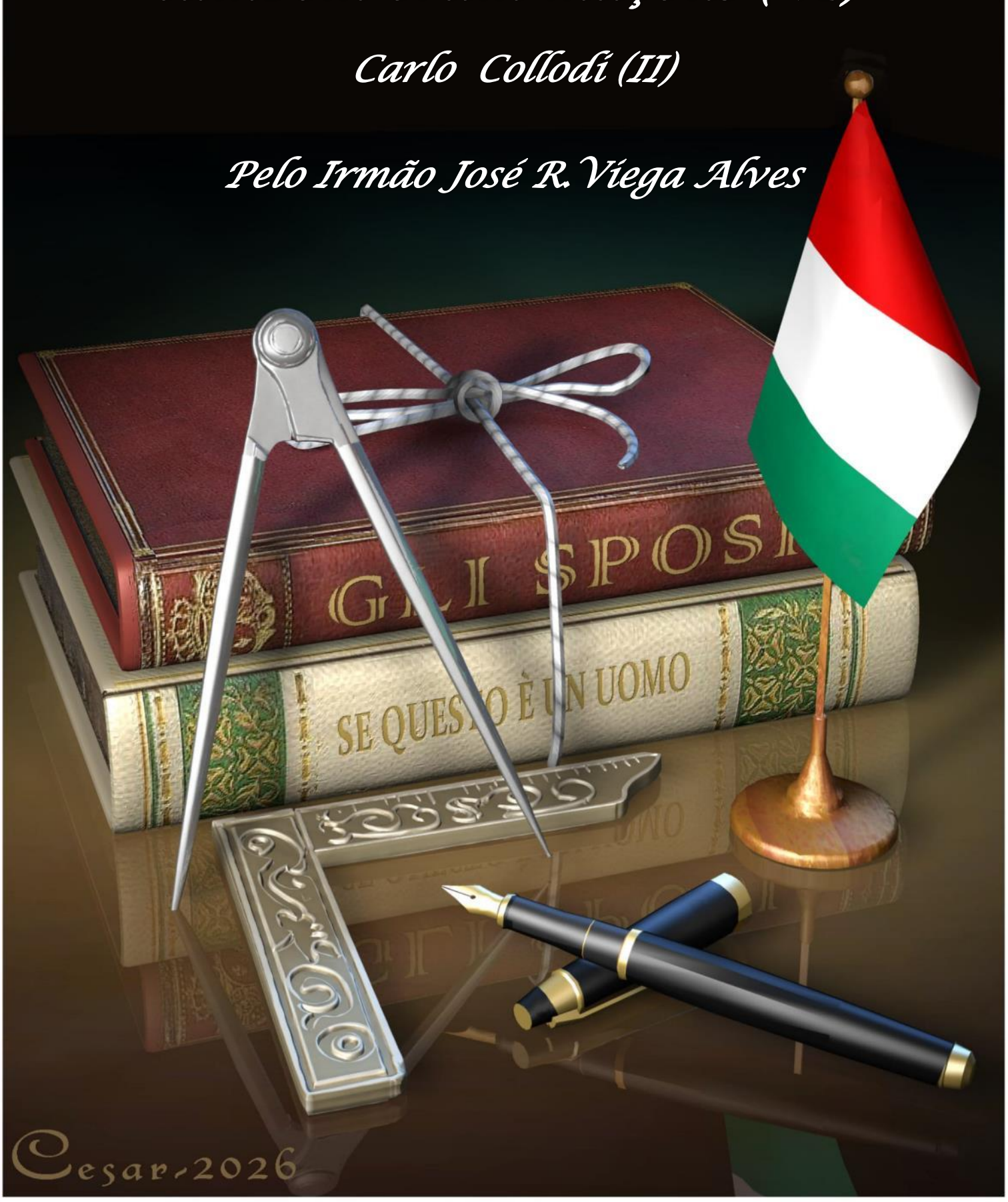
1. Um Estudo sobre a Fisiologia da Alma;
2. Em busca da libertação;
3. Viver entre Duas Vidas;
4. O Passe à Luz do Espiritismo;
5. O Lado Esotérico da Maçonaria;
6. A Doutrina Espiritualista de Caxinguelê.



Escritores famosos da Itália e que também eram maçons (VI)

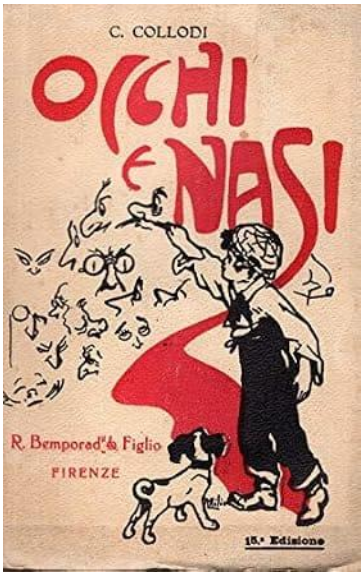
Carlo Collodi (II)

Pelo Irmão José R. Viega Alves



Carlo Collodi (II)

C. Lorenzini/Collodi: do jornalismo político à literatura infantil



Primeiramente, Carlo Lorenzini tratou de selecionar e preparar para publicação aquilo que de melhor havia produzido até aquele momento, fruto da sua atuação no jornalismo. Feito isso, resultaram duas coletâneas que foram intituladas: *Macchiette* (Milão, 1880) e *Occhi e nasi. Ricordi dal vero* (Florença, 1881). A primeira delas, a coleção de textos e narrativas que haviam sido escritas durante décadas nos mais variados jornais: *Macchiette (*trad. do italiano: esboços, caricaturas ou retratos rápidos). A segunda delas, a *Occhi e nasi. Ricordi dal vero* (trad. do italiano: Olhos e narizes. Memórias ao vivo, ou lembranças da realidade). Constaram nessa segunda antologia: contos e retratos sociais, descrições satíricas de tipos sociais, além de, retratos de crianças de rua, artesãos e cenas da vida toscana.

Até que, se C. Lorenzini quisesse poderia ter abandonado o exercício daquele tipo de sátira que seguidamente fazia, e que muitas vezes o colocou em situação de risco, ou seja, poderia ter focado desde já na literatura pedagógica, o tipo de literatura que futuramente iria redundar na criação da sua obra-prima, o boneco *Pinóquio*.

Nesse tempo ele sempre fez questão de manter muito da sua atenção voltada para as questões linguísticas, tanto que, adquiriu um domínio perfeito da língua nativa dos florentinos.

Essa capacidade, a qual teve oportunidade de demonstrá-la em algumas ocasiões, contribuiu para que no ano de 1868 ele fosse nomeado membro extraordinário da comissão encarregada de compilar o vocabulário do uso florentino, mas, pelo que se sabe, nem foi bem aproveitado, pois, ele acabou contribuindo bem menos do que esperava.

Não obstante, o que um dia começou muito fortuitamente foi aos poucos tomando corpo, a literatura infantil passou a exigir-lhe um maior comprometimento e ele foi tomando gosto pela coisa, a ponto de compreender logo que esse tipo de literatura poderia proporcionar-lhe um campo de liberdade onde expandiria sua imaginação.

Um outro fator que acabaria pesando bastante a favor dessa sua inclinação para a literatura infantil era a oportunidade real de atuar em favor da educação, algo que já estava presente no ar e exigia prioridade no contexto aquele de uma Itália do final do século XIX, sendo que, havia uma necessidade premente da criação de escolas, da alfabetização e do ensino de valores cívicos e morais.

Isso fez com que C. Lorenzini (C. Collodi) percebesse de vez que a literatura infantil além de apresentar um viés voltado para o entretenimento também possuía um viés didático, o que se aplicava perfeitamente à ideia de moldar o caráter e o comportamento infantil.

Nesse cenário surgiram duas vertentes que diferiam um pouco entre si, porém, que ao final das contas convergiam: a literatura verista e a literatura moralista e normativa.

O verismo, como já vimos anteriormente, se propunha a representar objetiva e impessoalmente a realidade, ficando distante do didatismo explícito, mas, confluía para com a literatura moralista em moda na época focada numa documentação da miséria, da opressão social e da ruptura de valores tidos como tradicionais durante o *Risorgimento.*

Em 1875, C. Collodi recebeu uma oferta tentadora da editora florentina dos Irmãos Paggi. Essa editora, pioneira num campo que se revelava muito promissor para o mercado dos livros escolares, solicitou-lhe uma tradução da obra *Contos e Histórias de Charles Perrault*, e também das fábulas da Condessa de Aulnoy e de Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont. No ano seguinte, 1876, com poucas variações em relação às obras originais, num estilo que foi considerado como simples e elegante, elas foram publicadas com o título de *Racconti delle fate* (Contos de Fadas), tendo recebido as ilustrações de E. Mazzanti.

Comentários

Aproveitando o fato de havermos chegado à época em que Carlo Lorenzini passou a utilizar o pseudônimo de Carlo Collodi, aliás, este último o nome pelo qual ele se tornou mais conhecido, doravante somente utilizaremos o nome de Carlo Collodi no texto. Revendo, então: o autor Carlo Lorenzini adotou o pseudônimo de Carlo Collodi a título de prestar uma homenagem à vila toscana onde sua mãe havia nascido. Essa mudança de nome ocorreu por volta de 1876. (As aventuras de Pinóquio começariam a ser publicadas no ano de 1881 na revista italiana *Giornale per i bambini*, portanto, cinco anos após ele ter adotado o pseudônimo pelo qual se tornou mais conhecido. E após ter alcançado sucesso a série ganhou uma continuidade até finalizar em 1883.)

Voltemos agora, para dar continuidade ao texto que antecedeu aos comentários.

Até aquele momento haviam sido publicados dois livros de leitura: **Giannettino**[1] (1877) e **Minuzzolo**[2] (1878), pela Editora Paggi. Os dois livros contavam histórias de crianças tidas como travessas ou preguiçosas, que posteriormente acabavam sendo reconduzidas à escola e à vida normal por suas famílias, não sem antes haverem passado por experiências que obrigatoriamente levassem-nas a refletirem sobre seus comportamentos.

Ainda nesse ano de 1878, C. Collodi alcançou o reconhecimento e passou a ser um dos autores mais requisitados quando o assunto girava sobre livros escolares e infantis, tanto que, em virtude dos seus trabalhos de natureza pedagógica foi nomeado Cavaleiro da Coroa da Itália.

No ano de 1880, o conselheiro de cultura do município de Florença, A. Conti, recebeu a incumbência de fazer uma compilação dos livros didáticos para uso das escolas florentinas.

Depois de haver se dedicado de corpo e alma à tal tarefa, o conselheiro apresentou uma longa série de obras que foram escolhidas a dedo e que passariam a compor o catálogo da "Biblioteca Escolar" da Editora Paggi.

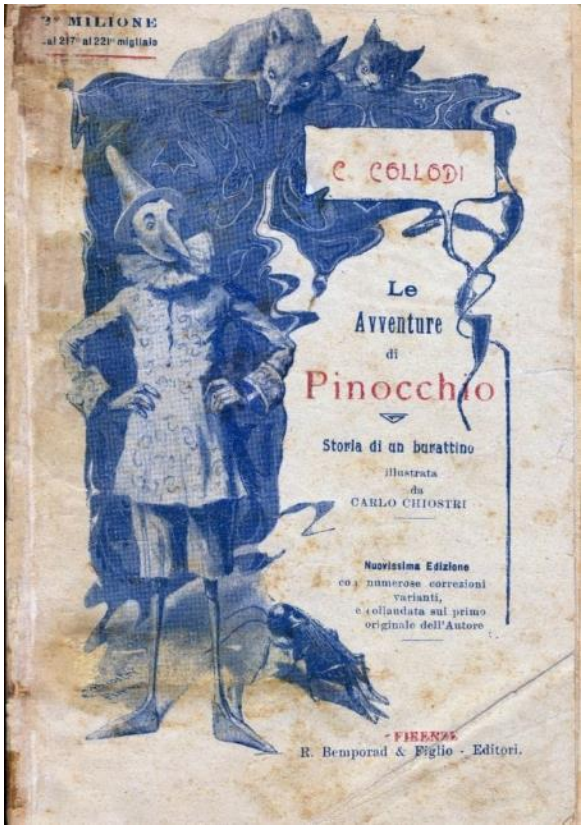
A partir desse momento nasceu então um plano que englobava uma série de volumes cujo personagem central era Giannettino: *A Viagem de Giannettino pela Itália: Alta Itália* (1880), seguido em 1883 de um segundo volume dedicado à *Itália central* e em 1886 um terceiro sobre a *Itália meridional,* além de *A Gramática de Giannettino* (1883); *O Ábaco de Giannettino* (1884); *A Geografia de Giannettino* (1885) e *A Lanterna Mágica de Giannettino* (1890).

Os temas eram de natureza didática, mas, a forma como eram apresentados era humorística e discursiva, assim feito com o propósito de dar uma "suavizada" no conteúdo, ou no fundo fazer com que o aprendizado fosse uma experiência bastante agradável.

[1] **Giannettino:** personagem icônico da literatura infantil italiana, criado por Carlo Collodi (pseudônimo de Carlo Lorenzini) em 1876, alguns anos antes de escrever As Aventuras de Pinóquio; protagonista de uma série de livros pedagógicos que visavam educar as crianças italianas após a unificação do país. O título *Giannettino* pode ter sido inspirado no romance pedagógico *Giannetto* de L. A. Parravicini (1837). (fonte: google)

[2] **Minuzzolo:** protagonista de um livro de literatura infantil italiana publicado por Carlo Collodi. É considerado um rascunho para a criação do boneco Pinóquio. Assim como este último, Minuzzolo é descrito como um menino *monello e birichino* (travesso e arteiro). (fonte: google)

As Aventuras de Pinóquio



C. Collodi tinha um amigo, G. Biagi, e este último desejava muito que ele fosse um dos colaboradores do seu periódico *Il Giornale per i bambini* (Jornal para as crianças). No fim das contas, de tanto Biaggi insistir, C. Collodi enviou-lhe, meio que a contragosto, os três primeiros capítulos de *Storia di um Burattino* (História de um Boneco, o título original), sendo que foram publicados no mês de julho de 1881, quando da estreia do jornal.

Nas edições que se sucederam, mais especificamente entre 4 de agosto e 27 de outubro, a história foi se desenvolvendo até chegar a um desfecho onde acontecia o enforcamento e a morte do boneco. Esse teria sido o último capítulo da história original e o de número XV.

Possivelmente, seu amigo G. Biagi insistiu para que ele viesse a dar continuidade à história, já que ela obtivera bastante sucesso. A princípio, C. Collodi só fez recusar-se, mas, por fim acabou consentindo em dar sequência escolhendo, inclusive, o título definitivo para a história que passaria a se chamar assim: *As Aventuras de Pinóquio: História de um Boneco*. A retomada partiu do capítulo XVI, isso no mês de fevereiro de 1882, e prosseguiu durante o ano todo até ser concluída em janeiro de 1883. Já a publicação do volume enfeixando todos os capítulos ocorreu de maneira quase instantânea e foi lançado no mês de fevereiro pela Editora Paggi numa edição que também continha várias ilustrações. Em 1886, houve uma segunda edição (logo esgotada), em 1887 uma terceira e em l888, a quarta. Enquanto C. Collodi ainda era vivo ele chegou a ver ainda uma nova edição que estava sendo publicada no ano de 1890, o ano da sua morte.

Durante o tempo envolvido na composição dos capítulos restantes até que fossem publicados, e mesmo após a publicação, C. Collodi continuou colaborando com o *Fanfulla*, colaboração que se estendeu até o ano de 1897.

No biênio 1883-1885 ele exerceu o cargo de diretor do *Giornale per i bambini*, onde publicou também vários contos e novelas de sua autoria.

No ano de 1887, sua mãe Angiolina Orzali Lorenzini faleceu. Essa perda foi um golpe duríssimo para ele e abalou-o tão profundamente que após esse acontecimento acabou passando por um período depressivo, o qual se estendeu por vários anos. Já um tanto debilitado, foi cada vez mais abatendo-se em seu silêncio, buscando o isolamento em seu trabalho.

A morte do criador de As Aventuras de Pinóquio

Na noite de 26 de outubro de 1890, na cidade de Florença, com 63 anos de idade, Carlo Lorenzini (pseudônimo Carlo Collodi), faleceu repentinamente por motivo de uma ruptura de aneurisma.

Ele foi sepultado no histórico *Cimitero Monumentale delle Porte Sante* (Cemitério Monumental de Porte Sante), na Basílica de San Miniato al Monte.

Dois anos após a sua morte foram publicados outros dois volumes, o *Note Gaie* (Notas Alegres) e o *Divagazione Critico-umoristich* (Divagações Crítico-humorísticas), livros contendo a maior parte da prosa dis-

persa de C. Collodi, material que acabou sendo submetido às correções e acréscimos arbitrários de G. Rigutini, este último o gramático e lexicógrafo purista que foi encarregado de organizar o material a pedido do irmão de C. Lorenzini, Paolo. Em conjunto, revisaram também a vasta coleção de documentos pertencentes a C. Collodi, ocasião em que cuidaram de destruir praticamente todas as cartas de caráter privado ou de teor político, convencidos de que elas poderiam prejudicar a reputação tanto de C. Collodi como de alguns dos escritores que porventura ainda estivessem vivos, uma maneira assim de salvaguardar o bom nome de C. Collodi. Os documentos que sobreviveram acabaram sendo doados à Biblioteca Nacional de Florença, doação essa realizada pelo último dos seus irmãos de nome Ippolito.

Carlo Collodi e a sua relação com a Maçonaria

Tal como foi mencionado no início do capítulo anterior, oportunamente iríamos voltar a este assunto, o qual ainda hoje divide opiniões e suscita dúvidas. Afinal, o escritor Carlo Collodi chegou a ser iniciado na Maçonaria?

As razões apontadas pelo historiador Aldo A. Mola onde ele sustenta que o escritor C. Collodi pertenceu à Maçonaria não são uma unanimidade entre seus pares, e pelo visto, a dúvida ainda persistirá gerando muitos debates, em virtude de não apareceram documentos oficiais para atestar definitivamente sua suposta condição de Maçom.

Há também um outro tipo de argumento que tem sido ventilado por alguns historiadores e considerado muito provável: C. Collodi não teria sido necessariamente membro ou iniciado na Maçonaria (o que explicaria a falta de um documento oficial), mas, um defensor das ideias que fazem parte do ideário maçônico.

Em um artigo de autoria de Julio Ocampo, intitulado "La autopsia de Pinocho", há uma passagem onde ele cita outro respeitável historiador chamado Bernardino Fioravanti, este último bibliotecário do Grande Leste da Itália, a mais antiga seção maçônica do país. Vejamos o que disse B. Fioravanti:

> *"Carlo Collodi não era maçom, mas um defensor da cultura maçônica. Em sua obra é frequente o uso da numerologia, da psicanálise, da alquimia, do simbolismo e do esoterismo."*

Na verdade, um certo consenso reside no fato de que C. Collodi se envolveu bastante com os ideais do *Risorgimento,* assim como do jornalismo crítico que praticava, e o fato indiscutível é que, num ou noutro âmbito o pensamento maçônico era de grande influência.

Jogando lenha na fogueira (no sentido de instigar) sobre a discussão em torno deste assunto, há mais algumas "razões" (também discutíveis) mas, que aparecem como uma espécie de pistas ao longo do caminho. Vejamos:

- Δ O jornal "Il Lampione", que ao ser definido por C. Collodi ele dizia que o jornal devia: *"iluminar todos aqueles que vagueavam nas trevas".*
- Δ A sua obra mais conhecida "As Aventuras de Pinóquio", a qual é tida como a descrição de uma jornada iniciática, e bastante referenciada nos círculos maçônicos.

Pinóquio na literatura e no cinema

A história do boneco Pinóquio, após a sua leitura, faz supor que ela esconde muito mais do que a classificação pura e simples de literatura infantil. Criação do jornalista e escritor italiano Carlo Collodi, ela vai além do conto de fadas no seu sentido mais original, ainda que carregue consigo a mistura de aventura e a fantasia que são características muito presentes nesse gênero.

Acontece que, a história essa reflete também muito das transformações pelas quais passava uma Itália em formação, assim como, muitas das transformações pelas quais passa o menino-marionete até chegar a ser um

menino de verdade, ou seja, é possível uma comparação com as etapas de um ritual de passagem em suas complexidades inerentes.

Evidentemente haveria muitos outros quesitos temas que merecem nossa atenção já que são explorados pelo autor, podendo ser citados: as sátiras sociais, as lições morais, o cultivo das virtudes, o amadurecimento, a punição, a obediência, o sacrifício...

Na verdade, essa história transcende ao que entendemos por mero entretenimento infantil, e se constitui numa narrativa fantástica de caráter pedagógico. E para um cérebro adulto, a história vai permitir uma gama de interpretações, revelando assim, toda a sua complexidade filosófica, política e psicológica.

Há uma diferença das versões mais modernas em relação à original, a qual foi se acentuando com o tempo: é praticamente de consenso que a versão original de C. Collodi era bastante sombria, e até violenta. Possivelmente, aterrorizasse muito mais do que encantasse as crianças. O fato dessa história, ter sido adaptada pelos Estúdios Disney para o cinema em 1940, deu-lhe uma leveza que não constava no livro original, ou em outras palavras, uma "suavizada".

E a título de ilustração: no livro de C. Collodi, Pinóquio é zombeteiro, rebelde, se comporta muito mal e por vezes chega a ser cruel. E no filme da Disney, se feita uma comparação há vária alterações em relação à obra original: no caso de Pinóquio este passa a ideia de um ser que se aproxima da pureza, da ingenuidade. Também o cinema deu muito mais ênfase ao crescimento do nariz como resultado das mentiras de Pinóquio. Mas, se atinamos para o quão terrível deve ter sido o final do livro original, ou seja, Pinóquio sendo enforcado numa árvore, é de se convir que esse tipo de final não seria nada agradável para uma história infantil, tanto que, pelo fato de choveram críticas na época de C. Collodi, quando ele escreveu a continuação, ou melhor uma segunda versão para esse final, deu um jeito de que Pinóquio pudesse ser salvo pela fada. A partir daí quando falamos na versão que prevalece do Collodi, não nos referimos àquela primeira em que no 15º capítulo Pinóquio é castigado com a morte, mas, a versão de Collodi em que o capítulo foi escrito novamente e juntamente com os outros que sobrevieram na sequência virou o livro "As aventuras de Pinóquio".

Há mais alterações que surgiriam numa comparação entre o livro e a animação do cinema, com relação, principalmente, ao destino de alguns dos seus personagens.

Estivemos até aqui falando ligeiramente sobre as diferenças entre o livro original e a versão edulcorada do cinema, mas, em que estágio estão os livros que são publicados atualmente? Há alguma tendência, há alguma escolha maior pela história original do livro ou pela história contada pela Disney?

A resposta é que as versões (e aqui estamos nos referindo às que tem sido publicadas no Brasil) dessas editoras brasileiras em sua maioria são publicadas respeitando a edição original, mas, isso não significa que não existam edições com base no filme da Disney, carregando nas ilustrações e no visual do livro, o que por si só já garante um tipo de suavidade que o filme imprimiu nas mentes.

Por outro lado, para o cérebro adulto, a história permite uma gama de interpretações, pois, revela toda uma complexidade filosófica, política e psicológica. Além do mais: há uma correlação direta com a situação sociopolítica e econômica de uma Itália pós-unificação, o que se faz perceber através da crítica à pobreza, à ganância, ao sistema educacional, entres outras coisas.

E outro aspecto importante que merece vir à luz aqui com relação ao objetivo de Carlo Collodi com sua história: seu projeto inicial não estava destinado unicamente às crianças...

Enfim, numa história que carrega junto uma dupla leitura, é possível detectarmos logo uma riqueza imensa de alegorias e simbolismos também, o que a faz ser utilizada dentro do simbolismo maçônico, entre outros.

Estatisticamente, foram feitas mais de 30 versões para o cinema (Pinóquio apareceu pela primeira vez no cinema em 1911 e a versão mais recente da história é a do diretor Guillermo del Toro, em 2022), sendo que a da Disney de 1940, é a mais famosa. Também já foram publicadas mais de 300 edições literárias diferentes, isso em mais de 200 idiomas.

Diante do que foi dito até aqui e dos números apresentados, dá para ter uma ideia do quanto essa história vem fascinando o público infantil e o adulto também. Ainda resta, para o próximo número, mostrar uma história resumida das "Aventuras de Pinóquio", depois, vê-la sob a ótica de uma jornada iniciática e do simbolismo maçônico.

Continua...

O Autor

José Ronaldo Viega Alves

Nascido em 24.07.1955, em Sant'Ana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil.

Iniciado na Loja Saldanha Marinho, "A Fraterna" (Rio Grande do Sul, Brasil/ Fronteira com a cidade de Rivera, Uruguai, a "fronteira mais irmã do mundo"), em 15 de julho de 2002, elevado em 6 de outubro de 2003 e exaltado em 25 de abril de 2005.

Atualmente está colado no Grau 32 do R.·.E.·.A.·.A.·.

Escreve para revistas e informativos maçônicos e tem vários livros publicados, entre eles:

- "Maçonaria e Judaísmo: Influências? – Editora Maçônica "A Trolha" Ltda. 2014
- "O Templo de Salomão e Estudos Afins" – Editora Maçônica "A Trolha" Ltda. 2016
- "A Arca da Aliança nos Contextos: Bíblico, Histórico, Arqueológico, Maçônico e Simbólico" – VirtualBooks Editora e Livraria Ltda. 2017
- "As Fontes Bíblicas e suas Utilizações na Maçonaria" – Editora Maçônica "A Trolha" Ltda. 2017
- "O mestre secreto Grau 4 (Leituras Simbólico – Esotéricas) – Editora Maçônica "A Trolha" Ltda. 2022

Contato: ronaldoviega@hotmail.com/

Polêmicas para livre pensadores

Em que país estou...?

Pelo Irmão Aquilino R. Leal

O M.·.I.·. Aquilino R. Leal é oriundo de Zamora (Espanha), mas mora no Brasil (Lima Duarte — Minas Gerais) desde dezembro de 1952.

Engenheiro electricista e profesor universitario, está aposentado.

Foi iniciado na Maçonaria em 03 de Setembro de 1976, elevado ao grau de Compaheiro em 28 de Abril de1978 e exaltado a Mestre em 23 de Março de 1979. Em 05 de Julho de 1988 sentou no Trono de Salomão.

O M.·. I.·. Aquilino R. Leal foi fundador das lojas Septem Frateris 95 (Rio de Janeiro) em 10/08/1983 e Stanislas de Guaita 165 (Rio de Janeiro) em 20/06/2006. Ambas trabalhando no REAA.

Podem entrar em contato com ele através do endereço: aquilinoapolo@gmail.com

Fato:

Desde 2005 estou morando na pequena Lima Duarte, a aproximadamente 50 km de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Por ser um município do interior, com um pouco mais de 16.000 habitantes, por aqui, felizmente, ainda não existem os Macs da vida, e por não existirem é que fui levado pelos meus filhos, juntamente com o neto, a um desses antros bem conhecidos por Morgan Spuruolock, o cineasta independente norte-americano que em 2004 lançou SUPER SIZE ME - no Brasil o documentário recebeu o nome A DIETA DO PALHAÇO.

Pois bem, logo que cheguei ao *super-hiper* movimentado shopping (tenho ódio de shopping!) de dentro do carro o vem o filho e pondera:

- Nem vale a pena sair do carro! Vamos fazer o pedido através do *drive thru*![1]
- 'Draive o quê'? Argumentei já impaciente e irritado com o maldito trânsito daquela tarde de Domingo. As pessoas de idade se aporrinham com qualquer coisa.
- Se o pai não quiser ou estiver com muita pressa eles tem um sistema de *delivery* bastante eficiente...
- Já que estamos aqui... Vamos fundo! Esquece esse tal de 'deli'... Sei lá! Aqui não tem um cardápio ou algo semelhante?
- Tá lá! Lá no alto esta o *icecat*!
- Ai se... Aí se eu te pego...[2]

Alegando que não estava enxergando devido a um reflexo pedi auxilio ao filho que prontamente me atendeu lendo o que lá estava escrito:

- *Cheese egg, cheesburger, X-burger, milk shake...*

Sem entender porra nenhuma e querendo-me ver livre daquela merda respondi:

- Acho que vou do primeiro, àquele lá encima em letras bem grandes...
- Pô pai! Isso é uma propaganda! *Fast food!*
- 'Fest fude-se' você!
- Pai! Vais de *cheesburger*?

Aceitei! Não sabia o que era, mas acatei a sugestão... E enquanto o tal 'chiseburguer' não vinha notei que um rapaz bebia na própria garrafa uma espécie de refrigerante...

- Pede um desses refrigerantes para mim, e apontei para o cara
- Isso não é refrigerante! É uma *Budweiser*! Queres?
- Não! De buda apenas conheço o pensador chinês e a 'buda' de tua mãe! E essa tal de 'buda vaise' pode ser a 'buda vai-se dar mal'! Tô fora!
- Mas você gosta de cerveja! Ou já esqueceste de tua verdinha *Heineken*? Essa, é uma Bud, é uma cerveja tipo lager, no caso uma long net!
- 'Longui neti'? Internet banda larga?
- Relaxa... Você está muito tenso pai...! Você tem que ir a uma boite, *night club* ou mesmo a um *relax for man!* Tem até uma aqui perto, bem próximo ao motel *My Flower*, logo depois do *Night Club Wonderful Penetration...*

1 *Drive thru* é uma corruptela da expressão *drive-through*, com semelhante pronúncia, que significa literalmente 'através do carro'.

2 "Ai Se Eu Te Pego" é uma canção brasileira que alcançou sucesso nacional e internacional, foi gravada pelo cantor Michel Teló.

- Ô Roberto... Não podes falar em português para que eu entenda?

Pegamos o carro e indo pela Av. Rio Branco, Juiz de Fora, Brasil, nos deparamos com um bonito parque... Inocentemente perguntei:

- Que parque é esse?
- É o Parque Halfeld!
- 'Ráfede'?
- Não! É Halfeld! Halfed!
- Hã...? Nem tentei em repetir... Nem saberia! Também não teria tempo já que o neto bradou:
- Olha lá! Lá na frente! Um bonito e iluminado outdoor!

Tentando mostrar que não estava assim tão desatualizado, perguntei:

- Auto com dor? Nunca vi um carro com... Fui interrompido!
- Pôxa! Estão anunciando a inauguração da nova casa *China in box*! Preços promocionais...
- 'Xana inbox'? Não sabia que agora as xanas...
- Pai! Não é por aí! É comida chinesa: *China in box!* Vamos até lá! Pode ser que o estabelecimento ainda esteja aberto...

Mas chegamos e o filhão exclamou:

- Vamos entrar!
- Como você sabe que está aberto se a porta está fechada?
- Ora pai... Olha lá prá cima, no letreiro luminoso, brilhante a piscar: *open*!

Não tive coragem! Abaixei a cabeça e entrei... Ao limpar a sola dos sapatos no capacho de entrada perguntei quem era esse tal de Well que come no restaurante...

- Tu tá demais pai! O que está escrito no capacho é *wellcome* ou seja, bem-vindo!

Não suportando mais tive um ataque de nervos e fui levado à emergência hospitalar, em cujo gigante letreiro estava escrito *Hospital Estadual Albert Schweitzer*!!

Desmaiei...

Só acordei, em verdade me acordaram, dois dias depois.

- Pai... Acorda! Vamos pagar as despesas hospitalares de ontem. Hoje é o dia de pagamento...
- Quantos dias estou no hospital?
- Duas noites dia pai... E hoje é o dia de pagar as despesas hospitalares... O *pay day*!

Mais rápido que o pensamento e sem me peidar corri para porta de saída tentando fugir do local...

- Não estou mais no Brasil! Quero fugir daqui!

Puxei com extrema força a porta de vidro que não abriu... Bati com a cabeça no vidro e senti que, novamente, ia desmaiar, antes de cair sobre os vidros, gritei:

- Tá escrito **puxe**...
- Pô pai, está escrito *push*, empurre!

Tempos depois acordei na cama do hospital com o barulho das pessoas recolhendo os cacos de vidro... Já era de tarde, os raios alaranjados do Sol que entravam pela janela do quarto denunciavam isso... Quis abrir a janela e lá estava escrito **pull**!!

Claro que não 'pulei'!

Conclusão: In what country am I?

Aos que gostam ler em espanhol: o texto foi originalmente publicado em espanhol, tradução Mario Rico Lopez, na edição nº 167, maio de 2025, de **RETALES DE MASONEIRA**, fac-símiles a seguir.

Sete cartas ao Aprendiz

Carta 1

Pelo M.·.R.·.I.·. Jonas Dias de Souza

Oriente de São João del-Rei, Vigésimo Nono dia do primeiro mês doano de 4622 da E∴M∴
(Dezoito de Março de 2022 da E∴V∴)

Prezado Aprendiz, saudações fraternais.

Eu bem que gostaria de dizer que este escrito remonta aos tempos dos maçons operativos, ou que foi encontrado nas ruínas de uma catedral e que há séculos de tradição escondidas nestas palavras. Mas, não posso fazê-lo. O compromisso assumido com a verdade torna imperativo dizer que estas letras são deste século, o tecnológico XXI. E que o Companheiro Maçom que vos escreve esteve longe das brasas vivas que são os irmãos, e que o vento frio e gélido da ausência em Loja quase apagou esta brasa. Pela graça e vontade do Supremo Arquiteto Do Universo retornou ao seio da maçonaria, esta fraternidade singular. Esta escola de moral e de civismo, cujo ensinamento é velado por símbolos e alegorias.

Então você aceitou o convite? Foi aprovado em um escrutínio secreto e não titubeou, não retrocedeu, aguentou firme as viagens e as provas que lhe permitiram ir de Recipiendário para Aprendiz. Escolheu tomar a pílula vermelha e sair da Matrix numa metáfora atual. Escolheu passar por um processo de iniciação que lhe abriu os olhos e a luz lhe foi revelada. Não pense que o processo será fácil por portar este avental. Haverá momentos em que as dúvidas lhe assolarão. Somos uma ordem composta de homens já de idade avançada. Isto mesmo. Há quem diga que a nossa média de idade remonta aos 55 anos. Bem, considerando a expectativa de vida dos Brasileiros, ainda há muito a ser feito pela Maçonaria. Não nos veja, contudo, como decrépitos. A idade que nos sobra é suplantada pela juventude do espírito, que, é juvenil, quando comparado às Eras da Ordem Maçônica.

Há irmãos que acreditam que somos originários dos Templários, outros que somos descendentes dos Construtores de Catedrais, há ainda outras fantasiosas as quais vamos evitar. Historicamente, nossa ordem tem pouco mais de trezentos anos. E as ações individuais dos maçons ao longo da história dos países, que foram imputadas à ordem colaboraram para que esta se revestisse de uma importância secular e singular.

Por isto você meu irmão verá amigos que sairão das fileiras, em parte devido à impaciência de buscar mudanças graduais e lentas. Irmãos desejosos de transformar a pedra bruta sem aplicar o uso das ferramentas de trabalho. Haverá outros, que, não alcançando o sucesso social que almejaram, desertam para outros lados. A estes desertores se aplicam o epíteto de "alpinistas sociais". E há aqueles que por desconhecerem a graça de um "Conselho de Família" preferem deixar as pequenas querelas e os pequenos senões atrapalharem a "senda maçônica". Não os julguemos com a ferramenta fria do abandono. Pelo contrário, elevemos nossas mentes junto ao **S**upremo **A**rquiteto **D**o **U**niverso para que eles se sintam saudosos de ombrear conosco no trabalho junto a Arte Real.

Para não vos ser cansativo encerro esta missiva desejando um bom trabalho em loja.

O autor

Jonas Dias de Souza,

ARLS Fraternidade e Harmonia 234 (Rito Brasileiro) - São João de-Rei/MG - Brasil

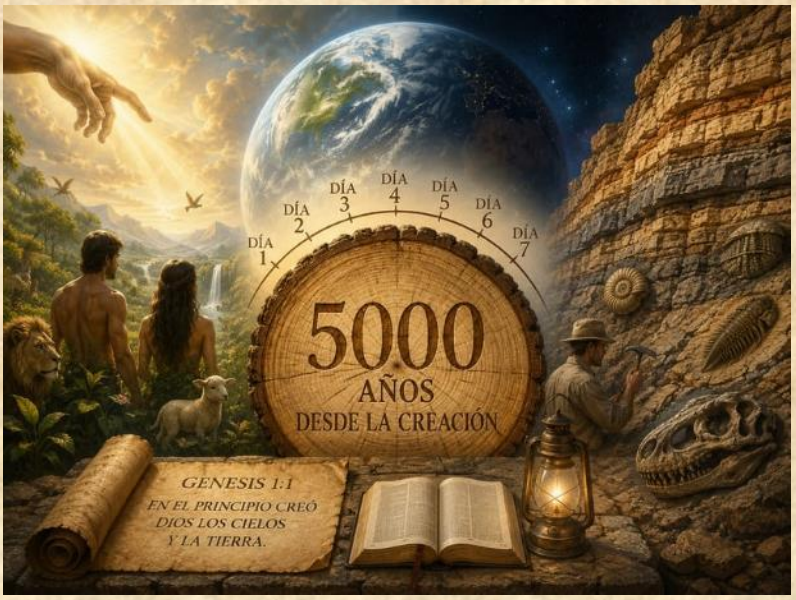
Membro correspondente da Loja Fraternidade Brasileira de Estudos e Pesquisas Nº 172 (Juiz de Fora/MG). Membro ativo do Sublime Capítulo Lysis Brandão da Rocha Nº 201 – Rito Brasileiro (Barroso/MG). Graduado em Filosofia (UFSJ). Pós-Graduado em: Didática e Trabalho Docente (IF Sudeste); Ciências da Religião (UCAM); Ensino de Filosofia no Ensino Médio (UFSJ) e Maçonologia: História e Filosofia (UNINTER).

Secciones fijas

Más o menos

Polémicas para librepensadores

¿La tierra tiene unos 5.000 años?, según los vendedores ambulantes de la fe, ¡Sí!



Por el Venerable Hermano Aquilino R. Leal

El V.·. H.·. Aquilino R. Leal fue fundador de las logias Septem Frateris 95 (Río de Janeiro) el 10/08/1983 y Stanislas de Guaita 165 (Río de Janeiro) el 20/06/2006. Ambas trabajando en el REAA

Ingeniero electricista y profesor universitario, se encuentra jubilado.

Fue iniciado en la Masonería el 03 de Septiembre de 1976, elevado al grado de Compañero el 28 de Abril de1978 y exaltado a Maestro el 23 de Marzo de 1979. El 05 de Julio de 1988 ocupó el cargo de Venerable Maestro.

El V.·. H.·. Aquilino R. Leal fue fundador de las logias Septem Frateris 95 (Río de Janeiro) el 10/08/1983 y Stanislas de Guaita 165 (Río de Janeiro) el 20/06/2006. Ambas trabajando en el REAA.

El hecho:

Aquellos que llamamos 'vendedores ambulantes' de la fe afirman que la Tierra es joven y que los seres humanos y la creación del mundo debieron de ocurrir hace unos cinco mil o seis años. Estos picaros ¡Se basan en preceptos bíblicos para llegar a esta 'verdadera verdad'! Se basan en la Biblia, un libro que se muestra varias veces en nuestras crónicas, en una verdad controvertida, que es un mosaico de historias, leyendas y hechos (normalmente tradiciones de pueblos antiguos) que no tienen fundamento científico más allá de carecer de cierta verdad histórica.

Estas personas inteligentes, amantes del dinero de los incautos que les siguen, comienzan, como se mencionó antes, de pasajes bíblicos, especialmente de los libros de Mateo y Lucas que presentan una genealogía. La de Mateo va desde el nacimiento de Jesús hasta Abram, mientras que la genealogía de Lucas comienza desde el legendario Adán hasta el nacimiento de Jesús.

Lo interesante de todo esto es que estas genealogías son muy diferentes entre sí. ¿Cuál de los dos es incorrecto? ¿O es ambas cosas? Y estos predicadores de mierda se basan en estas falacias, diferentes entre sí, para escupir tonterías, predicar unas cuantas mentiras más a los menos advertidos, a los inocentes que creen en lo que estos sinvergüenzas profesan y, por autoindulgencia (¿vagabundancia?), ni siquiera se molestan en leer el libro sagrado de los cristianos, la Biblia, y se golpean el pecho llamándose verdaderos cristianos. ¡Viles, eso es lo que son!

¡Sí! Las genealogías de Mateo y Lucas difieren entre sí, ¡prácticamente antagónicas! ¿Lo dudas? Así que compara y saca conclusiones y, por favor, ¡no intentes desafiarnos con 'conjeturas'! Lo siguiente es el texto de los dos pasajes bíblicos citados para comparación y conclusión – material extraído de la Biblia, traducido por João Ferreira de Almeida.

Mateus 1:1

1. Libro de la generación de Jesucristo, hijo de David, hijo de Abraham.
2. Abraham engendró a Isaac, e Isaac engendró a Jacob, y Jacob engendró a Judá y a sus hermanos.
3. Y Judá engendró a Pérez y a Zerah de Tamar; y Pérez engendró a Hezrón; y Hezron engendró a Aarón;
4. Y Aarón engendró a Amminadab; y Amminadab engendró a Nahshon; y Nashon engendró Salmón;
5. Y Salmón engendró a Booz de Rahab; y Booz engendró a Obed de Rut; y Obed engendró a Jesse;
6. Y Jesse engendró al rey David; y el rey David engendró a Salomón de ella, que era esposa de Urías.
7. Y Salomón engendró Roboam; y Roboam engendró a Abías; y Abías engendró a Asa;
8. Y Asa engendró Josafat; y Josafat engendró Jerão; y Joram engendró a Uzsías;
9. Y Uzías engendró Jotham; y Jotam engendró a Acaz; y Acaz engendró Ezequías;
10. Ezequías engendró a Manasés, y Manasés engendró a Amón, y Amón engendró a Josías;
11. Y Josías engendró a Jeconias y a sus hermanos en la deportación a Babilonia.
12. Y tras el exilio a Babilonia, Jeconias engendró a Shealtiel; y Salatiel engendró a Zarubbabel;
13. Y Abibabel engendró a Abiud, y Abihud engendró a Eliacim, y Eliacim engendró a Azor.
14. Y Azor engendró a Sadok; y Sadok engendró a Achin; y Achin engendró a Eliud;
15. Y Eliud engendró a Eleazar; y Eleazar engendró a Mattán; y Matán engendró a Jacob;
16. Y Jacob engendró a José, esposo de María, de quien nació Jesús, llamado el Cristo.
17. Así que todas las generaciones, desde Abraham hasta David, son catorce generaciones; y desde David hasta el exilio a Babilonia, catorce generaciones; y desde el exilio a Babilonia hasta Cristo, catorce generaciones.

18. Ahora el nacimiento de Jesucristo fue así: que cuando María, su madre, fue prometida a José, antes de que se unieran, se descubrió que había concebido del Espíritu Santo.
19. Entonces José, su marido, siendo justo y no quiso hacerla pública, decidió encerrarla en secreto.
20. Y mientras pensaba en esto, he aquí, un ángel del Señor se le apareció en sueños, diciendo: "José, hijo de David, no temas tomar a María tu esposa, porque lo que se concibe en ella es del Espíritu Santo;
21. Y dará a luz un hijo, y llamarás su nombre JESÚS; porque él salvará a su pueblo de sus pecados.
22. Y todo esto se cumplió para que se cumpliera lo que el Señor dijo el profeta, diciendo:
23. He aquí, la virgen concebirá y dará a luz un hijo, y llamarán su nombre Immanuel, que se traduce como Dios con nosotros.
24. Y José despertó del sueño, y hizo lo que el ángel del Señor le había ordenado, y tomó a su esposa;
25. Y no la conoció hasta que ella dio a luz a su hijo, el primogénito, y llamó su nombre Jesús.

Lucas 3:22-38

22. Y el Espíritu Santo descendió sobre él en forma corporal, como una paloma; y se oyó una voz desde el cielo, diciendo: "Eres mi amado Hijo, en ti me complaco."
23. Y este mismo Jesús fue, como si fuera, comenzando a tener treinta años, siendo (según se creía) hijo de José y José de Heli,
24. Y Helio de Mattán, y Matán de Leví, y Leví de Melqui, y Melchi de Janai, y Janai de José,
25. Y José de Matatias, y Matatias, y Amós, de Nahum, y Nahum de Esli, y Esli de Nagaí,
26. Y Nagai de Maath, y Mahat de Mattatias, y Mattatias de Shemei, y Shimei de Jodé, y José de Jodeh,
27. Y Jodá de Joanán, y Joanán de Resa, y Resa de Zorobabel, y Zorubabel de Shealtiel y Salatías de Neri,
28. Y Neri de Melchi, y Melchi de Adi, y Adi de Koshan, y Coshan de Elmadan, y Elmadan de Er,
29. Y Er de Josué, y Josué de Eliezer, y Eliezer de Jorim, y Jorim de Mattán, y Mattán de Leví,
30. Y Levi de Simeón, y Simeón de Judá, y Judá de José, y José de Jonan, y Joan de Eliacim,
31. Y Eliacim de Meleá, y Melé de Mená, y Mená de Matata, y Matata de Natán, y Natán de David,
32. Y David de Jesse, y Jessé de Obed, y Obed de Booz, y Booz de Salah, y Salah de Naashhon,
33. Y Naashón de Amminadab, y Amminadab de Aarón, y Aarón de Hezrón, y Hezrón de Pérez, y Pérez de Judá,
34. Y Judá de Jacob, y Jacob de Isaac, e Isaac de Abraham, y Abraham de Terá, y Teré de Nahor,
35. Y Nahor de Seruk, y Seruch de Ragau, y Ragau de Phalek, y Phalech de Eber, y Eber de Salah,
36. Y Salá de Cainán, y Cainán de Arfaxada, y Arfaxad de Sem, y Sem de Noé, y Noé de Lamec,
37. Y Lamech de Matusalén, y Matusalén de Enoc, y Enoc de Jaret, y Jaret de Maleleel, y Maleleel de Cainán,
38. Y Cainán de Eno, y Eno de Seth, y Set de Adán, y Adán de Dios.

Los creacionistas[1] afirman que tasar la edad por carbono 14 no permite 'mediciones' por encima de 6000 años aproximadamente, porque la vida media del carbono 14 es de 5730 años. ¡Olvidan que hay varias vidas medias! De hecho, la datación por carbono 14 permite hasta 10 vidas medias seguras, ¡lo que permite fechar hasta 60 mil años![2] No saben, o omiten intencionadamente, que hay momias y personas congeladas de 10 años y 24 mil años fechadas por carbono 14, lo que afecta esta cronología bíblica además de eliminar esta 'tierra joven'. Ellos, los vendedores ambulantes de la fe, vuelven a omitir la existencia de dinosaurios de 200 millones de años. ¡Olvido?!!!

1 El creacionismo es una creencia que afirma que el universo y la vida en la Tierra fueron creados por una entidad divina o una fuerza sobrenatural, a menudo en oposición a la teoría de la evolución. Es una teoría que busca explicar el origen del universo y la vida basándose en creencias religiosas más que en argumentos científicos.

2 A partir de la décima vida media, el residuo de carbono 14 es tan pequeño que el equipo actual no puede detectarlo cuantitativamente.

Conclusión:

¡Estos charlatanes de la fe que pisotean la ciencia en nombre de sus intereses económicos personales olvidan los servicios que ofrecen los arqueólogos! Aquí en Brasil, por ejemplo, la arqueóloga Niède Guigon[3], responsable de descubrimientos que revolucionaron la comprensión del poblamiento de América, identificó más de 700 yacimientos prehistóricos, incluyendo 426 muros de pinturas rupestres y evidencias de antigua presencia humana; la comunidad científica argumentó que los primeros habitantes del continente americano llegaron hace unos 13.000 años; después de Niède, Y otros investigadores, ¡la tesis de que hubo humanos en el continente durante al menos 25 mil años ya está aceptada! El arqueólogo argumentó que la ocupación de América era mucho más antigua, ¡habiendo comenzado hace más de 100 mil años!

¿Y ahora, caballeros vendedores ambulantes de fe? La Tierra no es tan joven como afirmáis, los estafadores, basándonos en escritos bíblicos dudosos. Pues sigue vendiendo milagros, pero sin tener la honestidad necesaria para vender.

"La religión aliada a la política es un arma perfecta para esclavizar a los ignorantes".
(Júlio César de Melo)

Próximo número: La fe como suspensión de la ética!

3 Nació el 12 de marzo de 1933 en Jaú, São Paulo, Brasil, y falleció el 4 de junio de 2025 a los 92 años.

Libro del mes

Ficha técnica

Título.....	Cartas a Constant
Subtitulo….	Filosofía de la masonería
Autor…..…	Johann Gottlieb Fichte
Páginas…..	188 pág
ISBN……....	979-13-87560-78-2
Tamaño…..	15.2 x 22.9 cm
Publicado…	21-12-2025 (1ª ed.)
Precio……..	17.99€

Enlaces: **https://www.masonica.es/libro/filosofia-de-la-masoneria-cartas-a-constant_169337/**

Descripción

En *Cartas a Constant*, Johann Gottlieb Fichte aborda una de las cuestiones más singulares de su pensamiento práctico: el sentido filosófico de la masonería en la sociedad moderna. Escritas entre 1802 y 1803, estas cartas adoptan la forma de un diálogo reflexivo dirigido a un interlocutor ficticio, desde el cual Fichte examina la función de una institución situada entre el individuo y el Estado, entre la vida privada y la comunidad histórica.

Huyendo de toda interpretación esotérica o conspirativa, Fichte concibe la masonería como una posibilidad racional: una asociación destinada a corregir la formación unilateral que produce la sociedad civil y a restituir, mediante el ejercicio consciente de la razón, una educación plenamente humana. En este marco, la masonería no es un fin en sí misma ni un depósito de secretos, sino un medio histórico condicionado, cuya legitimidad depende exclusivamente de su contribución a la libertad moral, al derecho y al progreso racional de la humanidad.

El texto desarrolla así una reflexión de gran alcance sobre educación, religión moral, Estado, cosmopolitismo y trabajo, y ofrece al mismo tiempo un criterio filosófico para evaluar críticamente las formas históricas de la masonería y sus desviaciones. *Cartas a Constant* ocupa por ello un lugar central en la transición del idealismo trascendental de Fichte hacia sus escritos políticos y educativos posteriores.

El autor

Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) fue una de las figuras centrales del idealismo alemán y uno de los pensadores más influyentes del tránsito entre la Ilustración y la filosofía moderna. Discípulo crítico de Kant, desarrolló una concepción radical de la libertad como principio activo del pensamiento, de la moral y de la vida social, que ejerció una profunda influencia en Schelling, Hegel y la filosofía posterior.

Profesor en Jena y Berlín, Fichte combinó una obra sistemática de gran rigor la Doctrina de la ciencia con escritos de intervención ética, política y educativa. En textos como Cartas a Constant abordó instituciones, prácticas y formas de sociabilidad desde una perspectiva filosófica exigente, alejándose tanto del dogmatismo como del esoterismo. Su pensamiento, marcado por la idea de formación humana integral, sigue siendo una referencia ineludible para comprender la relación entre libertad, comunidad y responsabilidad moral.

Masones célebres

Nathan Roscoe Pound

Curriculum Masónico

Maestro: 1901 - **Venerable Maestro** : 1905 de la Lancaster Lodge No. 54, Lincoln, Nebraska
Grand Orador: 1907 - Honorary Past Grand Master Grand Lodge of Nebraska
Diputado del Grand Master: 1916; Grand Lodge of Massachusetts
Fundador: 18 de mayo 1922 de la Harvard Lodge
Afiliado en: 1908 a la Woodlawn Park Lodge No. 841, Mass.

Biografía

Masonry has more to offer the twentieth century
than the twentieth century has to offer Masonry.
Roscoe Pound

Nathan Roscoe Pound (Lincoln, Nebraska, 27 de octubre de 1870 – Cambridge, Massachusetts, 1 de julio de 1964) fue un jurista y educador estadounidense, considerado uno de los máximos exponentes de la filosofía del derecho. Comenzó estudiando botánica en la Universidad de Nebraska, donde obtuvo su bachelor (1888), master (1889) y el primer doctorado en botánica de esa universidad (1898).

En 1889 ingresó a Harvard para estudiar derecho, pero nunca obtuvo un título legal; tras un año regresó a Nebraska. Entre 1892 y 1903 trabajó como botánico para el Servicio Estatal de Inspección.

Desde 1899 hasta 1907 enseñó derecho en la Universidad de Nebraska, simultaneando con el ejercicio de la abogacía. Ocupó cargos en el sistema judicial de Nebraska: comisario de apelaciones de la Corte Suprema (1901-1903) y comisionado para la uniformidad de las leyes (1904-1907).

Fue decano de la Facultad de Derecho de Nebraska (1903-1911) y posteriormente decano de Harvard Law School (1916-1936), donde desarrolló la mayor parte de su investigación. También enseñó en Northwestern, la Universidad de Chicago y UCLA (1949-1952).

Pound inspiró la 'escuela legal sociológica', que propone adaptar la estructura legal a las condiciones de cada sociedad; esta teoría se considera un soporte teórico del New Deal de Roosevelt.

Entre sus obras destacan The Spirit of the Common Law (1921), Introduction to the Philosophy of Law (1922) e Interpretations of Legal History (1923). Después de la Segunda Guerra Mundial asesoró al gobierno nacionalista chino en la organización de su sistema judicial.

Murió en 1964 y fue incluido en el Nebraska Hall of Fame en 1976.

Fuentes: https://freemasonry.bcy.ca/biography/pound_r/pound_r.html

Diccionario masónico

HÉRCULES o HERACLES

En el Templo de las logias simbólicas, en la parte del Occidente y a la derecha del primer Vigilante, se encuentra la estatua de Hércules representando la Fuerza (una de las columnas que sostienen el Templo masónico).

Simboliza la fuerza bienhechora e inteligente que como su personaje, consagra su energía (su vida) al servicio de la humanidad (destruir monstruos, protección del oprimido, etc.).

KADOSCH

Palabra hebrea que quiere decir consagrado o santo. Da nombre a un alto grado y sistema masónico en la mayoría de los antiguos Ritos, correspondiendo al grado de filiación templaría que recuerda la necesidad de esperar de la Justicia Inmanente del Universo las consecuencias de las acciones humanas.

Sobre el origen de este grado los historiadores no se ponen de acuerdo, aunque la leyenda cuenta que tras la persecución de los templarios, algunos de éstos se refugiaron en Escocia bajo la protección de logias masónicas. Los templarios agradecidos. iniciaron a los masones en los misterios de la Orden. fundando un grado masónico equivalente al de Caballero Templario al que denominaron Caballero Kadosch.

A este nuevo grado le confirieron como fines la venganza del asesinato de Jacobo de Molay y la restauración del temple, hasta que en 1793 se le dio un carácter filosófico.

RECONOCER.

A la pregunta: '¿sois masón?", el que lo es no responde con un sí, sino con "mis hermanos ……". contestación que significa que el masón no juzga apresuradamente, sino que espera y considera la opinión de los demás hermanos.

Esto se constata en los signos y palabras de reconocimiento, a través de las que se ejerce el mutuo reconocimiento. El reconocimiento, como muestra de agradecimiento por los beneficios y gracias recibidas está desarrollado en la fiesta solsticial de verano, así como la de invierno lo está a la esperanza.

V:.L:.

Abreviatura de verdadera luz, que se utiliza para computar la fecha en los documentos. Este cómputo de las fechas se basa en la referencia simbólica de la creación del mundo, de la construcción del templo de Salomón, de la fundación de la Orden, etc. Según el rito trabajado.

Fotos y documentos masónicos

Diferentes medallas másonicas

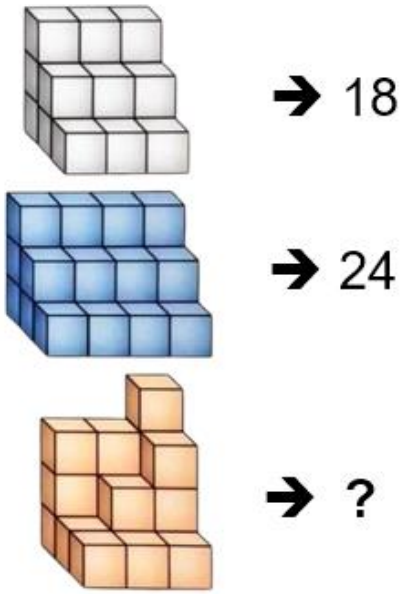
.

Pasatiempos

Sección a cargo del V.·.H.·. Aquilino R Leal

Pasatiempo 1

La propia figura explica lo que buscamos.



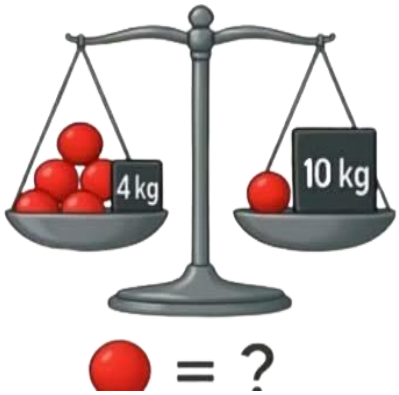
Pasatiempo 2

Si 2=1, ¿cuánto es 2+2+2+2?

a) 1 b) 2 c) 4 d) 8 e)16

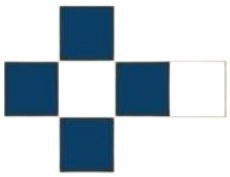
Pasatiempo 3

Creemos que no precisamos explicar lo que precisa ser calculado



Pasatiempo 4

Como abrimos la sesión de pasatiempos de este mes con cubos, terminemos desafiando a los lectores con un pasatimepo que también involucre cubos.



¿Cuál, o cuales de las figuras de abajo pueden representar el cubo montado a partir de la planificación lateral?

A)

B)

C)

D)

E)

F)

Todas las respuestas/soluciones de los pasatiempos, serán publicadas en la próxima edición. Mientras tanto, si quiere enviarnos su respuesta estaremos contentos de recibirlas y publicar las más originales retalesdemasonería@gmail.com o coordinador@retalesdemasonería.com

Soluciones al número anterior – Junio 2026

Pasatiempo 1

Usando símbolos matemáticos básicos (+, -, ÷, x etc.) consiga que las igualdades de abajo se verifiquen, es decir, sean verdaderas igualdades matemáticas.

5 5 5 = 6
6 6 6 = 6
7 7 7 = 6
8 8 8 = 6

Solución

En este pasatiempo apenas cabe la respuesta, sin embargo alertamos que existen varias otras alternativas a la respuesta dada.

5 ÷ 5 + 5 = 6
6 + 6 - 6 = 6
7 - 7 ÷ 7 = 6 (recuerde la división es preferente: el calculo es 7 – 1 = 6)
8 8 8 = 6 → este caso lo resolvemos por médio de raízes cúbicas: $\sqrt[3]{8} + \sqrt[3]{8} + \sqrt[3]{8} = 6$

Pasatiempo 2

Un rompecabezas interesante que parece difícil de resolver. Cada animal que aparece a continuación está asociado a un número. ¿Cuál es el número asociado a la jirafa?

TAPIR → 521

BURRO → 52

CABALLO → 73

JIRAFA → **?**

Pista: A priori ¡nada de matemática! Apenas Asociación de letras de cada palabra con valores numéricos.

Solución

Dado que, según la pista, las letras están asociadas a valores numéricos, los dos primeros datos muestran que el primer dígito indica cuántas letras tiene la palabra, lo cual se confirma con la palabra de 7 letras 'caballo' a la que se asocia el valor 73.

La segunda y tercera información numérica del enunciado claramente dejan entrever que indica la posición de la primeira letra em el abecedario, situación que se verifica em la segunda información del enunciado pues a letra **b** ocupa la segunda posición del alfabeto español, razón por la cual el valor asociado es 52, hecho que puede ser confirmado en el primer y tercer caso.

Entonces, para el caso de 'jirafa' tenemos 6 letras y que la letra **j** ocupa la 10ª posición en el abecedario, de esta forma podemos hacer la siguiente asociación: jirafa → 610

Resp.: El número 610 es el que debe ser associado a la palabra 'jirafa'

Pasatiempo 3

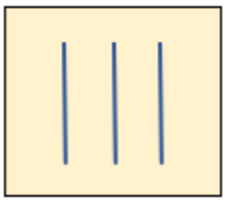
Otro pasatiempo para atormentar nuestras neuronas.

Diseñe un cuadrado con tres líneas. Caso sea imposible diga y justifique el porqué.

Solución

Como se expone en el proprio enunciado, se trata de un rompecabezasa y no de una cuestión de matemática propiamente dicha, por eso la respuesta es ¡sí!

¡Sí! ¡Es posible diseñar un cuadrado con tres líneas! Vea bajo este texto uma de las possibilidades.



Pasatiempo 4

Um desafio interesante para los que aprecian y aún se acuerdan de la *vieja* matemática, y quien ya olvidó, servirá como una especie de reavivamiento de la memoria.

I El símbolo de las Reliquias de la Muerte está formado por tres elementos

- Δ La capa de la invisibilidad (*Triángulo equilatero)*
- Δ La varita de Saúco *(Línea vertical)*
- Δ La piedra de la Resurrección *(Circunferencia)*

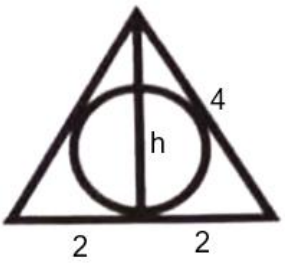
Si el símbolo tiene un perímetro de 12 cm, determina:

a) Angulos interiores de la capa
b) Medida de la varita de saúco
c) Radio de la Piedra de la Resurreción
d) Area de la Piedra de la Resurreción

II La Piedra de la Resurreción original tenía un diámetro de 2 cm. El profesor Dumbledore la guardó en la Snitch dorada del primer juego de Quidditch de Harry Potter. La piedra ocupó una ¼ parte del espacio dentro de la Snitch ¿Cuál es el volumen de esta última?

Solución
[I]

a) Se trata de un triángulo equilátero según el enunciado: lados y ángulos 'iguales' (congruentes). Por la ley angular de Thales cada uno de estos ángulos mide 60º (180÷3).



b) En realidad se trata de la altura **h** del triángulo equilátero, en este caso de lado 4 cm (12÷3). Esta altura divide el lado opuesto, base, en dos partes iguales y por ser perpendicular a la base podemos aplicar el teorema de Pitágoras, o sea:

$h=\sqrt{4^2-2^2}$ → $h=2\sqrt{3}$, por tanto, la medida pedida e aproximadamente igual a 3,46 cm

c) La *vieja* geometría nos enseña que el radio **r** de la circunferencia inscrita en un triángulo equilátero es la tercera parte de su altura. De acuerdo con el resultado anterior: $r=\frac{2\sqrt{3}}{3}$ cm o, aproximadamente 1.54 cm.

d) Se trata de calcular el área de un círculo cuyo radio fue calculado en el caso anterior. Recordando que el área **S** de um círculo es dada por $S=\pi r^2$ tenemos: $S=\pi\left(\frac{2\sqrt{3}}{3}\right)^2=\frac{4}{3}\pi$, portanto $S\cong 4{,}19$ cm^2.

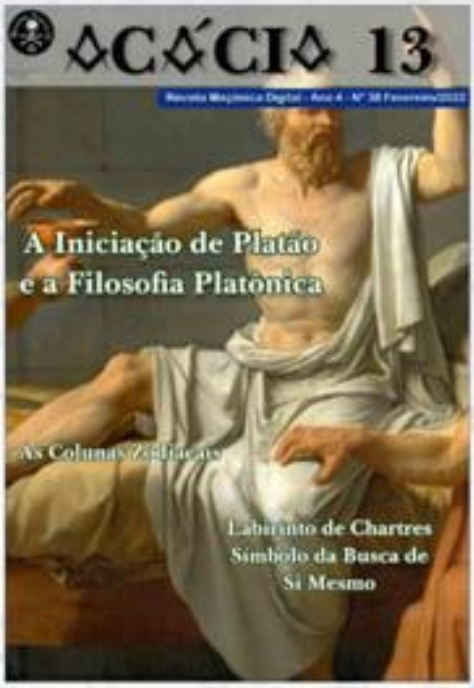
[II]

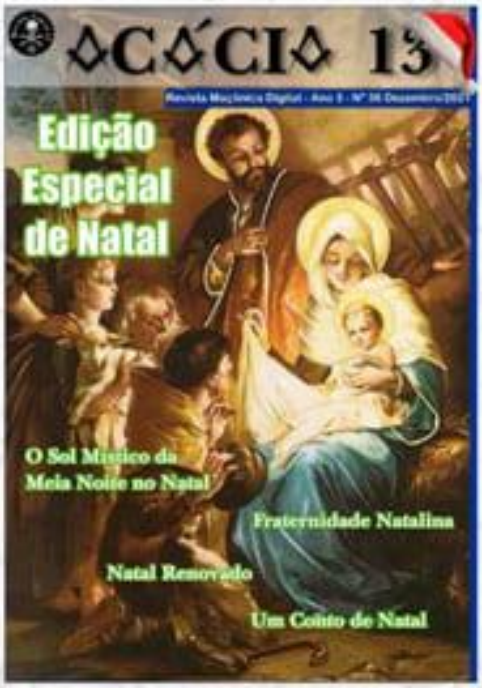
Según el enunciado, la piedra de la resurrección tenía un diámetro de 2 cm, ocupando ¼ del área dentro de la Snitch; por lo tanto, el área de la Snitch es el cuádruple del área de la piedra.

Vimos arriba que el área S de un círculo de radio **r** se calcula con la expresión $S=\pi r^2$, en este caso r=1 cm (recordar que el diámetro es 2 cm y es el doble del radio que, por consiguiente, mide 1 cm, la mitad). Tenemos $S= \pi \cdot 1^2=\pi$, el área pedida tiene el valor 4π (el cuádruple), por lo tanto, el área buscada es aproximadamente 12,5 cm^2 (consideramos $\pi=3,14$).

CASI MATEMÁTICA DIVERTIDA

Enamorarse es lo mismo que la matemática: solo da problemas. (Katy Parry)





REVISTA MAÇÔNICA DIGITAL
ACÁCIA 13

Publicação Mensal

Administração
Wagner Tomás Barba (L.·.376)
Joaquim Domingues Filho (L.·.547)

Conselho
Omar Téllez (L.·.329)
Alessandro Zahotei (L.·.605)
Paulo da Costa Caseiro (L.·.512)
André Luís Almeida Nascimento (L.·.188)
Cláudio Sérgio Foltran (L.·.184)
Paulo Fernando de Souza (L.·.547)
Francisco Assis Javarini (L.·.595)

Editor, Criador, Jornalista Responsável e iniciativa.
Wagner Tomás Barba (L.·.376)
MTB 67.820/SP

Esta Revista está sendo enviada para mais de 7.000 (Sete mil) Irmãos.

O objetivo desta Revista é integrar os Irmãos e levar mais conhecimento maçônico.

REVISTA GRATUITA
PROPAGANDAS GRATUITAS

E-Mail: revista.acacia13@gmail.com

300 AÑOS DE MASONERÍA

En 1717, la Gran Logia de Londres se reunió por primera vez en la posada The Goose and The Gridiron.

Fue el comienzo de nuestra historia reciente.

En estos 300 años se han escrito miles de libros que describen la masonería con toda clase de sentimientos: odio, amor, indiferencia, desprecio, admiración... Nosotros hemos buscado los que mejor la definen: rigor, veracidad, análisis, autocrítica, fidelidad...

Con paciencia hemos recogido más de 300 libros que conmemoran esos 300 años de una historia que ha sido decisiva para la construcción de las sociedades occidentales modernas: derechos humanos, respeto a la vida, librepensamiento, progreso, solidaridad... En estas páginas encontrará una buena muestra de todo ello. Es el trabajo de miles de hombres y mujeres que, en el sigilo impuesto por los grandes totalitarismos, ha logrado hacer casi realidad uno de los trilemas más admirados en el mundo libre actual:

LIBERTAD - IGUALDAD - FRATERNIDAD

masonica.es®

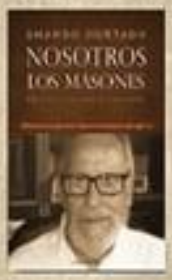
EDICIONES DEL ARTE REAL

MASONICA.ES® es una editorial que publica y distribuye libros en papel y formato digital sobre la Francmasonería. Nuestras colecciones reúnen obras de verdadero interés para el masón, el investigador, el estudioso y toda aquella persona que se interese por esta inmensa obra de construcción humana.

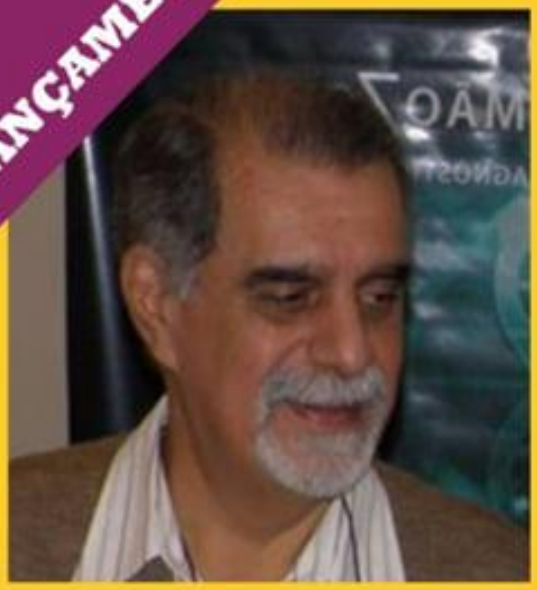
MASONICA.ES® es una entidad que presta sus servicios abiertamente a toda persona interesada en los temas de la Francmasonería Universal, bien pertenezca a ella o no. Todas sus obras y servicios son de libre venta y distribución según los precios y condiciones reflejados en cada pedido.

MASONICA.ES®, como entidad, no pertenece ni tiene vinculación directa con ninguna Orden u Obediencia masónica en particular (salvo la propia pertenencia de sus propietarios a alguna de ellas). Es una empresa privada que desarrolla su actividad exclusivamente en el área editorial de la Francmasonería.

Mas de 300 titulos en catálogo.
Visite nuestra web en
HTTP://MASONICA.ES



LANÇAMENTO!

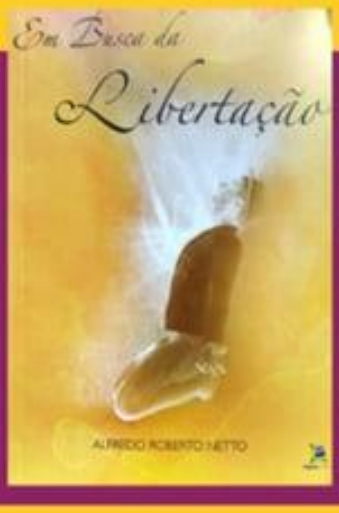


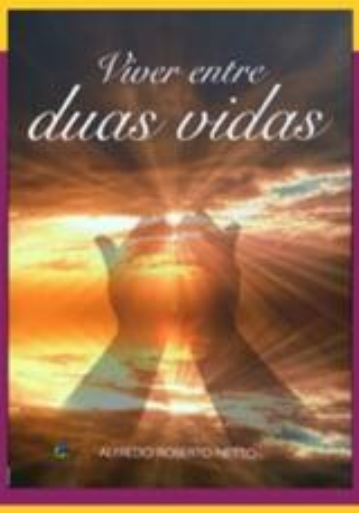
Alfredo Roberto Netto EM EXPOSIÇÃO

O PASSE À LUZ DO ESPIRITISMO

ENVIE E-MAIL OU ENTRE EM CONTATO PELO WHATSAPP!

CONHEÇA AS OUTRAS OBRAS DO AUTOR À VENDA:





AS VENDAS DOS LIVROS SE CONVERTERÃO EM PATROCÍNIO À

Entidade Paramaçônica vinculada à GLESP

55 11 99686-7324

roberttinetto@uol.com.br

LIBRO NUEVO LANZAMIENTO

MANUAL
APRENDIZ INICIADO
autor: JORGE N. CORNEJO

EDICION 2026

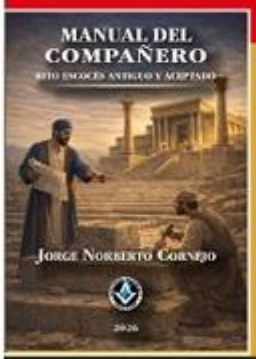
El comienzo del Camino.
Símbolos, herramientas e Iniciación explicados con claridad para el Aprendiz, que busca comprender, aprender y dar sus primeros pasos hacia la Luz.
Una base sólida para construir toda la obra masónica.

OFERTA LANZAMIENTO
VENTA DIRECTA EDITORIAL
$ 27.000
PEDIDOS WHATSAPP: 351 6 809 627
edicionesmasonicas@yahoo.com

LIBRO NUEVO LANZAMIENTO

MANUAL
COMPAÑERO
autor: JORGE N. CORNEJO

EDICION 2026



Aprender y Crear.
El grado del conocimiento activo.
Geometría, símbolos y trabajo consciente para el Compañero que transforma el aprendizaje en creación.
Una guía imprescindible para avanzar en el Taller del Mundo.
¡Gloria al Trabajo!

OFERTA LANZAMIENTO
VENTA DIRECTA EDITORIAL
$ 23.000
PEDIDOS WHATSAPP: 351 6 809 627
edicionesmasonicas@yahoo.com

LIBRO NUEVO LANZAMIENTO

MANUAL
MAESTRO
autor: JORGE N. CORNEJO

EDICION 2026

La búsqueda de la Palabra Perdida
El grado de la Maestría interior.
Hiram, el Verbo y la Sabiduría como claves del Maestro que busca plenitud, conocimiento y sentido.
Un libro para quien aspira a ocupar su lugar entre la Tierra y el Cielo.

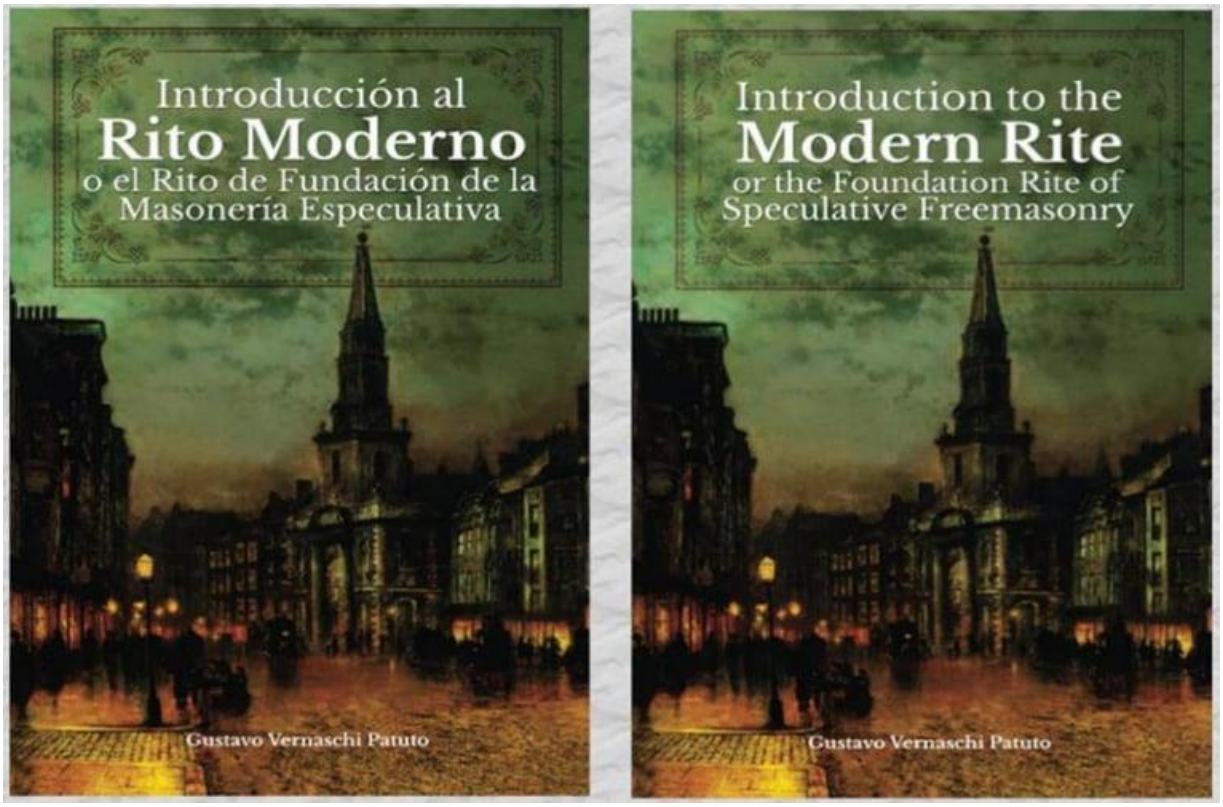
OFERTA LANZAMIENTO
VENTA DIRECTA EDITORIAL
$ 23.000
PEDIDOS WHATSAPP: 351 6 809 627
edicionesmasonicas@yahoo.com

LIBROS NUEVO LANZAMIENTO
EDICION 2026

MANUAL
MASONERIA
SIMBOLISMO
autor: JORGE N. CORNEJO

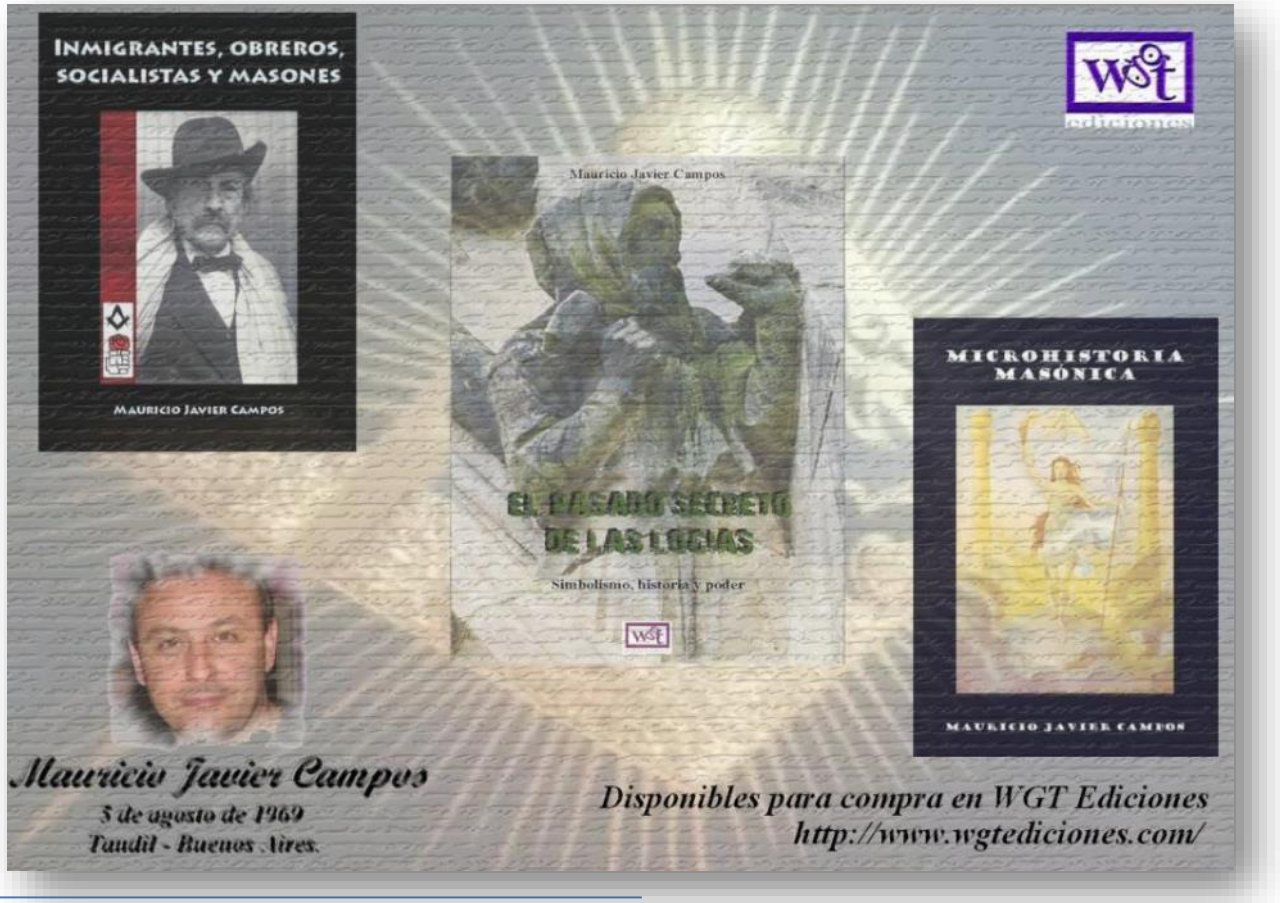
APRENDIZ $ 27.000 **COMPAÑERO $ 23.000** **MAESTRO $ 23.000**

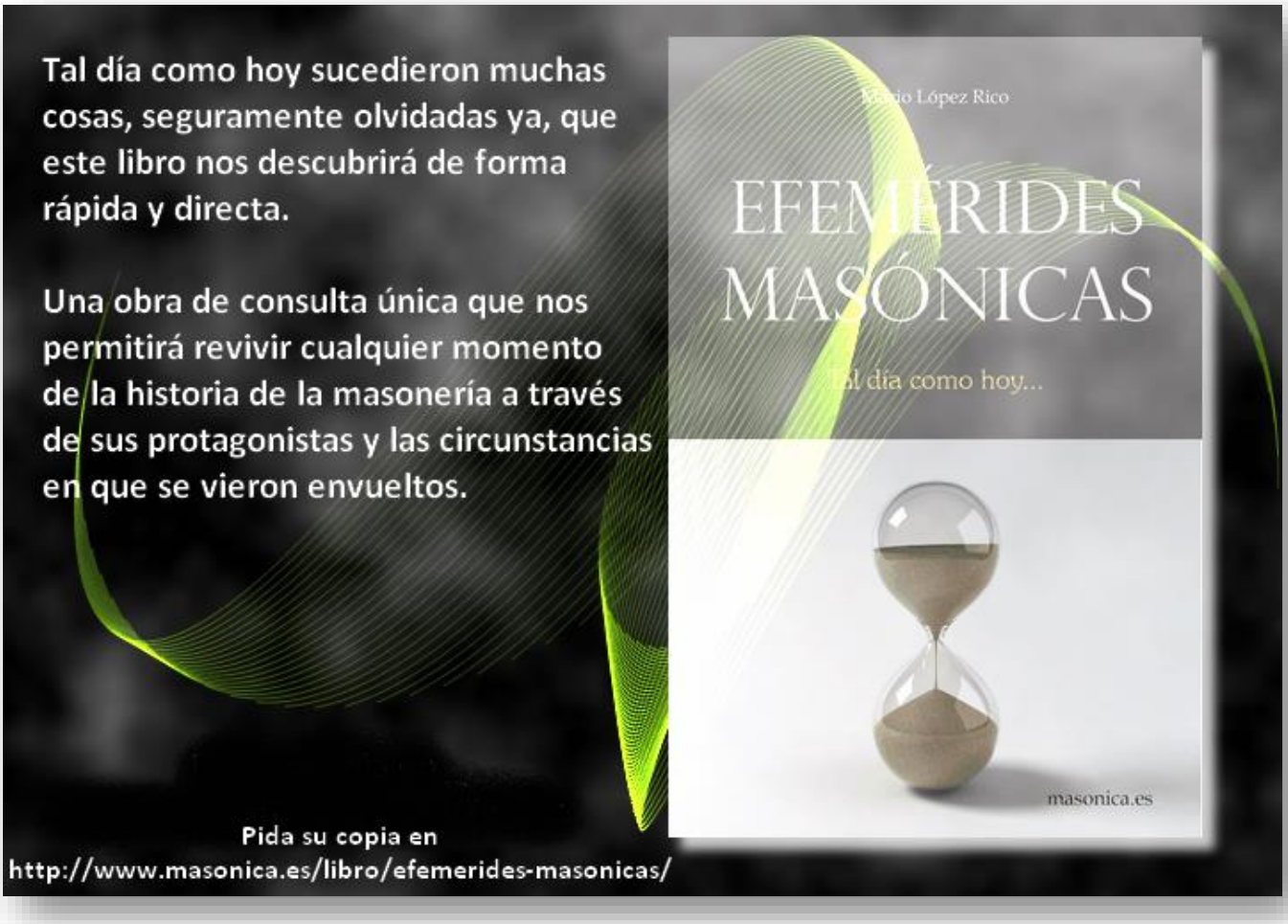
COMBO OFERTA
VENTA DIRECTA EDITORIAL
$ 67.000
ENVIO GRATIS*
PEDIDOS WHATSAPP: 351 6 809 627
edicionesmasonicas@yahoo.com
(*) ENVIO A SUCURSAL ANDREANI MAS CERCANA



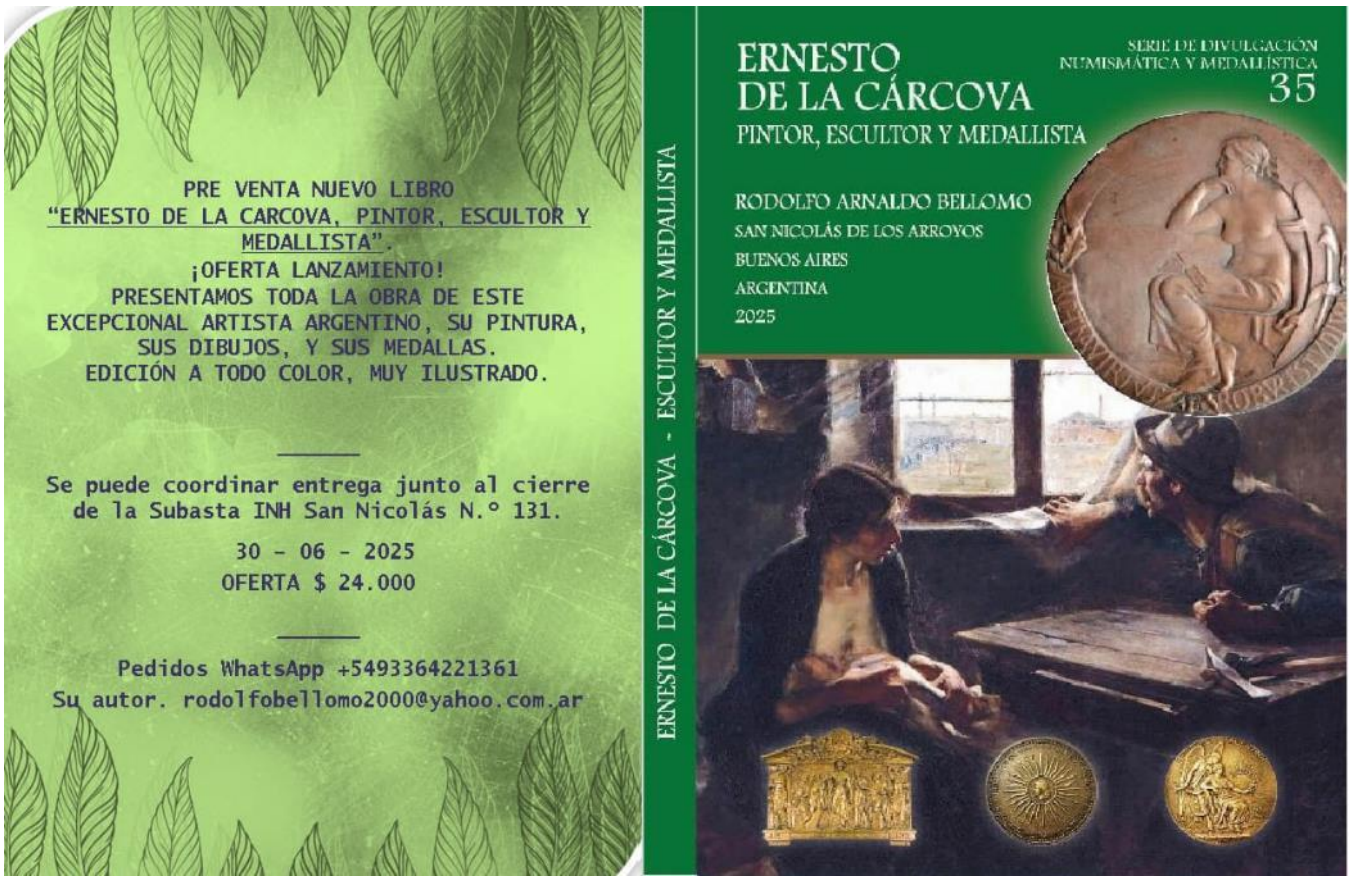
Consiga su copia en Amazon

Introducción al Rito Moderno o el Rito de Fundación de la Masonería Especulativa (Spanish Edition)
Introduction to the Modern Rite or the Foundation Rite of Speculative Freemasonry

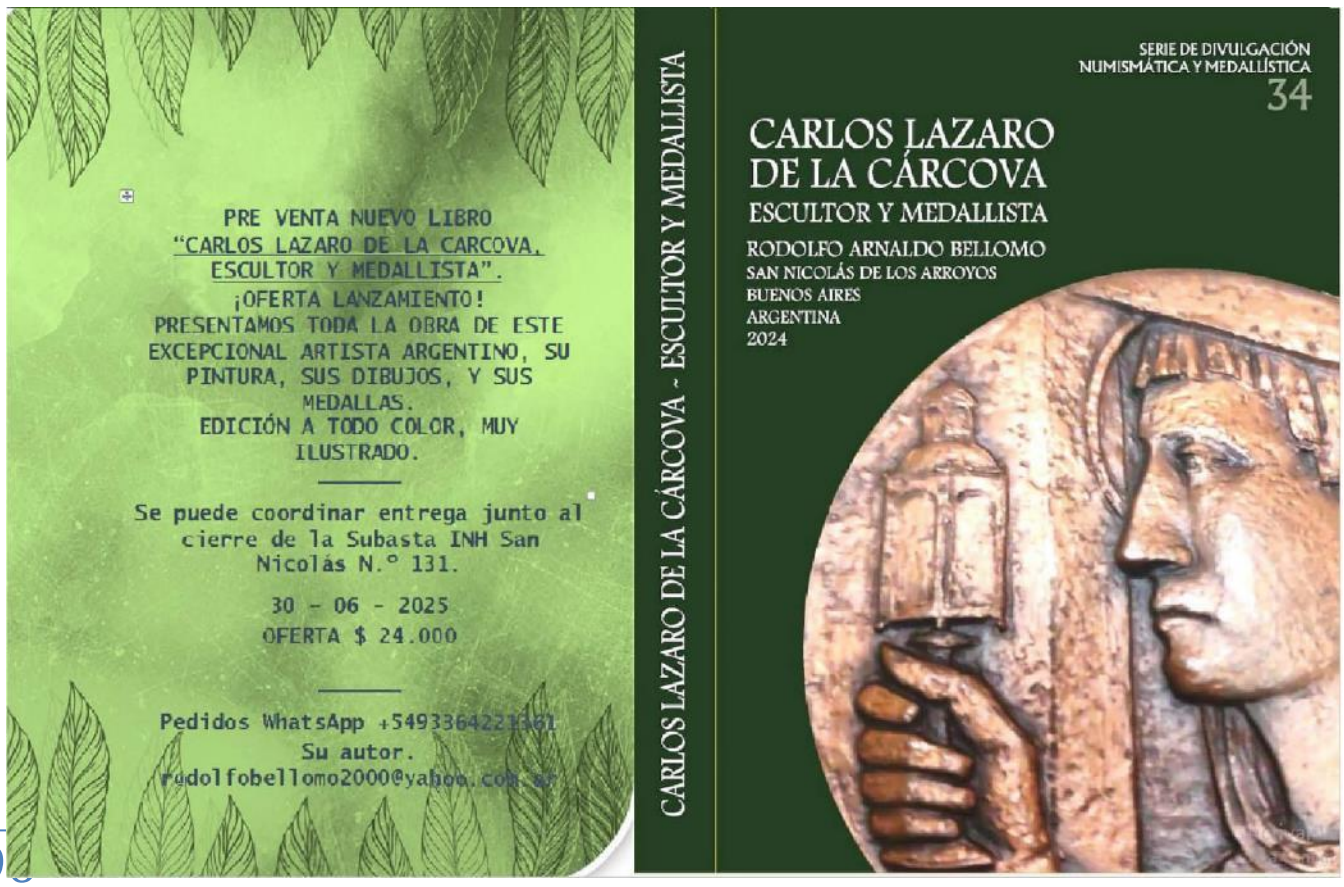


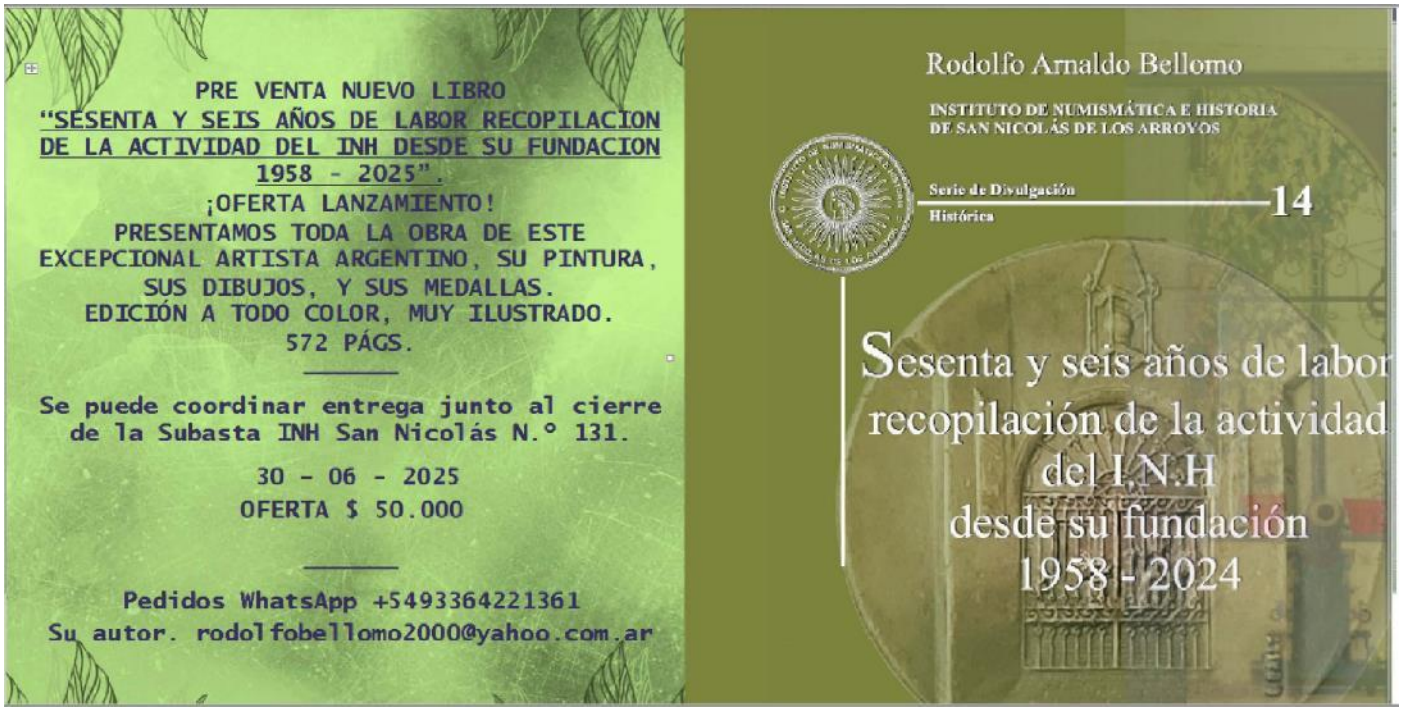

Tal día como hoy sucedieron muchas cosas, seguramente olvidadas ya, que este libro nos descubrirá de forma rápida y directa.
Una obra de consulta única que nos permitirá revivir cualquier momento de la historia de la masonería a través de sus protagonistas y las circunstancias en que se vieron envueltos.
Mario López Rico
EFEMÉRIDES MASÓNICAS
Tal día como hoy...
masonica.es
Pida su copia en
http://www.masonica.es/libro/efemerides-masonicas/

Haga clic para acceder a la web
El estudio comparado de los ritos masónicos
https://parvis.com.ar/el-estudio-comparado-de-los-ritos-masonicos/

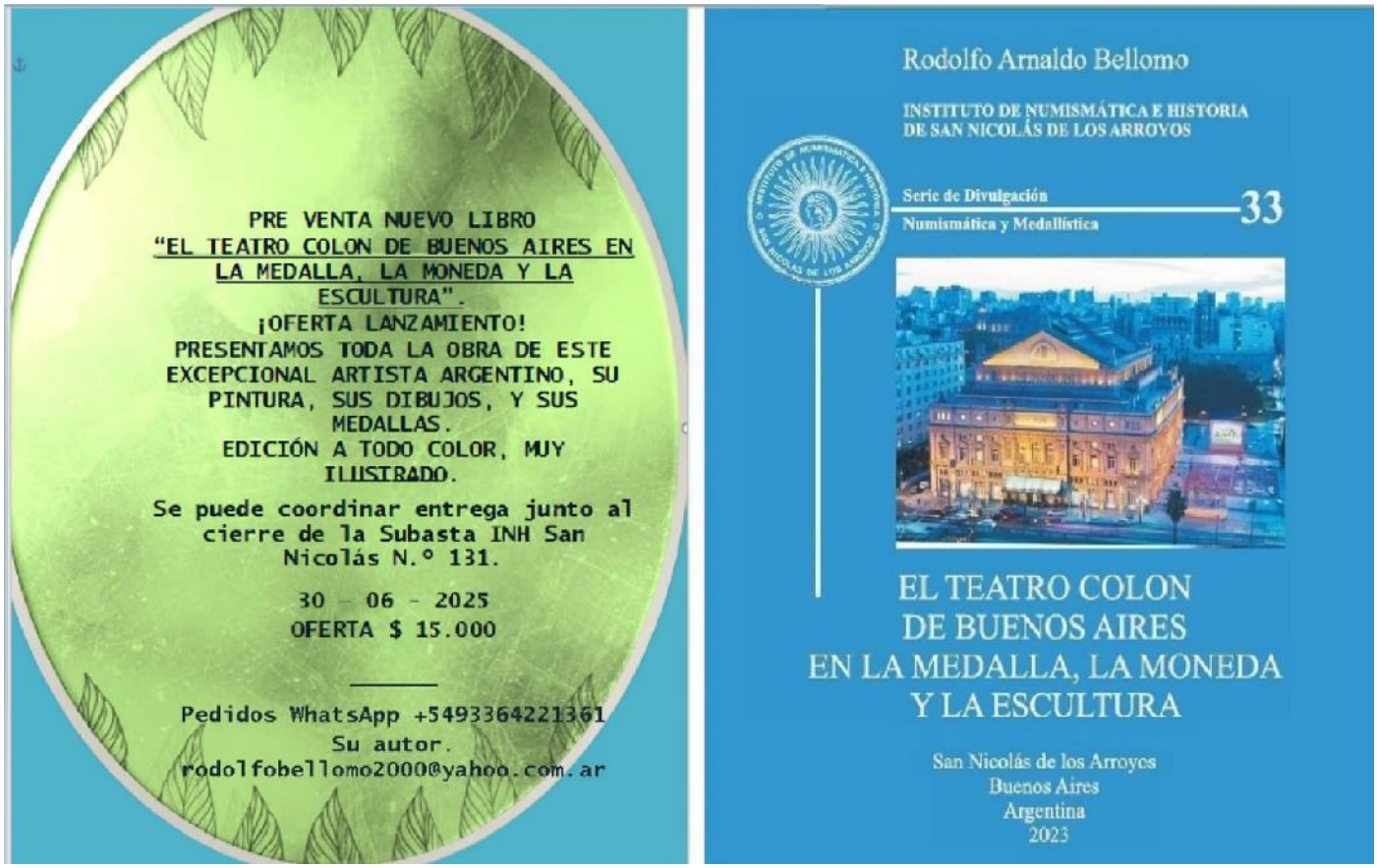


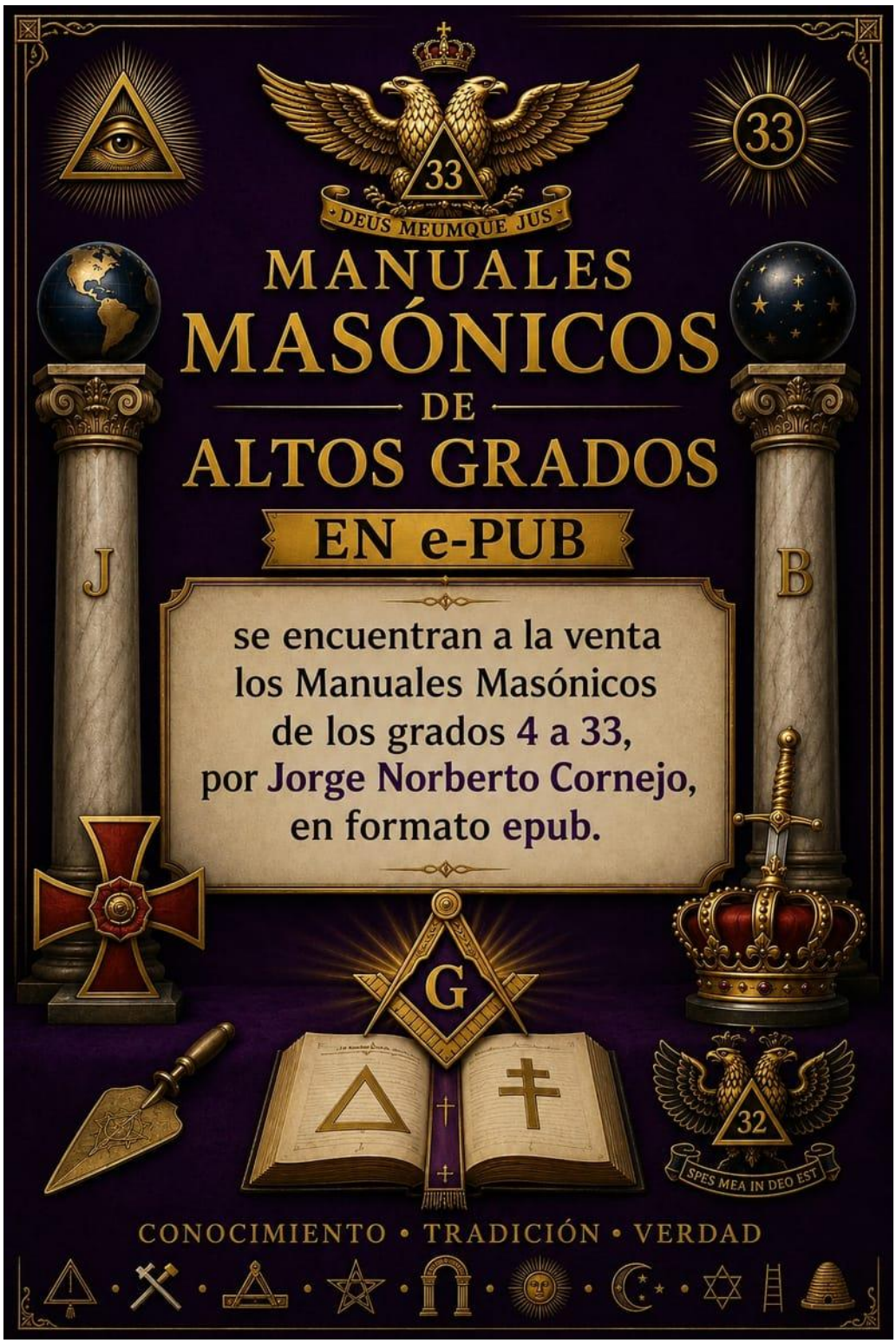
Si desea su copia contacte con el autor (vea información en las imágenes)
Envios solo dentro de ARGENTINA – Precio en PESOS ARGENTINOS





Si desea su copia contacte con el autor (vea información en las imágenes)
Envios solo dentro de ARGENTINA – Precio en PESOS ARGENTINOS





Para los Hermanos y Hermanas de Argentina, pedirlos a: jorgenor.cornejo@gmail.com
wattsapp 1125517672
El precio de cada Manual es de $7500. Hay descuento si adquieren varios.

Hermanos y Hermanas del exterior, pedir a: carlosaloforte@gmail.com edicionesmasonicas@yahoo.com
wattsapp 351 6 809 627
El precio es de aproximadamente 5 dólares cada Manual. También hay descuento si adquieren varios.

En el próximo número

Masonería moderna, protestantismo y excomunión católica (III)
Por el Venerable Hermano Melki Tsedek

Resulta paradigmático de que la Masonería es evidentemente la única organización iniciática del mundo que no está ligada a un exoterismo particular. Es por esta razón de que no deberíamos condenar a los Masones por adherirse a cualquiera de los esoterismos existentes en la actualidad, claro está que aquí nos referimos a la parte "exterior" de las organizaciones Tradicionales particulares que actualmente son legítimas, "verdaderas" y vivientes, es decir, que están aún vigentes en este momento y ellas son: el Hinduísmo, el Budismo, el Tao, el Judaísmo, el Islam y por supuesto el Cristianismo; [...]

Revisión bibliografica
Por el Venerable Hermano Carlos E. Maurin Fernández
[.....]Una revisión bibliográfica cuya sigla es (RB.) es la prolija búsqueda de información sobre un tema determinado en la documentación especializada. Su finalidad es obtener antecedentes actualizados sobre tal tema considerando los enfoques que presenten diversos tratadistas, en especial si hay posiciones divergentes [.....]

La paradoja del silencio
Por el Querido Hermano Ivonaldo Porto
"Después de mucho investigar, leer, escuchar y, sobre todo, intentar comprender, confieso que permaneció en mí una inquietud que aún no ha encontrado descanso. Me refiero al llamado "silencio del aprendiz", frecuentemente pregonado y exigido dentro de la Masonería como una virtud iniciática indispensable para el progreso dentro de la Orden.."

Escritores famosos da Itália e que também eram maçons (VI)
Pelo Venerável Irmão José Ronaldo

"Quinta entrega da interessante serie do nosso caro irmão e colaborador habitual que nos deleita com uma serie sob escritores da Itália que eram maçons como números atras fez com os da Inglaterra."

…y, como siempre, mucho más: artículos de otros colabores, las secciones fijas y los pasatiempos

¿Le falta algún número? Descárguelo desde nuestra hemeroteca

Blog de la revista **Web de la revista**

retalesdemasonería@gmail.com
coordinador@retalesdemasoneria.com